

The background image is a composite of two scenes. The top scene shows a man with a beard and mustache, wearing a light green button-down shirt, holding a large, dark brown leather hat. The bottom scene shows a woman with dark hair, wearing a purple patterned top, hugging a young girl with long brown hair who is wearing a white top. They are sitting in a field of tall green grass with small purple flowers.

uma família INESPERADA

A L I N E P Á D U A



uma
família
INESPERADA

A L I N E P Á D U A

Copyright 2023 ©

1º edição – março 2023

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Edição: AAA Design

Revisão: Sônia Carvalho

SUMÁRIO

[NOTA I](#)

[OS KANG](#)

[AVISO](#)

[PLAYLIST](#)

[DEDICÁTORIA](#)

[SINOPSE](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[NOTA II](#)

[REDES SOCIAIS](#)

[OUTROS LIVROS](#)

[UMA GRAVIDEZ INESPERADA](#)

[CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo](#)

[O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY](#)

[FELIZ NATAL, TORRES](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO](#)

[GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA](#)

[O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ](#)

[A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA](#)

[GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO](#)

[UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO](#)

[GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA](#)

[UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO](#)



Olá, minha gente!

Prontos para finalizar a trajetória dos Esteves?

Flávio Esteves já deu as caras em outros livros meus. Com o melhor amigo da protagonista em “Um casamento de contrato para o CEO” (a história de Talita Kang & Gael Fontes) e como irmão mais novo dos Esteves em “Grávida do cowboy que não me ama” (a história de Juan Esteves & Augusta Toledo) e “Uma filha inesperada para o CEO” (a história de Oscar Esteves & Júlia Medeiros). Recomendo a leitura dos anteriores para não se perder tanto sobre os personagens, porém, deixarei um esquema sobre eles logo abaixo, caso decida começar por esse mesmo.

Espero que de coração, para você que escolheu essa história, passe um bom tempo ao lado dela.

Boa leitura!

Com amor,

Aline

ligações

entre personagens



LIVROS QUE VÊM ANTES

• NÃO É NECESSÁRIA A LEITURA PRÉVIA DELES



OS KANG

“A filha perdida do cowboy” é um livro que finaliza a Família Esteves, porém, temos como protagonista feminina – Dove Kang. Assim, esse livro é uma breve introdução sobre o universo que iremos adentrar mais a fundo durante o restante da Família Kang, então estejam avisadas, que estamos na superfície.

Os Kang são uma família poderosa que podem ser considerados como mafiosos. Eles contarão aos poucos sobre o que a família Kang é e como ela é formada. Então, mesmo que fiquem confusas, saibam que tudo será explicado aos poucos, ou nesse livro, ou nos próximos. E no final, tudo fará sentido.

Obs: espero que vocês estejam animadas ao fim desse livro, para os próximos rs

AVISO

Esse livro contém cenas inadequadas para menores de dezoito anos! Apresenta linguagem explícita, abuso e violência (verbal e física) explícita contra homens, mulheres e crianças.



Posicione a câmera do seu celular para ler o QR Code e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique [aqui](#)



DEDICATÓRIA

Quando eu duvidei de mim.

Quando eu duvidei de tudo.

Você estava lá para acreditar em mim.

E acreditar por *nós* no que realmente importava.

Obrigada por ser a família que eu escolhi.

Dedico esse livro a Gabriel!



Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Flávio, sempre teve Dove Kang. O caçula da Família Esteves, tem um sorriso fácil e piadinhas sempre na ponta da língua, mas não consegue fingir que *ela* não desperta nada dele, nem que seja medo. *Diacho de moça bonita!*

Dove Kang é uma mulher que vive pelo legado da sua família. Os Kang são poderosos e intocáveis, e nenhum deles vive para o romance. Contudo, ela não pode negar que existe algo que sempre a surpreende nos olhos claros daquele *menino*.

Duas pessoas de realidades completamente opostas, mas que não conseguem evitar a atração que sentem. E talvez descubram que existe

algo muito maior que **o medo** e **a surpresa** um no outro: **uma família inesperada.**



PREFÁCIO

“Mas eu sou fogo e vou manter seu coração frágil quente
Se sua tristeza em forma de cascatas e ondas do oceano vier
Todas essas pessoas pensam que o amor é para se mostrar
Mas eu morreria por você em segredo
O diabo está nos detalhes, mas você tem uma amiga em mim
Seria o suficiente se eu nunca pudesse te dar paz?
Seria o suficiente se eu nunca pudesse te dar paz?
Seria o suficiente se eu nunca pudesse te dar paz?”

peace – Taylor Swift



“Uma vez, os planetas e os destinos

E todas as estrelas se alinharam

Eu e você acabamos na mesma sala

Ao mesmo tempo”^[1]

DOVE

— Foi para isso que me tirou de casa, Vincenzo? — indaguei petulante e sabia que ele me mandaria a merda se já não estivesse maldizendo tudo ao seu redor, e sequer deveria ter me escutado sendo desrespeitosa com ele.

O fato era que estávamos à procura de uma de nós, que resolveu apenas desaparecer no meio do aniversário de dezesseis anos. E o que eu queria era quebrar a cara do responsável por tê-la feito tomar tal decisão imbecil. Disfarcei minha arma na bota e segui para dentro do bar, que parecia a única coisa aberta àquela hora.

— Eu não sei por que não podemos mandar *o Fontes* para puta que pariu — Jeon berrou no ponto, meio em português e meio em coreano, o que quase me fez rir.

Adentrei o local com luz baixa e procurei por Talita. Suspirei fundo, segurando minha respiração diante do cheiro forte *daquela* bebida ao meu redor. Eu tinha encontrado um jeito de blindar-me daquilo, nem que fosse ficar sem ar por algum tempo.

Caminhei com cuidado, sentindo alguns olhares sobre mim, e não demorou muito para que encontrasse quem estávamos procurando horas atrás. No segundo em que fui passar o recado para os demais, e a tiraria dali, senti um corpo bater contra o meu.

— Moça bonita...

Pisquei algumas vezes, sem entender por completo as palavras.

Eu estudava português há muitos anos, contudo, ainda existiam momentos em que as palavras se embaralhavam em minha mente. Ser

poliglota tinha seus problemas.

— Quem é você? — indaguei, e ele sorriu abertamente.

Senti um fio do meu cabelo se soltar, que geralmente ficava impecável, preso no alto da cabeça, e notei de imediato o que ele faria. Antes que pudesse tocar no meu cabelo, segurei sua mão no ar, e dei-lhe um segundo para se afastar, ou a torceria.

— Pensei que era o clichê perfeito, em que eu coloco seu cabelo atrás da orelha e... — Ele riu baixinho, e seus olhos verdes pareciam completamente apagados, como se estivesse dando de tudo de si para me falar aquilo.

As palavras finalmente fazendo algum sentido em minha mente, e me perguntei: um coração partido era o que o trazia ali?

— Eu fiz uma melhor amiga hoje, moça bonita — falou, e me confundi novamente com a segunda parte da sentença. — Senão, eu ficaria aqui e te deixava quebrar o restinho do meu coração.

Sua mão então saiu da minha, e senti a energia que tomava meu corpo se esvair. Sequer tinha entendido como aquilo aconteceu, e foi quando reparei por completo *nele*. Uma de suas mãos tinha um chapéu de cowboy, quase em um tom preto, e ele seguiu para a parte do bar, sorrindo e dando-me alguns *tchaus*.

— Melhor amiga nova! — ele gritou e então o notei se sentar quase que caindo sobre o banco, ao lado de Talita.

Eles trocaram um sorriso sincero, como se aquele momento lhes pertencesse.

— Encontrei ela — falei no ponto, e ouvi respostas diversas. Jeon dando *graças a Deus*, mesmo não acreditando em um ser superior. Chae bufando do outro lado. Kalel mandando todos calarem a boca para que eu contasse onde estava, sendo que Chae podia me rastrear. E Vincenzo apenas me esperando dizer algo. — Acho que vou deixá-la aproveitar a companhia que encontrou e beber... Ela merece após tudo isso.

Silêncio absoluto no ponto.

— Está certa disso, Dove? — Vincenzo perguntou, como o futuro chefe da família que apenas ele sabia ser.

— Eu tomo a responsabilidade sobre quem está com ela e a protejo — falei, e procurei um local para me sentar, perto o suficiente para que pudesse agir a qualquer momento, e impedir qualquer mal a nossa Talita. — Como uma Kang, Oppa^[2].

Pedi uma água e passei a noite ali, vendo-os falar alto e rir da mesma forma, como se tivessem se conhecido há uma vida. Enquanto isso, eu já pesquisava sobre quem aquele homem era. Um

reconhecimento facial não era tão simples assim, mas poderia ser feito. No caso, tudo era possível para os Kang.

Em algumas horas, ainda tomando minha água, e vendo-os atormentar a todos cantando tudo errado no karaokê improvisado, obtive um resultado sobre a foto que tirei dele e mandei para ser identificada: Flávio Esteves.



CAPÍTULO 01

“Uísque no gelo, entre a Avenida Sunset e a Rua Vine

Você arruinou minha vida por não ser meu”^[3]

FLÁVIO

— Diacho...

Levei as mãos à cabeça, que pesava mais do que em qualquer outra vez. *Eu tinha tomado um porre?*

“*Desculpe, Flávio. Mas eu gosto de outra pessoa.*” Então as palavras de Paula me vieram à mente, e eu sabia que tinha tomado um pé na bunda. *Ok, um pé na bunda, seguido de um porre.*

Pisquei algumas vezes, encarando o lugar ao meu redor, e não reconhecia absolutamente nada. Meu olhar passou pelo tapete enorme e as grandes paredes. Eu estava em... *em uma mansão?*

— O menino acordou.

Voltei meu olhar para a voz feminina carregada de um sotaque eu não identifiquei, e só então notei que tinha uma mulher sentada em uma poltrona, que também sequer reconhecia, e mal conseguia ver seu rosto, devido ao chapéu que usava. Ou era um boné?

— Quem é... — levei mais uma vez a mão à cabeça e gemi de dor. — Onde eu...

— O que estava fazendo naquele bar ontem?

— Bar? — perguntei, e então tentei buscar na memória. Ao menos, eu me lembrava de onde fui após Paula me chutar? Em partes. Recordava-me de olhos castanho-escuros, cabelos lisos, e uma risada engraçada.

— Muito uísque e uma... — foi então que um sorriso surgiu em meus lábios, ao lembrar-me da promessa em meio à bebedeira.

“Melhores amigos de coração partido, para sempre” foi o que ela gritou e eu lhe dei o dedo mindinho.

— Talita — complementei, e tentei me sentar, ainda bem enjoado.

— Ela... Ela está bem?

— Fez algo que não deveria com ela?

— O quê? — perguntei alarmado, arregalando os olhos e tentando ter uma visão do rosto da mulher à minha frente. Ela então apenas balançou a cabeça, e não tinha ideia de que expressão estava em seu rosto. — Quem é você?

— Família de Talita — falou, e só assim ela levantou a aba do chapéu e me encarou.

Minhas lembranças se embaralharam e eu tinha a leve impressão de que a conhecia. Ouvi-a falar algo que não fazia ideia do que era, e franzi o cenho. *Ela falava sozinha em outra língua?*

— Seus antecedentes são bons, Flávio Esteves.

— Como sabe o meu nome?

— Mas vou ficar de olho em você. — Ela então se levantou, e apenas o barulho de seu salto contra o piso foi possível ser ouvido. Agachou-se, e chegou bem próxima. Seu olhar preso ao meu, fazendo-me segurar uma respiração.

Eu tinha medo dela?

— Bem perto. — Sua voz soou como uma ameaça clara.

— Eu não faço ideia do que está acontecendo... — admiti, e um sorriso sem dentes surgiu em seu rosto. E não era um sorriso alegre, bem longe daquilo. Era um sorriso que poderia jurar que sentenciava alguém.

— Só continuar sendo um bom menino... — falou, e tocou meu queixo, levantando-o. — Nos vemos.

— Mas...

Tentei chamá-la, à mulher que eu sequer sabia o nome, enquanto ela caminhava calmamente até o que parecia ser uma porta de saída. Mas para onde eu iria? Eu sequer sabia onde estava.

— Flávio!

Foi então que reconheci uma voz, assim que consegui me levantar. A mulher da noite passada, a minha mais nova melhor amiga após uma bebedeira sem fim.

Ela veio pela porta que a outra mulher saiu, e eu tentei sorrir.

— O que diacho foi isso?

— Dove? — indagou, aproximando-se, mas ela tinha um sorriso debochado no rosto. *Então o nome da mulher era Dove...* Foco, Flávio!
— Acho que eu devia ter avisado que ser meu amigo tem alguns pontos, talvez negativos?

— Isso tá com cara daqueles filmes de máfia... — soltei, e vi seu semblante paralisar, fazendo-me encará-lo embasbacado. — Quem diachos você é?

— Talita... — deu de ombros, mas eu já sabia daquela informação. — Kang — complementou, e minha mente permaneceu em branco. — Digamos que é complicado.

— Eu vou levar um tiro por estar perto de você?

Ela negou veemente, e eu soltei o ar com força.

— E vou ter que ver aquela mulher de novo?

— Dove não é tão ruim assim — comentou, e bateu contra meu ombro, o que me fez rir.

— Ela é aterrorizadora.

— Não a deixe saber que você acha isso. — Recomendou e eu franzi o cenho. — Vamos tomar o café da manhã e eu te conto o que posso sobre minha família.

— Não sendo uma família mafiosa...

— Flávio. — Revirou os olhos, e me indicou com a cabeça para onde seguir.

Por alguns segundos, meus olhos se prenderam na porta pela qual ela passou. Dove... *Dove Kang?*

Por que eu estava repassando aquele nome em minha mente?



CAPÍTULO 02

“O tipo de garota que você deseja quando sopra aquela vela

O tipo de garota que você quer levar para a casa da mamãe

O tipo de garota que não pede o que ela quer, ela pega

O tipo de garota que tem uma bolsa da mesma qualidade da Chanel”^[4]

DOVE

— A babá oficial chegou — falei, assim que adentrei o carro, e vi Kalel revirar os olhos, mesmo que focado na estrada. — Qual o estresse do momento?

— Vincenzo e Jeon Hyung^[5] foram conhecer o tal Flávio e conversar com ele, e nós estamos designados a descobrir o exato local em que ele mora.

— Não era no interior do estado? — indaguei, lembrando-me das informações que consegui durante a madrugada.

— Exatamente. — Chae comentou, esparramado no banco de trás, e eu me virei no do carona para encará-lo. — *Não sabemos até que ponto ele vai ser presente na vida de Talita*, palavras de Vincenzo Hyung.

— Ele parecia um menino assustado quando falou comigo — declarei, relembando os olhos claros profundos e perdidos que encontrei nele.

— Ele sequer falou, Noona^[6]. — Kalel revidou, e foi minha vez de revirar os olhos. — Dava para sentir pelo ponto ligado na sua orelha, a voz dele saindo tremida e confusa.

— Não tenho culpa se ele ficou com medo por nada. — Dei de ombros.

— Já se olhou no espelho alguma vez, Noona? — Chae perguntou ácido, e joguei a garrafa que estava no porta-copos, diretamente para o seu peito. Ele riu, abrindo a garrafa em seguida e

tomando um longo gole. — Precisamos resolver isso rápido, pelos assuntos pendentes aqui mesmo no Brasil.

— Pensei que estava tudo sob controle. — Refleti sobre, não sabendo ao certo em que ponto as coisas realmente ficavam no controle entre famílias poderosas, relacionadas a tudo que há de ilegal.

— Tudo muito quieto — falou, e eu assenti, entendendo sua desconfiança. — Vincenzo mandou algumas pessoas de confiança, mas mesmo assim, não o suficiente para que ele esqueça isso. Tem que ser um de nós.

— Ou dois — Kalel complementou, e eu assenti.

Sempre alguém da família, era o que Cha Kang, o chefe da família Kang, nos havia ensinado, e que logo deixaria aquele legado para Vincenzo. Em um mundo em que todos nós sabíamos das consequências existentes por sermos um Kang, *seja no sangue, seja na escolha*.

— Não acho que vamos precisar de nada além de pontos e algumas câmeras na casa do tal Flávio...

— Mas ainda temos problemas no Brasil — falei, e notei o clima pesar. Eu sabia que eles tentaram esconder de mim, mas não havia como ocultar algo sobre o passado que ainda me perseguia. Não quando ele

fazia questão de se mostrar. — Não precisam ficar tensos por se tratar justamente daquele... — eu sequer conseguia nomeá-lo.

— Por mim, ele já estaria no inferno — Chae falou baixo e seu tom era extremamente frio. Do jeito que ele apenas trazia à tona quando realmente odiava algo. — Uma pena que ainda não encontrados nada errado, para poder o fazer sofrer.

Dei de ombros, sem me estender no assunto. Não tinha por que insistir sobre algo que teoricamente já havia passado. E apenas o acerto de contas, um dia, viria. Sabia que Mi-Suk Ten não pararia. E eu estava preparada para o mesmo, a qualquer momento.

Sabia o quanto custava para cada um de nós ali estar exatamente onde estava. Uma vida que não escolhemos, mas nos escolheu. E se eu olhasse para trás, e relembresse da garotinha que Yumi Kang encontrou em uma corrida disparada para longe daquele lugar, marcado pelo cheiro de bebida, eu escolheria o mesmo. No final, eu escolhi.

Ser uma Kang era o meu destino, e eu o seguia, fielmente.

— Então acho que vamos ter que melhorar o nosso português. — Kalel comentou, ainda falando em nossa língua natal – o coreano. — Tem horas que eu não entendo nada do que dizem.

— Ontem, o menino de Talita me disse uma frase, que demorei muito pra entender, e até agora não sei se entendi de fato — admiti, soltando meus cabelos e massageando o couro cabeludo.

— Mais um sinal para estudarmos.

— Eu já estudo bastante — Chae se pronunciou e acabei revirando os olhos. — O quê?

— Você soca a cara primeiro, e pergunta depois... — Kalel se adiantou e Chae bufou. — Não tem como me culpar.

— Meu hyung favorito é o Vincenzo mesmo.

E ali estavam eles, os dois homens que faziam qualquer pessoa tremer com o olhar, se bicando, porque era o que eles sabiam fazer de melhor, quando estávamos apenas nós. Como irmãos, e eu sorria sempre que sabia que aquela família me escolheu.

Acima de qualquer coisa, a família que a gente escolhe é a família que mais ama — era no que sempre acreditei.



CAPÍTULO 03

“E eu sou apenas eu

Quem eu quero ser

Bem, eu sou apenas eu quando estou com você”^[7]

FLÁVIO

— Então a sua família é ou não? — indaguei desconfiado e Talita riu alto.

— É o quê? — perguntou após tomar outro gole de água.

— Máfia... — semicerrei os olhos e ela revirou os dela.

— Não posso dizer nada sobre isso... — piscou um olho, e fiquei ainda mais curioso.

— São todos irmãos? — perguntei, tentando me concentrar em algo que não envolvesse ilegalidade. *Seria bom, né?*

— Por escolha — comentou e me encarou de cima a baixo. — Você me disse que tem três, certo?

— Sim. — Dei outra mordida no pão, e mastiguei rapidamente. — Juan, Oscar e Franco. Sou o mais novo de todos.

— Todos cowboys? — perguntou, e eu neguei e assenti em seguida.

— Oscar é o que mais destoa, por gostar mais de se vestir com ternos, e todo o resto chique... — comentei por cima. — Eu ainda tô começando a faculdade.

— E foi chutado por alguém...

— Assim como você. — As palavras rolaram sem que eu pensasse, e notei o sorriso que se abriu em seu rosto. Uma conexão diferente de todas que já tinha criado. *Como eu poderia apenas esbarrar com alguém para chamar de amiga?* — Eu falo demais, como diriam meus irmãos.

— Pode falar por nós dois. — Piscou um olho, tomando um pouco de café em seguida. — Realmente, beber todas... — ouvi o barulho de algo sendo aberto, e em seguida, Talita apenas pulou da banqueta em que estava sentada. — Oppa...

— Nossa conversa já foi feita. — A voz soou com um sotaque forte e parecido com o que a mulher que encontrei mais cedo tinha. *Dove...* Um sorriso se abriu no meu rosto, e tratei de engoli-lo, assim como o suco de laranja à minha frente. — Flávio Esteves?

Pisquei algumas vezes, virando-me na banqueta, e quase pulando no lugar, quando me deparei com um cara com os traços coreanos que Talita tinha, e me encarava de forma completamente sinistra.

Eu poderia achar alguém de uma família supostamente mafiosa sinistra?

— Presente?! — indaguei, e notei o homem à frente da Talita, me encarar de imediato. — A moça de mais cedo me deu o aviso para ser um bom amigo para Talita.

Por que diachos eu estava falando sobre aquilo?

— Somos a Família Kang. — O homem ao lado de Talita se aproximou a passos calmos, enquanto ela apenas encarava toda a cena, claramente sem saber o que fazer. — E protegemos os nossos.

— Ah, eu... Sou um Esteves — falei rapidamente e me vi lembrando de Juan no mesmo instante. Aquele homem tinha um ar de irmão mais velho calado e misterioso, só que me causava um arrepio na espinha. — A gente se protege também.

— Ótimo — ele falou, finalmente parando ao meu lado, enquanto o outro permanecia no mesmo lugar, sem me dar alternativa. — Não há erros aceitáveis nessa família, se entrar nela...

— Parece uma entrevista de emprego... — soltei baixinho, e vi-o franzir o cenho. *Pelos céus, eu tinha cortado a fala de um mafioso?* — Quer dizer, é realmente estranho tudo isso.

— Nos chamou de mafiosos mais vezes do que alguém normalmente teria coragem... Tem um bom histórico, contatos e uma vida completamente normais para um jovem de dezoito anos. — Forcei um sorriso, diante de toda análise. — Mas estaremos de olho em você, caso pense que pode machucar uma Kang e sair ileso.

— Eu jamais a machucaria. — Adiantei-me, e notei sua expressão mudar um pouco. — Não machuco nem meus irmãos, e olha que Oscar merecia uns tapas algumas vezes...

Uma risada escapou do homem à minha frente, mas o do lado permaneceu sério, ainda me encarando.

— É um aviso, alto e claro — ele falou, e notei o olhar frio que entregava, mas existia a certeza de que ele mataria por qualquer um que lhe importasse. *Eu andava assistindo muito filme de ação?* — E um aviso de um Kang é permanente.

— Eu... — abri a boca para continuar, mas nada saiu. — Não sei o que dizer, para ser bem sincero, senhor Kang.

— Não precisa dizer nada agora, apenas escutar o que dizemos e ser honesto.

— Eu me sinto num filme de máfia... — falei de uma vez, e vi-o passar as mãos pelo terno, como se o alinhando. Se eu achava que meu irmão tinha um estilo de gente rica, aquele cara, tinha o *estilo de gente rica, intocável e perigosa*. — Eu estou em um?

— Depende do que quiser acreditar — comentou, dando um último passo. — Mas se lembre de que não somos os mocinhos, *nunca*.

Assenti de imediato, sem ter qualquer outra reação.

— Jeon vai ficar ao redor, enquanto eu termino algumas coisas, assim... — ele falou, e se virou, sua mensagem sendo clara para Talita, que o encarou em um embate, mas não disse nada. Ele então se aproximou dela, e tocou o lóbulo de sua orelha esquerda, o que mudou completamente a expressão da minha nova melhor amiga.

Uma melhor amiga da máfia.

Que dedo era aquele que eu tinha?

— Um prazer, Esteves. — O outro homem, que parecia mais novo, e ainda me cercava, finalmente se afastou. *Ele deveria ser o tal Jeon?*

— O prazer foi meu, senhores... Kang — complementei, e vi-os parar o passo, e ambos me encararam sobre o ombro. Eu estava sendo ridículo parecendo a pessoa bem educada que Juan criou? *Diacho!* Eu não tinha ideia do que fazia.

Talita os acompanhou até a porta, e vi-a dar um leve soquinho no braço do que deveria ser Jeon, que sorriu para ela, antes de sair pela porta. O outro, que claramente era mais velho e parecia ter mais poder, seja lá o que aquilo significasse na realidade, apenas se foi.

— É... — Ela falou, assim que se virou em minha direção, e entrelaçou os dedos das mãos uns nos outros. — É mais simples do que parece. — Pareceu tentar amenizar.

— Lembra bem aquelas pessoas ricas e poderosas que andam com guarda-costas e não têm uma vida normal, e daí...

Ela deu uma risadinha, o que me tirou de meu devaneio.

— Tô longe de acertar?

— Melhor pensar nisso, do que pensar em máfia.

— Qual o problema com a máfia? — rebati, e ela arregalou os olhos, o que me fez bater uma das mãos contra minha testa. — Digo, desconfiar que são da máfia e dizer isso, me fez ser alvo de uma?

Ela riu mais alto, e parou ao meu lado, tocando o meu ombro.

— Pode achar que os Kang são uma máfia, mas nunca vai me ver confirmando isso. Nem eles. — Olhei-a intrigado. — Mas confesso que deixou uma ótima impressão no futuro “chefe da máfia”... — ela fez aspas com os dedos e fiquei ainda mais inquieto.

— O cara de sotaque mais forte e que não riu em momento algum?

— O próprio Vincenzo Kang. — Pensei por um segundo, se deveria colocar o nome deles no google. Deveria ter alguma coisa? E talvez na Deep Web? O que me resultaria se buscasse por Dove Kang? *Foco, Flávio!* — Consigo ver a fumaça saindo da sua cabeça...

— Eu... — fiz uma leve careta. — Devo ter sido uma péssima primeira experiência com a sua família.

— Levando em conta o fato de que conheceu dois dos mais assustadores deles e não surtou... Quer dizer, você estava branco feito papel quando te encontrei após ver Dove, então...

— Ela é diferente. — Minha boca foi mais rápida que minha mente.

Talita me encarava questionadora.

— Quer dizer, ela... ela poderia facilmente ser a futura “chefe da máfia”... — fiz um sinal com os dedos. — O jeito que ela fala, se porta, olha...

— E parece que ela passou uma boa impressão. — Arregalei os olhos, já pensando em como consertar aquilo.

Por que eu não conseguia parar de falar coisas sem nexos?

— Ou a pior de todas... — Talita complementou e fiquei em silêncio. — De toda forma, se for meu amigo, eles vão te proteger, assim como me protegem... É o que a gente faz, como Vincenzo Oppa disse.

— Oppa?

Ela sorriu de lado e apertou meu ombro novamente.

— Tenho muito para te contar da minha cultura, e algo me diz que vai gostar...

— Só se você for à fazenda e eu puder contar sobre cada história nada mafiosa dos Esteves.

Ela gargalhou alto e eu acabei sorrindo de lado.

Parecia um bom começo, mesmo que assustador ao lado de uma nova amiga. *E quem sabe, uma nova família?*

Eu era mais maluco do que imaginava.



CAPÍTULO 04

“E o toque de uma mão acendeu o pavio
De uma reação em cadeia de contra-ataques
Para analisar a sua equação
Xeque-mate, eu não podia perder”^[8]

FLÁVIO

Eu estava sozinho em casa.

Depois de tanto tempo, Juan tinha viajado com Oscar, e a fazenda Esteves era inteira minha, apenas com a própria paz dos meus pensamentos. Sorri, jogando o lençol para o lado e pensei se deveria convidar Talita para conhecer minha casa. No caso, seria melhor esperar

meus irmãos chegarem, poderia ser que ela não se sentisse à vontade com um recente amigo, em uma casa desse tamanho, e sozinha.

Se bem que a casa dela era duas vezes maior, e fiquei por lá quase uma semana. Mesmo assim, ainda era na cidade, com sua família toda ao redor, e eu morava no meio do nada, *literalmente*.

Aos dezoito anos, ter um momento a sós em casa era algo raro. Ainda mais porque Juan e Oscar sempre esperavam que eu estivesse empenhado nos estudos, e por mais que realmente o fizesse para dar orgulho a eles, de alguma forma, eu ainda gostava de alguns momentos em que apenas poderia estar ali, na fazenda.

Fui apenas de cueca para o banheiro e cantando alto.

“É melhor eu parar por aqui

Daqui a pouco é caminho sem volta

Você sabe prender uma boca

Sem usar algema, sem usar gaiola...”^[9]

Enquanto eu tomava banho, cantava ainda mais alto, e o estranho era que eu não pensava na mulher que me deu um fora colossal dias atrás. Não. A realidade era que meus pensamentos estavam em olhos

castanho-escuros bem marcados, e um semblante tão sério, que eu não conseguia entender se ela apenas era indiferente ou odiava completamente tudo.

Dove Kang estava em minha mente.

“Tô aqui inteiro pra você

E você comigo, só metade

Tem hora pra ir embora

Mas só volta só Deus sabe

Eu não encaixo bem na sua vida

Mas bem que eu queria ...” [\[10\]](#)

Eu estava em looping cantando aquela música, e não conseguia entender como fui de uma bebedeira sem fim por um fora, para olhos desconhecidos em minha mente enquanto cantava. Eu era tão volúvel quanto meus irmãos diziam?

Carente, talvez?

Desliguei o chuveiro, e puxei a toalha pendurada ali no box, amarrando-a em minha cintura. Parei um segundo para limpar o espelho embaçado e encarei meu reflexo, que gritava que estava mais do que na hora de cortar meu cabelo novamente.

No momento em que abri a porta, senti como se um arrepio atingisse todo meu corpo, e imaginei ser a diferença de temperatura do banho para o lado exterior. Contudo, quando dei um passo, notei uma sombra passar bem à minha frente, e por todos os santos, meu corpo gelou por inteiro.

— Que diacho...

Dei um pulo para trás, e minhas costas bateram contra algo quente. O grito guardado na garganta explodiu. Dei um pulo ao contrário, e senti meu corpo caindo devido aos pés ainda não totalmente secos.

— Ai!

A dor se espalhou por meu corpo, bem na parte da minha bunda.

— Olá, menino.

Arregalei os olhos e fiquei inerte por alguns segundos até entender o porquê que todo meu corpo parecia se energizar por dentro. E então pisquei algumas vezes, e olhos castanho-escuros estavam nos meus.

O que diachos Dove Kang fazia dentro da minha casa?

DOVE

— O que...

Ele parecia um gatinho indefeso, como se pronto para se unir ao chão, mas o seu olhar estava em cada parte de mim. Eu sentia o seu medo. Assim como sentia a sua agitação pela minha presença.

— Eu disse que te vigiaria bem de perto — comentei, parando ao lado do seu corpo, e não pude deixar de notar cada centímetro bem malhado do seu torso. Ele era bonito, e não era uma questão aberta.

— Não pode simplesmente bater?

— Eu bati na porta — falei, e era a mais pura verdade.

— Meus irmãos poderiam estar aqui e como entra sem...

— Sei que seus irmãos estão no exterior, assim como sei exatamente tudo o que falou nos últimos dias nessa casa... — ele arregalou os olhos, ainda deitado, e parecendo sem saber o que fazer. —

Colocamos escutas por todo lugar, para tentar entender quem você realmente era.

— Vocês são realmente uma máfia... — soltou em tom baixo, finalmente se apoiando no braço para levantar, e ficar quase sentado. — Talita me avisou um pouco, mas... Não tem o direito de invadir minha privacidade, ainda mais, a dos meus irmãos.

Notei a proteção clara em cada palavra.

— Fiel à família, isso é bom — comentei, e permaneci o encarando. — Vim para tirar as escutas e ver pessoalmente quem você é.

— Não tem como julgar o caráter de alguém, apenas a olhando...

Ergui uma sobrancelha, e ele finalmente se levantou por completo. Mesmo com meus saltos, ele era um pouco mais alto, e parecia ainda maior, pela forma que estava exposto. Notei-o apertar a toalha contra a cintura, e resolvi dar um passo atrás.

— Vou esperar que se troque, e daí pode me dizer, sinceramente, qual o meu caráter.

— Mas...

— Apenas vá, menino.

— Eu não... — ele suspirou, claramente frustrado, e passou ao meu lado. O cheiro de algo cítrico se espalhou ao redor, e me trouxe algo

calmante, que sequer sabia que gostava.

Olhei-o desaparecer em direção a uma das próximas portas, e um sorriso quase emoldurou meu rosto. Flávio Esteves era uma missão para ser finalizada depois de alguns meses sendo vigiado pelas escutas e até algumas câmeras, mas ainda assim, eu estava ali.

Eu poderia ter retirado tudo e apenas partido, sem ele ter ideia do que aconteceu. Mas eu queria que ele soubesse, e de alguma forma, queria que soubesse que eu sempre estaria de olho nele.

Sempre?



CAPÍTULO 05

“Brilhando, cintilando
Os olhos que parecem navios
Afundando nas águas
Tão convidativos que
Eu quase pulo”^[11]

DOVE

Era um lugar engraçado, se pudesse definir assim.

Eu sabia mais sobre a vida do homem dentro do quarto, do que ele poderia ter uma mínima ideia sobre a minha. Era de praxe, sempre

saber mais sobre os outros. Mas com ele, tinha alguma coisa que me apetecia a querer ouvir cada uma delas de sua boca.

Se Kalel me ouvisse, com certeza diria que estou obcecada. E ele poderia se familiarizar sobre aquilo. Ele já tinha passado pelo mesmo, tempos atrás.

A questão era que eu nunca me interessava em algo ou alguém, a não ser, do que já estava no meu íntimo. E não era de ignorar meu sexto sentido, afinal ele me trouxe para uma fazenda afastada, em uma cidade do interior no Brasil.

Eu estava bem longe de casa.

E mesmo assim, eu sentia certa familiaridade com todo aquele desconhecido.

— Olha, senhora Kang...

Ouvi sua voz, antes que ele atravessasse a porta, e notei a forma como parou por um segundo, e engoliu em seco ao me encarar.

— Eu sou apenas quatro anos mais velha que você — adiantei-me. — Por que me chamou de senhora?

— É questão de respeito — comentou simplesmente. — Bom, a gente é assim aqui em casa.

— Entendo. — Esperei-o olhar ao redor, como se procurando o que fazer. — Sem ideias do que fazer, menino?

— Por que me chama assim? — indagou, como se encontrando algo no que se basear. Ele claramente não sabia como agir, e eu sentia a forma como ele parecia não entender o que acontecia consigo estando tão próximo a mim. Nem eu mesma sabia.

— Por ser quatro anos mais novo — respondi simplesmente, e seu olhar se tornou incrédulo.

Eu quase sorri do seu espanto claro.

— Eu acho que os Kang querem me deixar maluco — assumiu, e eu neguei com a cabeça, cruzando os braços. — É tão perigoso o que fazem, que Talita pode estar em perigo?

— Não tenho porque te falar sobre como minha família age — respondi, levantando meu queixo, e notando o chapéu em sua cabeça, que parecia ser algo rotineiro. Ele sempre estava com o mesmo, em todos aqueles dias, *fosse onde fosse*. — Qual a do chapéu?

— Coisa de família — respondeu insolente, e eu via que ele estava pagando na mesma moeda. — Por que estão me vigiando tão perto assim?

— Somos da máfia — falei, sabendo que era o que ele queria escutar, e vi a cor sair do seu rosto. — Não é como se Talita não tivesse te contado.

— Ela não afirmou isso...

— Vai parar de ser amigo dela por conta da família?

— Não, ela... — notei-o respirar fundo e um leve sorriso emoldurou o seu belo rosto. — Ela é minha alma gêmea.

Sua sinceridade me acertou em cheio.

Quem simplesmente admitia tal coisa assim?

— Fico feliz por ela — comentei, já que não esperava nada assim. Era algo que realmente ficava feliz por Talita.

A mais nova dos Kang, e que não vivia no meio, justamente a pedido dos próprios pais, que ela já perdeu. E mesmo que tentasse ser presente, ainda era complicado, de tempos em tempos, problemas fora daquele país me chamavam.

— O que realmente está fazendo aqui, senhora Kang?

Sua pergunta me fez encará-lo, e notar a forma ansiosa como me olhava. A realidade era que nem eu mesma poderia responder tal pergunta. Existia algo nele, que me fez ficar e tentar entender o que tanto me atraía. Algo que eu não conseguia explicar.

Eu não sentia nada por nenhum homem.

Nada.

A não ser meus irmãos, que tinham minha confiança, amor e lealdade. O que levou anos. Aquele ali, à minha frente, parecia carregar consigo uma aura que me desafiava a aproximar. *E como eu explicaria aquilo para ele?*

Como eu poderia responder que estava ali, justamente, porque tudo nele me apetecia. Algo que me trazia para perto, e eu sabia que não poderia estar, mas ainda assim, o fazia.

— Vigianto. — Não era uma mentira. — E você?

— Em casa? — indagou, como se me achando estranha por toda a situação. *Quem não acharia?* — Olha, eu não sei realmente como devo tratá-la.

— Normal — falei, encarando-o de cima a baixo. — Ou tem tanto medo assim de mim? — indaguei, e vi-o engolir em seco.

— Como sabe que eu... — sorri de lado, notando que ele se embaralhava por completo. — Jogou um verde? — indagou, como se finalmente entendendo o que eu fazia, e assenti.

— O jeito que sua voz treme, os seus olhos se arregalam, e a sua testa fica franzida... Eu claramente te causei algo parecido com medo,

menino.

— Eu não sei o que dizer sobre isso, senhora Kang.

— Dove. — Corrigi-o, e notei a surpresa em seu olhar. — Pode me chamar de Dove.

— Mas...

Dei alguns passos para a frente e toquei de leve na aba do seu chapéu, vendo-o permitir facilmente, e me encarar a cada espaço que preenchia.

— Apenas aceite o que é dado, menino — falei, levantando a aba, e tendo a melhor visão dos seus olhos.

Tão profundos.

Tão expressivos.

— Seja um bom amigo para Talita, ok?

— Claro, mas... — afastei-me, dando-lhe as costas, e sabia que tinha que sair dali o mais rápido possível. Eu não podia sentir o que sentia. Não por ele. Não por alguém como ele.

— Dove... — parei, quando pela primeira vez, meu nome saiu da sua boca. *Eu estava mesmo caindo no clichê de que ninguém nunca falou meu nome de tal forma?*

Virei-me apenas o suficiente para ter um vislumbre dele.

— Foi um prazer conhecê-la.

— Digo o mesmo, menino.



CAPÍTULO 06

“Tinha algo rolando entre a gente

Eu juro que tinha algo, porque eu não lembro de quem eu era

Antes de você pintar todas as minhas noites de uma cor que eu procuro desde então”^[12]

FLÁVIO

— Resumindo, é isso. — Soltei de uma vez, e vi o olhar de Oscar se arregalar, enquanto ele estava jogado no sofá.

Desde que ele e Juan chegaram, praticamente passei toda a fofoca dos últimos tempos, de uma vez só, porque eu não estava mais me

aguentando. *Eles poderiam julgar um caçula por ser completamente falante?* Não.

— A sorte que Franco tem... — provocou, e me fez pegar meu chapéu e bater nele. — Calma, Simba!

Revirei os olhos diante da brincadeira, mas eu sabia que era o jeito de Oscar, um humor meio ácido, de sempre tentar nos fazer refletir sobre aquilo, principalmente Juan. Era um fato que sentíamos falta de uma parte de nós, os quatro Esteves naquela casa, que Juan tanto lutou para construir, e que por anos e mais anos, era apenas de nós três.

Juan era o mais velho e quem foi nosso pai e mãe – ele era o nosso alicerce.

Franco era o irmão que se afastou a partir de um rompimento entre ele e Juan, que acabou por marcar a todos nós.

Oscar, era quem tentava sempre trazer aquilo à tona, mesmo que ambos soubéssemos o quanto delicado era, ainda mais, para Juan, que sacrificou tudo por nós.

E eu, bom, eu era o alívio cômico da família. Ao menos, me via assim. O mais tagarela. O mais sorridente. O mais bagunceiro.

— Tá, de tudo isso que disse, por que eu só consegui decorar o nome de Dove Kang?

Pisquei algumas vezes incrédulo.

— O quê? — perguntei alarmado.

— Simba, você falou, falou, falou... E acredite, tenho algumas observações, mas...

— As observações primeiro, obrigado. — Insisti, e Oscar revirou os olhos, levando um dos braços sobre eles.

— Sempre disse que Paula não gostava de você dessa forma, a garota mal te respondia... E precisou ir ver pra crer numa festa... — enfatizou e eu sorri sem graça. — Para entender isso, mas muito bem-feito. E fico feliz que tenha feito uma grande amiga, que deveria convidar para conhecermos...

— Talita — falei, e ele assentiu, mexendo as mãos como se agora o soubesse. — Eu disse o nome dela várias vezes.

— Não tanto quanto disse o da tal Dove. — Surpreendi-me no momento em que Juan falou, finalmente desviando o olhar do café que tomava. Olhei-o embasbacado. — Eu decorei o nome dela rapidamente, de tanto que falou...

— Descendência sul-coreana, deve fazer parte da máfia, olhos castanho-escuros que podem ser assustadores, mas são lindos, os cabelos

sempre bem presos no alto da cabeça, e um sotaque carregado que te faz a achar ainda mais bonita...

— Eu não... — calei-me, quando Oscar tirou o braço de sobre os olhos e me encarou. — Eu não falei tanto assim dela.

— Ah, e ela te assusta — Juan complementou, e o encarei como se me traísse.

— Gosto mais de você quieto. — Bufei, e nosso mais velho sorriu abertamente, o que era bem raro de se ver. — Ótimo, sou o bobo da corte agora.

— O bobo de Dove Kang...

Peguei a almofada e acertei-a no rosto de Oscar, que gargalhou alto, assim como Juan.

— Nem parecia tão preocupado com a máfia, Simba. — Ele revidou, e desviei da almofada no ar, que foi parar fora da janela. *Diacho!* — E vou te contar, como assim, máfia?

— Preciso pesquisar sobre isso, mas não deve ser tão... — engoli em seco, e respirei fundo. — E mesmo que seja, é uma coisa da Coreia do Sul, nada que vá me envolver ou a Talita, pelo que entendi.

— Mas e se você acabar ficando com a tal Dove?

— A mulher me chama de menino, Scar.

Bufei, e me joguei contra a poltrona, afundando meu rosto dentro do chapéu, ouvindo meus irmãos rirem, e não sabia se ficava feliz ou chorava diante da reação deles. Ao menos, alguém tirava o melhor daquilo. E eu tinha os olhos dela em minha mente, mesmo que quisesse negar.

O que Dove Kang tinha despertado em mim?



CAPÍTULO 07

“E então desaparece no cinza do meu chá de um dia atrás

Porque nunca poderia ser”^[13]

Anos depois...

FLÁVIO

— Você é a pior melhor amiga que existe, sabia, né?

— Ainda assim, sou sua melhor amiga. — Talita rebateu, e eu revirei os olhos, encarando as paredes do quarto de hotel. — Vai se habituar melhor do que qualquer pessoa aí...

— Era pra você estar aqui também — insisti, e ela riu do outro lado da linha.

— Que culpa eu tenho se o conselho da empresa resolveu surtar e tenho que ficar apagando fogo e não indo desfrutar de comida boa de um dos meus lugares favoritos, com minha pessoa favorita? — atacou meu ponto fraco, e eu bufei alto. — E não se esqueça de que temos um dorama para continuar.

— Eu devia ver sozinho. — Provoquei. — Só para você aprender a não ser uma CEO.

— Olha o cowboy que viaja para o exterior para aprender outras línguas para ajudar nos negócios da família.

— Eu estou em Seul, sozinho, sabendo falar *annyeonghaseyo*, *joesonghabnida*, *noona* e *oppa* — revelei minha frustração e conhecia Talita o suficiente para saber que ela estava segurando a risada do outro lado da linha.

— Esse é um intercâmbio para aprender a língua melhor, vivendo aí, homem.

— E se eu não aprender nada? — indaguei, respirando fundo, e tomando coragem para abrir a porta do quarto. — Eu juro que se não aparecer o mais rápido possível, eu vou até o Brasil te trazer arrastada.

— Você vai se dar mais do que bem aí — falou, em um tom mais sério e sabia que era sincera. — Tenho certeza, Simba.

— Você é o pior Zazu que existe — rebati, provocando-a com o apelido que ela detestava, mas que se encaixava perfeitamente para nós.

Eu era o Simba, porque Oscar era louco por Rei Leão, e quando mais novo, disse que “ele era o primeiro da fila, até aparecer a bolinha peluda”. E assim, ele ficou como Scar. E eu tinha que ter alguém para me aconselhar e ser meu amigo, e mesmo que Talita tenha chegado muito depois, ela era o meu Zazu. *Quem pode culpar um homem de vinte e oito anos, que ainda referenciava Rei Leão?*

Era sinal que eu tinha bom gosto.

— Apenas saia desse quarto de hotel e vá curtir seu primeiro dia livre — ela insistiu. — Vai visitar os lugares dos nossos doramas favoritos, que eu sei que você quer.

— Eu vou esperar você — respondi, finalmente saindo do quarto, e respirei fundo, pensando comigo mesmo: *você consegue!* — Na verdade, não merece que eu espere.

— Duvido que não vá ver o prédio de Vincenzo. — Provocou.

— Não sendo o prédio de Vincenzo Kang, tá tudo certo — rebati rindo, e ouvi-a fazer o mesmo do outro lado da linha. — Mas é sério,

qual a probabilidade de eu esbarrar em algum parente seu?

— Quase zero — respondeu e fui para perto do elevador, o chamando. — A não ser que...

Sua voz ficou ruim de repente, e então olhei para o meu celular, notando se era minha rede.

— Acho que é a minha rede...

Foi tudo o que ouvi, antes de a chamada cair, e eu bufei sozinho. Comecei a digitar uma mensagem para minha melhor amiga, e ouvi o barulho do elevador parando.

Adentrei-o, sem sequer levantar o olhar, por medo de ter que me comunicar, mas sabia que tinha outra pessoa ali. Esperava que não estivesse passando por alguém sem educação.

Em poucos segundos, senti a familiaridade com a presença e meu corpo relaxar, e com certeza, acreditei que estava perdendo minha mente. Senti a pessoa se afastar, e assim que levantei meu olhar para ver quem era, a pessoa já estava fora do elevador, e as portas se fecharam. Tudo o que tive, foi um vislumbre de saltos contra o piso, e minha mente vagou.

Não era como se Dove Kang fosse a única mulher a usar saltos na capital da Coreia do Sul.

Eu realmente tinha perdido a minha mente em poucos minutos naquele lugar.

— Você não vai encontrar Dove Kang em qualquer canto. — falei baixinho, o nervosismo me tomou, e fiz menção de tocar meu chapéu, e foi quando me lembrei de que o deixei no quarto, tentando não me diferenciar tanto na multidão.

Por que, em alguns minutos, em um país diferente, eu já estava com ela em mente?

Talvez porque eu quisesse vê-la.

Suspirei fundo, jogando a cabeça contra a parede do elevador.

Fazia tantos anos desde a última troca real que tivemos, mas mesmo assim, no pouco que consegui vê-la, em alguns aniversários de Talita, não se comparava com o que tivemos na minha casa. Eu ainda pensava muito sobre aquilo e em como ela me fazia sentir, mesmo sendo uma completa desconhecida, não tão desconhecida assim.

Eu sentia certo pavor, que era aplacado pela segurança que ela transmitia. Um olhar que tinha minha confiança de graça, e aquilo me assustava *pra diacho*. *Por que eu me sentia de tal forma com alguém que apenas invadiu minha vida e sabia tudo sobre mim, e eu não sabia absolutamente nada sobre ela?*

Só que ela era quatro anos mais velha, completamente linda, e com uma língua e olhar capazes de assustarem qualquer um.

O que me apavorava em si não era quem ela era, por mais incrível que pudesse parecer, mas sim, o que ela me fazia sentir.

Como ela conseguia estar em minha mente depois de tantos anos e tão pouco de nós?

Nós? Sério, Flávio?! Minha mente me julgou e passei as mãos pelos cabelos, me sentindo um completo perdido.

— Apenas... — suspirei fundo, falando comigo mesmo. — Apenas esqueça isso.

E era o que tentava fazer, mesmo que Dove Kang nunca tivesse me dado motivos para que pensasse tanto nela. Apenas a existência dela, fez o trabalho por si só.



CAPÍTULO 08

“Todo esse silêncio e paciência

Apreensão e espera desesperada

Minhas mãos estão tremendo por tudo isso”^[14]

DOVE

— Eu devia socar a sua cara tão forte...

Kalel riu alto, e correu pelo que parecia uma sala daquele quarto de hotel. Peguei a primeira coisa que vi e joguei em sua direção.

— Ei! — rebateu, e eu o olhei de forma assassina. Ao menos do mais perto que poderia ser quando se tratava dele.

Ele era o irmão mais próximo de mim, talvez por termos nos tornado Kang ao mesmo tempo, e uma ligação que nenhum sabia explicar. A ponto de ele ter uma intimidade tão grande para me enganar sobre ter algo super sério para tratar, e me colocar no elevador, justamente para esbarrar com quem não deveria.

— Acho que você quer morrer cedo! — joguei o porta-retratos de madeira, vazio, em sua direção e ele desviou, rindo alto. — Que falta de respeito! Vou amar ver a cara de Vincenzo Oppa, ao descobrir que está usando da nossa família para...

— Para te fazer ter um amigo brasileiro, Noona — complementou de forma totalmente diferente do que eu faria, e bufei. — É sério! — sorriu de lado, e se jogou contra o pequeno desnível no chão. — Sabe que nós somos encarregados em primeiro lugar da segurança de Talita, o que inclui, gratuitamente, o tal Esteves.

— Por que Flávio é uma pauta na nossa conversa? — aproximei-me dele, e bati em sua perna com a bolsa.

— Porque eu vi os seus olhinhos brilhando, toda vez que o reencontrou nesses últimos anos. — Olhei-o incrédula. — Vai negar, Noona?

— Vou é socar a sua cara, senão parar de ser um casamenteiro. —
Bati uma última vez com a bolsa em sua perna, e ele riu alto, mesmo que se encolhendo. — Preciso me lembrar do que aconteceu da última vez que tentou juntar algum de nós?

— Em minha defesa, Hinata é incrível e Chae que é burro. —
Revirei os olhos, mesmo que concordasse.

— E Hinata ainda é do nosso meio, já parou para pensar em como seria um erro gigantesco envolver alguém que não tem nada a ver com esse mundo? — notei-o engolir em seco, e seu olhar mudou.

Dois poderiam jogar aquele jogo, e mesmo que Kalel não admitisse, eu sabia o que ele fazia há cerca de um ano, e uma das principais razões de ele adorar voltar ao Brasil.

— Eu sei que é sensível, Kalel — falei, sentando-me ao seu lado, porque eu sabia que aquela versão dele, apenas existia, ao nosso redor.

No seio da nossa família. Fora dali Kalel era temido e às vezes, até mesmo considerado um monstro, mas nada daquilo o intimidava. Não mesmo. Ele sabia quem era. Assim como eu. E sabíamos porque éramos Kang.

— Não há histórias de amor com finais felizes para os Kang —
alertei-o, e notei seu olhar mudar por completo. — Eu não quero que se

prenda a isso para ser feliz.

— Mas por que não tentar, Noona? — indagou, e eu sabia do quanto aquilo era importante para ele, mesmo que tentasse esconder. Ao menos comigo, ele trazia aquele lado à tona, já que eu sabia o que ele fazia, ninguém mais. Ao menos, Vincenzo fingia bem que não sabia. — Quer dizer, não precisa ser para sempre, mas um momento feliz, pode não ser o bastante?

— Queria ter alguma resposta sobre isso. — Neguei com a cabeça. — Não tenho como dizer nada sobre o que desconheço, e nem pretendo descobrir.

— Desculpe ter te enganado para encontrar com ele no elevador — Kalel admitiu, e o encarei. — Mas eu acho que se algum de nós merece, ao menos ter a chance de um momento, é você, Nonna.

— Kalel...

— Ele é um cara bom, diferente de tudo o que conheceu. — E de repente, ele parecia muito mais velho do que eu, e estava relacionado à sua experiência. — Achei que valesse a pena, pelo menos, saber se existe algo.

— Quem te disse que tem algo sobre eu e o melhor amigo de Talita? — indaguei, e ele sorriu de lado, como se conseguindo o que

queria.

— Foi um tiro no escuro, baseado no que te conheço... — admitiu. — Fora os olhos brilhando, como já disse.

— E resultado: quase levou um porta-retratos nas costas, e bolsadas nas pernas. E Flávio Esteves sequer me notou no elevador junto a ele.

Notei o olhar de Kalel completamente surpreso, e tentei manter minha pose de intocável. A realidade era que nem eu mesma sabia definir o que senti quando o revi, e esperei, por alguns segundos, que pelo menos, ele me reconheceria.

Nada.

Nem um olhar.

Nem um olá.

E talvez devesse ser assim.

Um sinal dos céus de que aquela sensação toda que tinha apenas perto dele, era algo que criei, não que apenas surgiu.

Porque não era recíproco. E nem teria como ser.

Era um sentimento que eu relutava, todas as vezes que o olhar claro caía no escuro dos meus. Porque era o certo. Por mais que um

momento pudesse ser o bastante, eu não sabia se estava preparada. Talvez nunca estivesse.

— Às vezes ele só está ansioso, porque é o primeiro dia em um país que ele mal sabe a língua e...

— O que eu disse sobre ser romântico? — rebati, e ele bufou alto.

Toquei levemente em seus joelhos, e notei seu olhar mudar.

— Pode ser estranho, alguém como eu, buscar algo como amor — confessou, e sabia que de todos nós, Kalel era o qual mais tinha esperança. — Sei que não nascemos para isso, Noona.

— Nós temos amor, Kalel. — Ele me encarou. — Eu, você, Jeon, Chae, Vincenzo, Talita, Verônica... — suspirei fundo. — Cha, Yumi... — então seu olhar mudou por completo. — Somos uma família, além do sangue, lembra?

— Talita e Verô tem sua vida fora da nossa família, e fazem isso muito bem, não acha? — analisei-o por um segundo. — Eu não quero ter que escolher entre vocês e um amor romântico, eu... Eu queria os dois.

— É ainda sobre a mulher naquela fazenda? — indaguei, e ele passou as mãos pelos cabelos pretos, já grandes. — É por ela que está assim?

— Eu acho que a amo... — confessou, e eu o encarei preocupada.
— Mas não sei como fazer dar certo.

— Não foi você que disse sobre viver o momento? — rebati, e ele pareceu atingido pelas próprias palavras. — Se você aproveitar o momento, talvez saiba se é para ser ou não, irmão.

— Obrigado por me ouvir, Noona.

— Sempre. — Trouxe sua cabeça para o meu pescoço, e assim ficamos.

Do mesmo jeito de quando ainda éramos crianças.

Duas crianças que escaparam do inferno. E se protegeram até mesmo dos Kang, por medo em um primeiro momento. Até nos tornarmos uma família. E o éramos.

E eu entendia Kalel por completo, até mesmo o que ele não deixava em voz alta. Ele não só sentia medo do amor, mas também, de não ser digno de alguém. E era algo que nenhum de nós saberia aconselhar. Porque nenhum de nós chegou a conhecer ou viver o que era um amor romântico.

Era como se eu tivesse certeza de que nunca viveria um.

E lá estavam olhos verdes tão claros, que poderiam iluminar a noite mais escura, parecendo com um sinal de perigo, em minha própria

mente.

Por que ele ainda fazia morada ali?



CAPÍTULO 09

“Você devia pensar na consequência

Do seu campo magnético ser um pouco forte demais”^[15]

FLÁVIO

— Isso aqui é maravilhoso — falei, embasbacado pela vista e virando a câmera para que meus irmãos vissem. — Estão conseguindo ver bem?

Já estava de noite, mas devido ao fuso, era o horário que conseguia mostrar para eles, sem acabar os acordando aleatoriamente. E como Talita tinha dito, era um dos momentos em que a ponte sobre o Rio

Han em Seul ficava ainda mais linda. Tinha passado ali de tarde, e não se comparava com o que via naquele momento.

— A vista é linda — Juan falou, e eu sorri, virando a câmera e me mostrando com o fundo.

— Agora estragou um pouco. — Oscar provocou rindo, e eu revirei os olhos. — E já encontrou sua sul-coreana favorita?

— Não vou falar sobre isso — respondi, e vi-os trocar um breve olhar. — O quê?

— Nem precisei falar o nome, mas já sabe de quem estou falando? — ele insistiu e dei de ombros, reposicionando o celular, de forma que ficasse mais cômodo segurá-lo, e eles pudessem ainda contemplar a beleza atrás de mim.

— Não sei por que ainda ficam me provocando sobre isso.

— Eu não provoco ninguém — Juan se adiantou e apenas semicerrei os olhos. Ele poderia não provocar, mas os olhares eram claros. — Você é meio óbvio, irmão.

— O jeito que fica nervoso, ansioso e até mesmo amedrontado antes de ela aparecer, a cada aniversário de Talita, ou até mesmo quando ela apareceu de surpresa na casa da sua melhor amiga, e você estava lá... Ela mexe com você.

— Outras mulheres também. — Tentei fugir daquela conversa. — Não é como se minha fama fosse maravilhosa no interior em que moramos.

— E qual delas você repetiu a noite?

Abri a boca para rebater, mas me calei.

— Eu nunca tive uma noite com Dove Kang — praticamente sussurrei, e sem saber por que me sentia envergonhado em dizer aquilo em voz alta.

— E olha só, como apenas a existência dela, te faz sentir.

— Eu não opino na vida amorosa de vocês — rebati, notei Juan apenas desviar o olhar e Oscar riu alto.

— Então ela é parte da sua vida amorosa?

E Oscar sabia como me tirar do sério como ninguém.

— Você merece o apelido de Scar, diacho — falei, e ele riu ainda mais. — Vou desligar, porque estão cansando minha beleza com assuntos sem fundamentos.

— Nos diga depois se encontrou com...

Dei um leve acenar para Juan e desfiz a ligação enquanto Oscar ainda falava. Ele sabia como ser um pé no saco quando queria. Passei as

mãos pelo rosto, guardando o celular que já tinha tirado várias fotos e me vi buscando meu chapéu com as mãos, como já era um hábito.

Chamaria muita atenção andar com um chapéu de cowboy no meio de Seul?

Talvez eu devesse repensar aquilo.

Caminhei por alguns metros procurando um lugar para comer e revendo parte das frases que Talita me mandou, que seriam de pura sobrevivência. Eu me lasquei para aprender inglês, e mesmo após tantos anos ainda sabia o básico de coreano.

Depois de algum tempo, encontrei o que parecia ser um cenário saído de um dorama, e com certeza tinha frango frito, e quem sabe, soju. Entrei, e fiz uma reverência da forma que sabia ser respeitosa, e caminhei até uma mesa.

Assim que me sentei, uma senhora se aproximou, trazendo o cardápio e começou a falar comigo. Tudo o que consegui responder foi um “olá” e entrei em pânico por não entender quase nada do que ela falava. Então mostrei meu telefone, e ligaria para Talita. Ela que lutasse para fazer o meu pedido estando do outro lado do Pacífico.

Porém, antes que eu o fizesse, e me sentisse ainda mais envergonhado, senti uma mão no meu ombro e engoli em seco. *Não*

poderia ser! Eu não... Não estava acontecendo aquilo.

Vire-me e ouvi a voz de Dove Kang, em sua língua natal, conversando com a senhora, que sorriu e anotou algo, logo se afastando.

— Dove...

— Flávio...

Ela logo afastou sua mão do meu ombro, e eu ainda sentia o toque queimar sob o tecido. *Como ela tinha tamanho poder sobre mim?*

— Como... Como me achou? — indaguei de primeira, e ela não pareceu se surpreender pela minha bravata.

Contudo, por um segundo, eu sequer obtive uma resposta. Tudo o que pude fazer foi olhar para ela. Realmente olhar. Ela vestia um sobretudo preto, e botas de salto alto na mesma cor. Os cabelos presos no alto da cabeça e uma maquiagem leve, mas que tinha um delineado marcado na cor branca, que de alguma forma, destacava-se na pele clara.

Os olhos castanho-escuros. Ainda do mesmo jeito. Ainda hipnotizantes.

— Posso me sentar? — sua pergunta me despertou, assim como, a proximidade do seu rosto no meu.

Pisquei algumas vezes, assentindo e ela o fez.

— Acho que não ouviu minha resposta — falou, e olhou-me profundamente. — Talvez não fosse bom saber.

— Do por que me procurou aqui? — indaguei, e ela assentiu.

— Não tenho como fingir que vamos nos esbarrar, sendo que posso saber exatamente onde está, e é uma das minhas responsabilidades... — olhei-o curiosa. — Então, se está me vendo, é porque quero ser vista por você.

— Eu... — suspirei fundo. — Eu não sei o que dizer, Dove.

— Ao menos, quando estamos apenas nós, você é apenas você.
— As bebidas chegaram, garrafas de soju e copos. Dove indicou que me serviria, e eu só soube aceitar, fazendo o mesmo com ela, no momento seguinte.

A bebida desceu queimando, vi-a fazer uma careta, e eu ficava a cada segundo mais perdido.

— Não parece ter medo de mim, não quando está longe dos outros.

— Não tenho medo de você... — admiti, aceitando outro copo que ela serviu. Pelo menos com ela, eu não precisava fingir. Não que fosse algo que o fizesse sempre. Porém, era mais fácil todos pensarem

que ela me aterrorizava por ser quem era, e não por ser apenas ela. —
Tenho medo do que você me faz sentir.

A surpresa foi óbvia em seu olhar.

— Dez anos, menino. — Ela sorriu de lado. — E nenhum de nós
superou essa sensação... — então, surpreendendo-me, ela não colocou
mais bebida alguma no copo, mas sim, deitou seu braço na mesa, como
se dando-me a chance de aceitar ou não. — Que pode ser ainda maior?

Levei minha mão à dela, e senti a forma como todo meu corpo se
sentiu em casa. A forma como cada parte de mim, queria poder estar
ainda mais perto de cada parte dela.

Ela entrelaçou nossos dedos, e seu olhar passou daquela conexão,
para os meus olhos.

— Sabe o que é conseguir sentir a presença de alguém, sem ao
menos tocar? — indagou, e eu assenti, porque era exatamente assim que
me sentia sobre ela.

— Sempre esperando me sentir assim, de alguma forma, porque
queria que a pessoa estivesse lá.

— E não me sentiu no elevador hoje?

— Era você? — indaguei perplexo, e vi um sorriso sem dentes
em seu rosto. — Eu pensei que estivesse pirando, por achar que iria

encontrar você a qualquer momento, só por estar em Seul.

— Eu quero ser encontrada por você, menino. — Ela então afastou sua mão da minha, fazendo-me sentir sua falta no mesmo instante. Enquanto todo o turbilhão de sensações que ela me trazia, me atingia por completo. — E esse é um grande problema.

— Eu não sei como fazer isso dar certo, Dove — assumi. — Mas eu posso te pagar mais uma garrafa de soju...

Sugeri, e então, surpreendendo-me ainda mais, um lindo sorriso se abriu em seu rosto e parecia iluminar cada canto de minha mente, como se fosse o que eu procurasse desde sempre, sem ter ideia de que o fazia.

Era ela.

E eu não sabia o que estávamos fazendo, mas gostava mesmo assim.



CAPÍTULO 10

“No final da noite, a cidade está dormindo
Seu amor é um segredo que eu estou esperando
Sonhando, morrendo de vontade de manter
Mude minhas prioridades
O gosto de seus lábios é minha ideia de luxo”^[16]

DOVE

*Quer dizer, não precisa ser para sempre, mas um momento feliz,
pode não ser o bastante?*

Poderia culpar o conselho não solicitado de Kalel para eu estar bem ali. Contudo, enquanto olhava Flávio deslumbrado olhando para cada canto brilhante de Seul, eu não conseguia focar em outra coisa, que não fosse ele.

— O seu hotel fica nessa direção

Falei, enquanto ele estava claramente bêbado e sorrindo abertamente. Via sua mão hora ou outra ir para a cabeça, como se fosse levantar ou tocar o chapéu, e sabia que era um dos meus questionamentos.

— A gente bebeu em silêncio, de mãos dadas... — falou de repente, quando consegui entrar com ele no elevador, e o mesmo depositou seu peso contra a parede de aço. — Eu já disse o quanto te acho bonita, Dove?

— Na primeira vez que me viu — respondi, e notei a surpresa em seu olhar bêbado. — Na noite em que conheceu Talita. — Pisquei um olho e ele arregalou os dele.

— Eu... Eu falei com você?

— Você disse “moça bonita” — falei, lembrando aquele primeiro contato e agora sabendo exatamente a junção das palavras. — E tentou colocar meu cabelo atrás da orelha...

O elevador deu um leve tranco, e vi-o se desequilibrar, e então me coloquei para ajudá-lo. Passando minha mão por sua cintura, e sentindo seu braço ao redor do meu pescoço.

— Eu tentei tocar no seu cabelo... — ele pareceu refletir em voz alta, enquanto saíamos em direção ao corredor do seu quarto. — Não acredito, que vergonha! — falou, levando duas mãos ao rosto, e parando de repente, fazendo-me afastar do mesmo. — E aqui estou eu, passando outra vergonha bêbado.

— Não vai nem se lembrar disso amanhã — comentei, levando minha mão até a barra da sua calça, e puxando o cartão do quarto de hotel que estava no bolso traseiro.

Ele retirou as mãos do rosto de imediato e seu olhar parou no meu. A maior proximidade que já tivemos, bem ali, um rosto quase colado no outro. Quase como naquela primeira noite. Só que era mais. Também porque significava mais.

— Vou abrir a porta do seu quarto e te colocar para dormir — falei, virando-me e antes que desse um segundo passo, senti sua mão em meu braço, segurando-me. Virei-me e o encarei, aquela sensação de intimidade se tornando quase sufocante, a ponto de poder ser tocada. — O que, menino?

— Só queria olhar para você — falou, e eu não pude evitar um leve sorriso. Eles vinham tão fáceis quando se tratava dele, que me assustava.

E aquela era uma realidade que talvez ninguém soubesse sobre nós. Ou o que eu considerava entre nós.

Eu tinha medo de Flávio Esteves.

Um medo do que ele me fazia sentir. Diferente de tudo o que eu conhecia. Angustiante para saber o que vinha a seguir.

— Pode tirar uma foto, se quiser — brinquei e um sorriso iluminou todo seu rosto.

Voltei a andar até a porta e ele não me soltou, como imaginei que faria. Assim que a abri, dei-lhe espaço para entrar, e ele o fez. Fechei a porta atrás de mim, e meu olhar parou no chapéu perfeitamente colocado sobre um dos travesseiros da cama de casal.

— Pensei que eram inseparáveis. — Apontei com a cabeça em direção ao chapéu, e ele ainda sorria enquanto se sentava na cama, e pegava o acessório em mãos.

Deixei o cartão do quarto sobre a mesinha que encontrei, e apenas parei para observar o homem à minha frente.

Ele colocou o chapéu na cabeça, e aí sim, era ele por completo. A aba, como sempre, um pouco à frente dos seus olhos, o que me obrigava a ir até ele, e subi-la. Para poder ter a visão completa do que me encantou desde o primeiro o momento – aquele olhar.

E o fiz, sem pensar duas vezes.

Assim que toquei seu chapéu, seu sorriso se desfez.

— Gosto quando faz isso — falou, e notei a forma como suas mãos subiram e desceram ao lado do meu corpo, como se pensando no que fazer, ou se segurando. — De quando fica tão perto, a ponto de eu pensar que é minha.

— Podemos contar quantas vezes isso aconteceu nos dedos de uma das mãos... — refleti, ele assentiu e soltou um suspirar claramente frustrado. — Por que se segura quando se trata de mim? — perguntei, e seu olhar parou no meu. — Sei que não é um santo, Flávio Esteves.

Vi-o engolir em seco e passar uma das mãos na nuca, como se estivesse sem jeito.

— Por que não é tão galanteador ou charmoso comigo?

— Está dizendo que não sou charmoso com você? — revidou, fazendo-me rir, e o vi se derreter diante do que tirou de mim. — Como

vou ser? Olha só para você! — falou, e de repente segurou minha mão, virando-me de costas para si.

Senti-o se levantar, e então entendi sua intenção. Dei passos à frente, sendo guiada por ele, que me parou diante de um espelho. Olhei-o pelo reflexo, e sua imagem, assim como a minha, fez-me quase esquecer qualquer coisa, e apenas me prender àquele corpo.

— Você é a perfeição, Dove — falou, e então a sua mão livre pairou sobre minha cintura. — E não é só o seu corpo que mexe comigo, é tudo! O jeito que me olha, o jeito que sorri, o jeito que apenas fica em silêncio... Anos e anos correndo do que você me faz sentir.

Trouxe sua mão para minha cintura, e ele a apertou ali. Dei um passo atrás, encostando meu corpo no seu, e senti tudo de mim se eletrizar. Cada grama do meu ser, implorando por cada grama do ser dele.

— Pode me dizer isso quando estiver sóbrio? — soltei-me da sua mão que estava na minha, e me virei, encarando-o. — E eu estiver sóbria — complementei, porque sabia que por mais que não estivesse tão alta quanto ele, tinha bebido o suficiente para aquela noite.

— Como você quiser, moça bonita.

Sua testa se encostou na minha, e senti seu perfume se espalhar por todo meu ser.

— Acho que preciso de um banho antes que eu não pense mais e apenas...

— Você sempre pensa muito, menino. — Levei meus lábios até o seu rosto, e deixei um leve beijo ali. — Mas concordo que precisa de um banho.

— Está dizendo que eu cheiro mal? — indagou de repente, o seu lado comediante surgindo, complementando quem ele realmente era.

Tão diferente de mim.

Tão perfeito para mim.

— Vou te deixar pensando assim.

Ele então sorriu, e se afastou, soltando claramente em negativa a mão de minha cintura.

Assim que ele desapareceu porta adentro do banheiro, vi-me indo até a cama, e me sentando. Eu deveria apenas ir embora e esquecer aquilo. Fazê-lo pensar que era algum jogo ou algo parecido. Nada mais. Porém, eu não consegui. Não pude me mover.

Eu apenas fiquei ali, esperando por ele. Como se estivesse esperando por toda a vida por aquilo.



CAPÍTULO 11

“Me toque até eu criar um sentimento

Diga com suas mãos que você nunca irá embora (não)

Sempre achei que eu fosse difícil de ser amada

Até que você fez parecer tão fácil”^[17]

FLÁVIO

Eu não queria demorar naquele banho.

Na realidade, eu não queria perder qualquer momento que pudesse de apenas olhar para Dove. Ri de mim mesmo, passando o sabonete rapidamente pelo corpo, e pensando em como eu era uma

completa enganação. De todos os lugares que eu poderia escolher para passar aquelas férias, eu tinha escolhido junto a Talita, justamente a cidade em que eu sabia que a sua família ficava.

Ao menos, grande parte do tempo.

Seria mentira não dizer que pensei *nela* quando decidi. E agora, tendo-a do outro lado de uma porta, sentindo todo meu corpo praticamente respirar pela sua presença, a realidade era esfregada na minha cara. A vontade de que ela quisesse me ver. A ansiedade de poder tocá-la.

E eu o fiz.

Pela primeira vez.

Minha mão ainda parecia queimar, como se soubesse que junto a ela, era o meu lugar.

Enxaguei-me rapidamente, tirei um pouco do xampu que até já tinha passado. Assim que terminei, desliguei o registro e puxei a toalha. Acreditava que nunca tinha tomado um banho tão desesperado. O medo de que eu saísse por aquela porta e Dove Kang não tivesse passado de algum resultado bêbado ou maluco de minha mente me atormentava.

E foi naquele momento, terminando de enxugar minhas costas, que me lembrei de que não tinha levado roupa alguma para o banheiro e

nem as tinha ali. Estavam todas na minha mala.

Senti todo o sangue correr para minhas bochechas, como se tivesse feito algo errado. *Diacho!* Amarrei a toalha na cintura, e respirei fundo, antes de abrir a porta. *Por que eu sempre ficava tão nervoso perto dela?*

Ela já tinha me visto daquela forma.

Há dez anos! Minha mente gritou, como se rindo da minha cara.

— Para de ser doido — sussurrei para mim mesmo, e abri a porta de fato.

Assim que adentrei o quarto, não levantei o olhar de primeira, como se tentando apenas ir até minha mala, pegar qualquer roupa e voltar para o banheiro. Contudo, por mais que o silêncio de Dove Kang fosse algo comum, os suspiros dela, eram algo completamente novo.

Ela estava deitada sobre a cama, aconchegada no travesseiro que eu tinha dormido, e parecia completamente relaxada.

Parei por alguns minutos, apenas para observá-la dali.

— O que você fez comigo? — perguntei baixinho para a versão sonolenta dela, que não viria com a resposta, assim como, eu não tinha.

Vi que suas botas estavam colocadas simetricamente do lado da cama, e apenas fui até o edredom bagunçado que eu havia deixado, e

puxei-o sobre seu corpo. Bem devagar, temendo acordá-la ou incomodá-la. Era maluco o sentimento de apenas poder olhar para a pessoa ser algo deslumbrante. E ela era extremamente contagiante, apenas por estar à minha frente.

Fui até minha mala e peguei uma calça mais fina, uma cueca e uma camiseta. Voltei até o banheiro e me vesti. Parei por um segundo, encarando meu reflexo no espelho e sem acreditar no que acontecia.

Em tudo que ela conseguia despertar em meu ser, apenas por estar tão perto. E de alguma forma, agora eu tinha noção de que não era o único perdendo a própria minha mente.

Peguei meu chapéu que ficou sobre o balcão da pia e o trouxe para perto do peito, saindo do banheiro em seguida. Encarei a vista mais bela que já tive, de Dove deitada na cama em que eu também deitei. Ela parecia tão tranquila naquele momento, que eu jamais correria o risco de acordá-la.

Sentei-me com todo cuidado do lado oposto da cama, e deixei meu chapéu no colo. *Como eu poderia explicar, que aquele chapéu parecia combinar perfeitamente com ela?*

— Diacho. — Reclamei em um sussurro, quase rindo de mim mesmo.

Eu estava mesmo considerando que ela era a dona do meu chapéu? Mesmo depois de tanto tempo e de tanto evitar? Suspirei fundo, e deixei o acessório na mesinha de cabeceira, permanecendo sentado na cama. Eu só poderia ficar ali, e observá-la dormir.

O meu celular vibrou em algum lugar do quarto e arregalei os olhos, levantando-me com cuidado e procurando por ele na cômoda mais próxima. Vi o nome de minha melhor amiga no visor, e fui a passos contados e o máximo silenciosos para o corredor do hotel.

— Vai me dizer que estava no banho e não atendeu? — foi a pergunta de Talita, assim que atendi, soltando meu ar com força. — Por que me parece ansioso, mesmo sem ter dito nada?

— E isso são horas de ligar? — rebati, e encarei o horário no celular por um segundo. — Quase três da manhã, pior melhor amiga.

— Fuso horário — revidou, fazendo-me revirar os olhos.

Andei até perto do elevador para não acontecer de que algum barulho fosse alto demais. Eu prezava até pelo sono daquela mulher.
Onde eu iria parar?

— Enfim, liguei porque precisava saber se chegou bem, já que disse que ia beber algo, e bom, sabemos que nenhum de nós é um expert bêbado.

— Obrigado pela parte que me toca. — Ela riu do outro lado da linha. — Mas cheguei bem, inteiro, e já estou pronto para deitar e dormir.

Onde eu iria dormir?

Foi a pergunta que se instalou em minha mente.

— Vê se manda mensagem da próxima vez, homem. — Ela parecia realmente preocupada. — Aliás, vamos ter que ver como ficará o horário para o nosso dorama.

— A diferença de fuso vai acabar com a nossa amizade. — Provoquei.

— Até eu chegar aí e quebrar algum relógio na sua cabeça. — Ri baixinho e me apoiei contra a parede do corredor. — Me avisa qualquer coisa, ok?

— Sim, senhorita — respondi, sentindo a forma como mesmo sendo pessoas completamente diferentes em todos os aspectos possíveis, tínhamos encontrado algo inquebrável – amizade verdadeira. — E você, pare de trabalhar tanto.

— A promessa que eu não farei para não ter que quebrar...

— Talita. — Chamei sua atenção e poderia vê-la revirando os olhos e sorrindo.

— Apenas se divirta, enquanto eu não chegar... E quem sabe, encontre minha irmã mais velha.

— Dove Kang, assunto proibido — respondi o de sempre, ficando em alerta, porque não tinha como realmente agir de forma mais normal que aquela, após os recentes acontecimentos.

Qualquer coisa que eu mudasse, Talita desconfiaria e conseguiria tirar cada detalhe de mim. *E quem disse que eu não queria compartilhar com alguém o tanto que minha cabeça estava dando voltas?*

— E eu fingindo que concordo, como sempre — falou e deu uma risadinha. — Te amo, fafa.

— Também te amo.

Ela desfez a ligação, e fiquei por alguns segundos, apenas respirando fundo, e agradecendo aos céus por ninguém estar madrugando pelos corredores, apenas eu. A cena poderia ser patética, de um homem de vinte e oito anos, perdendo a mente no corredor de um hotel que estava há um dia.

Era como eu me sentia.

E tinha certeza de que qualquer um poderia me ler assim.

O lado negativo de ser transparente demais.

Voltei para o quarto e quando encarei a cama, Dove ainda permanecia da mesma forma. Sequer tinha se mexido.

Fechei a porta com cuidado e em seguida, escorei-me na mesma. De repente uma certeza me acertou, e eu fiquei perplexo, mas um sorriso se abriu no canto da minha boca.

Eu poderia me acostumar com aquela imagem à minha frente, todos os dias.

E aquilo me assustou *pra diacho*.



CAPÍTULO 12

“Porque eu sou difícil de amar, acho difícil confiar

Quando é bom demais, eu simplesmente fodo tudo

Você quer tudo de mim, eu não posso dar tanto

Então, não se apaixone muito porque eu sou difícil de amar”^[18]

DOVE

— *Você está a salvo. — A voz de Yumi me veio à mente, enquanto eu me agarrava ao edredom e tentava acreditar nela. A realidade era que eu não acreditava em ninguém. — Sei que não confia em nós, mas*

tenha certeza de que nunca mais vai voltar para o lugar que estava. É a palavra de uma Kang.

Olhei-a sem entender muito e para todas as luzes acesas ao meu redor.

— Sei que era muito escuro lá, e não queria que se sentisse como se fosse o mesmo lugar. — Ela parecia entender tudo o que se passava dentro de mim. — Isso aqui, é se quiser falar comigo. — Deu-me um aparelho pequeno, na cor rosa, que tinha um botão. — Só apertar o botão, que eu vou estar aqui.

— Kalel? — perguntei, lembrando-me do garoto que encontrei no meio da fuga, e que tinha me ajudado. Nós tínhamos nos ajudado, fugindo de lugares diferentes.

— Ele está no quarto ao lado — assenti, mas tencionei em seguida. Ele estaria vivo? — Vivo, Dove — respondeu à pergunta que deveria estar escrita na minha testa. — Vocês dois estão vivos e a salvo agora.

Aquela foi a primeira noite em que o sono me venceu e eu consegui dormir de verdade. Doze anos trancafiada pelos Ten, e assim que tive noção do que era tudo aquilo, eu mal conseguia descansar. Era

o lado grotesco deles. De conseguirem tirar o sono até de uma criança, por anos.

Senti meu corpo mais quente, enquanto me virava com cuidado e buscava meus vários travesseiros para prender meu corpo. Contudo, não os encontrei. Apenas o edredom ali comigo, o que poderia ser causado por eu ter sonhado demais durante à noite, e jogado todos os travesseiros no chão.

Eu não tinha pesadelos há muito tempo, porém, os sonhos sempre me remetiam a lembranças do passado, de quando ainda era uma menina. Por mais que eu quisesse apenas esquecer, ainda era uma parte de mim.

E saber de que um dos responsáveis por tudo aquilo permanecia vivo, parecia manter minha mente em um looping. Eu não iria parar de sonhar com o meu passado, enquanto ele ainda pudesse ser o presente de alguém.

Espreguiceei-me por completo e senti o leve aperto na cabeça. *Eu tinha dormido com os cabelos presos?* De tudo que eu fazia quando realmente estava cansada, aquilo nunca me passava.

Abri os olhos aos poucos, e então fiquei em alerta no mesmo segundo. Minha mão foi para o meu cabelo, tirando o grampo que o

prendia, e que facilmente seria uma arma. E logo, meu corpo todo foi relaxando, quando reconheceu o do homem deitado no sofá do canto. Um sofá que mal o cabia, e ele parecia completamente esparramado sobre ele.

Eu tinha dormido?

Apagado por completo?

Em um quarto de hotel que não estive antes?

Algo em Flávio Esteves me despertava uma confiança que sequer sabia que outro alguém além da minha família podia me dar. E ele teve a minha, sem eu sequer perceber. Não pensei que dormiria, no momento em que retirei as botas, apenas para ficar mais à vontade. Não passou por minha mente que de fato aconteceria.

Mas aconteceu. E eu tinha dormido quase uma noite toda ali, *com ele*.

Levantei-me e aproximei-me dele, com o objetivo de tocar seu rosto, para mandá-lo para a cama. Porém, antes que o fizesse, senti meu ponto vibrar na orelha.

— Onde se enfiou, Noona? — a pergunta veio de Kalel.

— Eu... — afastei-me de Flávio para não acordá-lo, e adentrei o banheiro, com todo cuidado.

— Toda silenciosa... Onde está, Noona?

— Vai me dizer que não sabe minha localização? — indaguei, revirando os olhos para o nada. — Algum problema? — já fiquei em alerta.

— É que não apareceu em casa, e como eu fico olhando a localização de todos vocês, mesmo que Chae brigue comigo...

— Eu estou com *ele*, satisfeito? — indaguei, ainda num tom baixo, e ouvi um grito do outro lado.

Não pude deixar escapar uma risadinha.

— Eu não sei por que ainda te considero meu irmão, Kalel.

— Porque eu sou o melhor — revidou. — Espero encontrar um amor como o seu, Noona.

— Você é o último mafioso romântico do planeta, como pode?

— Eu não sou mafioso — rebateu, e podia visualizar perfeitamente sua cara de sarcasmo. — Desculpe atrapalhar, ou não...

— Vá fazer seu trabalho! — Desfiz a ligação, e ainda ouvia sua risadinha. Ele era... Kalel Kang era realmente fora de qualquer curva.

Aproveitei que estava no banheiro, para recolocar o grampo de cabelo, que prendia minha franja, novamente no lugar. Ajeitando-o. Notei uma escova de dentes dentro da embalagem, e a analisei antes de escovar os meus.

Passei uma água no rosto e agradei pela maquiagem não ter sido muito forte no dia passado, porque minha *skin care* tinha ficado de lado. Saí em seguida do banheiro, e Flávio permanecia todo torto no sofá, com a boca quase aberta.

— Ei... — chamei baixo, e toquei levemente sua cabeça. — Flávio...

Ele piscou algumas vezes, mas se agarrou mais ao edredom, como se negando a sair.

— Escola hoje não, Juan. — Reclamou, a voz meio confusa, e eu ri de lado. — Hoje não.

— Juan está no Brasil, com certeza sem querer te mandar para escola... — falei um pouco mais alto, e então o claro dos seus olhos encontrou o escuro dos meus.

Ele piscou uma vez, a testa se franzindo, e em seguida deu um pulo no lugar. Devido ao sofá ser muito pequeno, ele caiu para fora do mesmo e eu fiquei inerte, assistindo a toda a cena.

Nós nos encaramos por alguns segundos, enquanto ele soltava um *diacho* baixinho.

No segundo em que seu olhar parou no meu novamente, eu levei uma das mãos à boca e ri sem me conter. E como se fosse para ser, lá

estava ele novamente, caído à minha frente. Só que daquela vez, gargalhando de toda a cena, e claramente à vontade.

— Precisamos rever a parte que sempre caio na sua frente. — Vi-o levar um dos braços sobre os olhos, e rir ainda mais.

— Segunda vez e contando... — provoquei, e ele se sentou de imediato.

— Dove Kang é debochada? — olhou-me de cima a baixo, no tom sarcástico e engraçado que apenas ele tinha, e eu dei de ombros, mas fui honesta.

A Dove do passado não sabia ser e nem tinha ideia de como. Mas a Dove Kang, com certeza.

— Irmãos Kang são capazes de ensinar até isso. — Complementei, ainda zombando.

— E a roubar um banco?

Eu ri mais alto ainda, e ele me respondeu com uma risadinha. Apenas ele parecia conseguir fazer esse tipo de coisa. Ver um lado nos Kang, que ninguém mais ousou fazer. Ou talvez fosse o fato de nenhum de meus irmãos terem relacionamentos amorosos, o que não nos levava para pessoas de fora daquele mundo, poderem trazer *pérolas* como aquela.

Eu estava mesmo o incluindo no meu mundo?

Tentei não pensar sobre e lhe estiquei a mão, a qual ele logo apertou. Talvez ele estivesse aceitando, sem saber, que seria parte de mim, por um “felizes para sempre” contado.

E vendo-o ali, sorrindo para mim, soube que não tinha como fugir.

Não mais.



CAPÍTULO 13

“Querer era o suficiente

Para mim, era o suficiente

Viver pela esperança disso tudo”^[19]

FLÁVIO

Como um café da manhã no hotel conseguia ser tão animador?

Eu não era fã de estar dentro de um quarto, trancado e não curtindo a cidade, mas algo sobre ter Dove à minha frente, tomando seu desjejum, deixava-me com um clarão no peito.

— Sempre observa tanto as pessoas comerem? — indagou, após tomar um pouco de água, e pisquei algumas vezes. — O que tanto quer saber? — sua pergunta me pegou de surpresa, porque era como se ela tivesse instalado algo em meu cérebro que poderia ler cada mínima coisa que estivesse dentro dele. Ou ela era realmente muito boa em ler pessoas.

Bom, ela era da máfia. Talvez fosse um pré-requisito?

— Como sabe que tenho perguntas? — rebati, e ela me encarou, limpando com o guardanapo a boca.

— É meio óbvio, pela forma que parece tentar me ler. — Arqueou uma sobrancelha, e cruzou os braços, em uma pose que parecia impenetrável.

— Bom, eu... — mordi o lábio inferior, e notei a forma como seus olhos acompanharam o movimento. *Sossega o facho, Flávio!* — Eu nem sei por onde começar... — admiti, e ela se recostou melhor na cadeira, enquanto eu tomava um pouco de água. — Quer dizer, você não deveria estar “trabalhando”? — fiz aspas com as mãos e ela quase revirou os olhos, como se interessada no assunto, ou nem um pouco.

— Eu tenho um ponto... — indicou a própria orelha, e não tinha ideia do que falava, já que não enxergava nada. — Camuflado, que não vai encontrar. — Piscou um olho, e senti meu coração quase bater na

cabeça. — Meus irmãos conseguem falar comigo a qualquer momento, e estou a postos a qualquer segundo.

— Mas não tem algo específico? — perguntei, e apoiei os cotovelos sobre a mesa. — Não sei, vigiar alguém, por exemplo — comentei, lembrando do que ela fez comigo anos atrás, e vi um quase sorriso surgir em seu rosto.

— Há casos pontuais, sim — assentiu levemente. — Mas temos datas específicas, e hoje não é um dia desses.

— Tem algo “específico”... — fiz novamente aspas com as mãos, e dessa vez, ela soltou um leve bufar de ar. — Durante os próximos dias? — soltei a pergunta principal, e notei a forma como seu olhar se modificou, como se ligeiramente surpresa.

— Existiam tantas perguntas, como: você já matou, torturou ou machucou alguém? — ela então fez aspas com as mãos, e fiquei um tanto mortificado comigo mesmo. *Por que eu não me sentia no lugar de indagar aquilo?* — Das duas uma, ou você é realmente espontâneo ou tem medo da resposta.

— Eu... — ri sem graça. — Eu nunca pensei em você matando, torturando ou machucando alguém... Quer dizer, sei que pessoas da máfia

fazem isso, mas... — suspirei fundo. — Não sei o porquê, mas existe algo nos Kang que não me causa medo — admiti.

— Ou acredite que somos boas pessoas, porque é o melhor amigo de Talita, só que ela não cresceu no cerne da família. — Ela desviou o olhar, e pareceu pensar sobre algo. — Não sou a mocinha perfeita e indefesa dos doramas que você e Talita tanto assistem, nem de perto. Nem sou uma boa pessoa, Flávio. — Olhei-a com uma respiração presa. — O que eu posso dizer é que não machucamos, torturamos ou matamos inocentes. Pode pensar nisso como algo bom ou algo narcisista.

— Posso pensar nisso como justiça? — indaguei sério, e vi-a piscar algumas vezes, antes de descruzar os braços e abrir um sorriso de lado.

— Eu realmente não sei o que fazer com você — comentou, o seu sotaque ainda mais forte, como se acostumando-se a dizer algumas palavras em português.

— Pode me ajudar com coreano. — Ofereci e vi-a me analisar. — Quer dizer, eu vim para Seul para isso, e porque me apaixonei pela cultura através de Talita e...

Por causa de você.

Guardei aquela frase, ao menos, era o que tentava fazer.

— Veio por mim?

E ali estava Dove Kang, em sua postura perfeita, me desestabilizando por completo com apenas três palavras.

— Se eu der uma resposta sincera, vai aceitar passar alguns dias comigo?

Ela arqueou uma sobrancelha, e levou uma das mãos ao queixo, olhando-me profundamente.

— Por isso a pergunta de dias específicos? — assenti, e ela apenas ficou em silêncio.

Um silêncio que me deixou ainda mais ansioso.

— Não posso te dar nada além dos meus dias “não específicos”...
— , ela acabou fazendo aspas com os dedos, como se fosse um código secreto que acabamos de inventar, mas seu tom era sério, como uma clara promessa em cada palavra que saiu de sua boca.

Apenas dias “não específicos” seriam o suficiente?

Eu sabia onde diachos estava me enfiando?

— E ninguém, além de nós, vai saber disso. — Sentenciou e eu respirei fundo, um pouco atordoado.

— *Disso...* quer dizer que existe a chance de você me ensinar coreano? — indaguei, tentando reencontrar o conquistador cafona que

existia dentro de mim, e que parecia ainda pior quando se tratava dela.

— Sempre teve essa chance, menino.

Fiquei perplexo e engoli em seco.

Meu corpo todo energizado pela simples imaginação de que aquela intimidade e proximidade que apenas crescia entre nós, pudesse aumentar. Poderia ser mais. Muito mais.

Eu estava preparado para aquilo?

Mesmo que não estivesse, sabia que faria de tudo para não perder aquela chance.

Era a chance de entender e compreender, o que me fez de fato atravessar o planeta, apenas pela sorte de encontrar olhos escuros penetrantes.



CAPÍTULO 14

“No meio da noite, em meus sonhos

Você devia ver as coisas que fazemos, amor, hm

No meio da noite, em meus sonhos

Eu sei que vou ficar com você, então vou no meu tempo

Você está pronto para isso?”^[20]

DOVE

— Se precisar de mais, me mande nosso código, ok? — indaguei,
e ouvi Kalel gargalhar do outro lado da linha.

— Estou de viagem em alguns minutos, Noona — avisou. — Não que você não soubesse, mas precisava mesmo colocar Hari no meio?

— Ela é praticamente uma Kang — falei, sem querer que ele adentrasse aquele assunto novamente. — Ela não é, porque escolheu não ser.

— Eu sei, mas...

— Tenha cuidado e respeito com ela — cortei-o. — E isso é uma ordem, Kalel.

— Mas posso ser feliz durante a viagem também, certo, Noona?

— Tome cuidado.

Outra ordem, que sempre torcia para que ele obedecesse. Eu sabia o quanto Kalel era inteligente e perspicaz, mas ele tinha um grande ponto fraco: o amor. A busca pelo sentimento. E eu temia que não fosse o que ele esperava, mesmo que eu não conhecesse de fato o amor romântico que ele tanto queria.

— Eu sou Kalel Kang, Noona.

— É meu irmão, e quero que tome cuidado — rebati e respirei fundo. — A qualquer momento, nosso código.

— Sempre, Noona.

— Como um Kang?

— Como um Kang, Noona.

Ele desfez a ligação e ajeitei o ponto em minha orelha, que ficava camuflado atrás de um dos brincos e praticamente imperceptível.

— Diacho!

Ouvi um barulho alto e algo caindo. Pisquei algumas vezes e entrei no quarto de Flávio novamente. Eu já tinha ido ao quarto que Kalel, nem um pouco pretensioso, alugou em meu nome e deixou praticamente uma mala minha ali. *Como poderia ser tão enxerido?*

A vista que me recebeu no quarto de Flávio, era dele caído de cara no tapete, e notei uma de minhas botas debaixo do mesmo.

— Algo sobre você e o chão, para me impressionar? — indaguei, e ouvi-o rir contra o tapete.

— Acho que vou fingir que desmaiei para ser menos vergonhoso.

Ele então ficou daquela forma por alguns segundos até rolar para o lado, e me permitir ter visão de todo ele, que ainda ria.

— Devo me preocupar com os roxos que vão surgir em você enquanto estiver comigo?

Sua risada aumentou até o momento que ele pareceu entender a segunda intenção na frase e sua boca foi se fechando aos poucos, quando um ar sério dominou seu rosto.

Uma feição que eu achava adorável.

Flávio Esteves completamente sério era um momento em particular.

— Então? — insisti, estendendo-lhe minha mão e ele se sentou antes de apertar.

Aquela energia e tensão se espalhando por todo o quarto. Entre nós. Fazendo-me imaginar as coisas que poderíamos fazer e ser.

— Está muito linda, moça bonita. — Ele então parou seu olhar em meu cabelo, e vi a forma como encarou a trança. — É a primeira vez que vejo mais do seu cabelo.

— Um jeito tão sutil e fofo de cortar a tensão... — segurei um suspiro. — Prefiro sempre meu cabelo preso.

— É uma forma de proteção?

— É apenas um gosto. — Fui honesta. — Nem tudo é sobre a máfia... — provoquei, e ele me deu um sorriso de lado.

Sua mão ainda estava na minha e antes que qualquer um de nós dissesse algo, ele as entrelaçou.

— Vai mesmo me levar para conhecer Seul?

— O que quiser, menino. — Pisquei um olho, e ele parecia se iluminar por completo. — Vamos começar pelos cenários dos doramas

que tanto quer conhecer.

— Queria ir até a Ilha de Jeju.

— Nós podemos. — Ele arregalou os olhos, e os semicerrou em seguida. — Qual a desconfiança?

— E se você me sequestrar... — foi minha vez de ficar sem reação. — Não que eu ache que fosse reclamar, mas... existe a possibilidade?

— Apenas vamos, menino.

Ele sorriu ainda mais e colocou seus óculos escuros, deixando-me embasbacada com o quanto era bonito. Ele fez tudo com a única mão livre, como se evitando ao máximo que eu me soltasse dele.

Eu não o faria.

Não até o próximo dia específico que eu tinha.

Era dali a duas semanas, mas ele não precisava saber.

Ou poderia ser até que algo inesperado ocorresse. Contudo, ele sabia sobre aquilo.

Mesmo assim, ele continuou com sua mão na minha, apertando levemente cada um dos meus dedos como se me conferindo a cada segundo.

No momento que adentramos o elevador fiquei ao seu lado, ele levou nossas mãos entrelaçadas até sua boca, depositando um leve beijo no dorso da minha. E olhei-o encantada pelo espelho do elevador. Genuinamente, ele parecia conferir que era real. Pacientemente, ele dava passos para que fosse.

Era estranha a sensação de que ele parecia entender tudo o que se passava dentro de mim – por completo.

A maneira como ele me buscava, através de um toque de mão, como se para conferir que era real. E não um sonho perdido em uma noite conturbada. Ele parecia ter esperado por aquilo. E mal sabia que eu também o fazia.

E por isso, minha mão permaneceu na dele.



CAPÍTULO 15

“Algo aconteceu pela primeira vez

No pequeno paraíso mais obscuro

Abalada, tonta, eu só preciso de você”^[21]

FLÁVIO

Ela tirou fotos. Várias fotos.

Em sua maioria, eram apenas minhas, à frente das paisagens que eu tanto queria ter lembrança. Ela não se ofereceu para estar em nenhuma delas. E uma parte de mim, doía por imaginar que fosse a forma de deixar claro que não passaria de momentos.

Entretanto, estava guardando cada um deles.

Enquanto a olhava, completamente à vontade e me encarando como se fosse tão bom quanto o que sentia quando olhava para ela. Meu corpo estava atrás do seu, enquanto nossas mãos se conectavam à frente de sua blusa.

Nós não tínhamos nada.

Nós não significávamos nada.

Contudo, ainda ali, parecia como se tivéssemos.

Como se fôssemos.

— Kael me disse que deveria dar uma chance a isso.

Comentou de repente, como se estivesse pensando sobre, enquanto encarávamos a vista do Rio Han de um lugar completamente isolado, mas que parecia abençoado por toda a beleza que muitos não sabiam.

Dove disse que eu deveria ter fotos melhores do que as que tirei sozinho no primeiro dia ali. E ela tirou várias minhas, do lugar que parecia ter sido fechado para nós, de tão vazio que se encontrava.

— Ter um tempo longe do trabalho? — perguntei, meu rosto bem próximo ao seu, mesmo com nossa diferença de altura.

Ela se virou de repente, e nossos lábios quase se encontraram.

— Ele é sonhador e acredita no amor... — comentou, e terminou de virar, afastando-se um pouco, mas ainda dentro dos meus braços. — O amor romântico.

— O que você acha disso? — perguntei a um fio de cabelo de distância de nossas bocas, e um leve sorriso apareceu em seu rosto.

— Que parece que esperei a vida toda para isso, e nunca me senti tão exposta quanto agora, mas não quero fugir — admitiu, e uma de suas mãos subiu para o meu pescoço. — Te ver sorrindo para fotos, contando sobre seus irmãos, animado sobre o futuro, sobre suas aventuras com Talita... Tudo em você me encanta, menino.

— E tudo em você me deixa atordoado, Dove.

— Eu não devia estar aqui, te dizendo isso, e fazendo isso, mas... Eu não posso dizer que sinto muito.

— Dove...

Ela não me permitiu dizer nada, e apenas segurou minha mão com força, fazendo-me segui-la em direção ao carro que estacionou há alguns metros dali. Todo meu corpo implorando e sofrendo pela antecipação do que quer que fosse.

No segundo em que entramos no carro, sua boca então veio para a minha, e meus lábios corresponderam aos dela de imediato. Todo meu

corpo, implorando para que tomasse mais dela. Minha língua buscou a sua, e nos encontramos no meio do caminho. Seu corpo veio sobre o meu, e apertei com força sua cintura, como se fosse possível tomá-la daquela forma, ali mesmo.

Uma de minhas mãos encontrava-se em seus cabelos, puxando-os com força, tendo finalmente a textura perfeita deles contra minha pele, o que quase me fez gemer por tamanha espera.

— Flávio...

Minha boca estava em seu pescoço, seu colo e sua boca novamente. Ela correspondeu, uma bagunça completa sobre mim. E quando suas mãos espalmaram meu peito, fazendo-me parar, fiquei inerte diante da mulher em meu colo.

Se ela era linda em sua postura impecável, e me desestabilizava dessa forma, ela completamente bagunçada – uma bagunça feita por nós, sobre meu corpo, me quebrou por inteiro.

— Vamos para o hotel. — Parecia mais uma ordem, o que me fez rir de lado, e vi-a me encarar com claro desdém. Como se soubesse lidar perfeitamente com um sorrisinho cafajeste que surgisse à sua frente. — Agora, menino!

— Senhora Kang. — Provoquei, indicando o banco do motorista, já que ela veio dirigindo e aquele era seu carro, e ela então se afastou do meu corpo com cuidado, mas não tanto, esbarrando o que podia de seu corpo no meu. — Diacho! — sussurrei, no segundo em que ela colocou minha mão na sua coxa nua, já que o vestido que usava estava mais para cima, e sua meia escorregou para baixo, devido a minutos de puro êxtase.

Ela apenas se concentrou no trânsito e sorria de lado como se estivesse ganhando aquele jogo. E eu realmente não me importava se ela ganhasse, porque não existia como perder tendo a mão espalmada no corpo da mulher que me fazia tremer de todas as formas.

E eu queria vê-la estremecer sob ou sobre mim, assim como fazia a cada vez que apertava levemente a carne e parecia segurar o impulso de seu próprio corpo.

DOVE

Mãos espalhadas pelo meu corpo. Dentes pelo meu colo. Lábios contra os meus, segundos depois. Senti-o em toda parte, e não deixava de corresponder. Roupas sendo jogadas para qualquer canto daquele quarto de hotel.

Ouvi-o xingar baixinho, quando me encarou nua a sua frente, e segurei um suspiro, quando sua boca veio novamente para a minha, e meu corpo foi para cima do seu. Ele me carregou até a cama, e senti como se tudo queimasse. Em cada espaço que ele encostava, eu implorava para queimar. Para que ele queimasse.

Minha boca castigou seu pescoço, fazendo-o o me olhar, enquanto deixava um roxo diferente dos outros que um dia causei. Aquele era totalmente proposital. E ele era meu, naquele curto espaço de tempo.

— Dove...

Seu rosto chegou ao meu.

Seu corpo todo ao meu redor. E eu desci meu olhar para cada parte dele. Eu tinha o visto quase nu, mas nada me preparou para como meu próprio corpo reagiria, ao tê-lo assim. Ali, completamente desesperado me tomar. O sentimento que também se apoderava do meu ser.

— Dez anos... — reclamei, e sua boca veio para a minha, puxando meu lábio inferior com os dentes. — Se pensar em qualquer preliminar, eu te prendo nessa cama e vou te montar.

Um sorriso que eu até então desconhecia nele, apenas surgiu em seu rosto. Um sorriso mordaz.

Suas mãos foram para as minhas, massageando os punhos contra a cama, enquanto me segurava abaixo de si.

— O quanto me quer? — indagou baixo, seu nariz passando pelo meu, e sua boca indo até minha orelha, deixando um rastro dele, mesmo que apenas respirasse pela pele. — O quanto?

Como se eu pudesse medir aquilo, naquele momento. Eu era uma bagunça molhada e escorregadia debaixo dele.

— Por que não vê por si? — provoquei, e ele então soltou uma de suas mãos, com um olhar sério, como se ordenasse silenciosamente para que eu não me mexesse.

A versão séria, mas com aquele brilho no olhar que eu conhecia bem, fazia-me quase implorar por ele. Quase.

Sua mão trilhou um caminho pelo meu corpo, como se ele tomasse seu tempo. E eu fechei os olhos no segundo em que espalmou

minha barriga, de forma que eu não esperava, deixando-me ainda mais ansiosa.

Seus olhos estavam nos meus, no segundo em que seus dedos chegaram onde mais necessitava dele. Ouvi-o maldizer alguma coisa, bem baixo, e seus olhos se fecharam, como se fosse demais para ele. Mal sabia ele, que de repente, pareceu demais para mim.

Apenas aquele toque, me trazia todas as sensações que nada e nem ninguém um dia me proporcionou.

No segundo em que seus olhos voltaram para os meus, ele pareceu se virar em três, para colocar a camisinha, e então, voltar para aquela mesma posição. E eu senti suas mãos novamente nas minhas, entrelaçando-as ao meu lado, no alto da cabeça.

— Eu esperaria mais dez anos.

Falou baixo, como uma confissão, e sua boca veio para a minha, num beijo que me tomou toda a consciência. Minhas mãos queriam se soltar das deles, e apenas o fazer me tomar. Eu precisava. Eu necessitava. E sabia que ele também.

Ele apenas parou o beijo, para me olhar e vi a pergunta silenciosa bem ali. Assenti, sentindo-o soltar uma de minhas mãos, e se alinhar

comigo. Seus olhos estavam nos meus, enquanto a minha mão livre foi diretamente para suas costas, fazendo-o parar de nos torturar ainda mais.

Ao senti-lo todo dentro de mim, eu soube que mal conseguia respirar. A sensação de quase gozar com apenas o primeiro contato com ele, me fazia saber do quanto aquela atração gritou desde quando o conheci. Ele comprava ali, agora.

— Eu quero te fazer gemer o tanto quanto eu fiz, por todos esses anos, imaginando você... Imaginando como seria ter você, Dove.

Gemi baixinho, quando seus lábios morderam um de meus seios, e senti-o dar outro impulso. Entrelacei minhas pernas ao seu redor, e ele gemeu baixinho contra minha boca, antes de atacá-la novamente.

Ali, nada mais importava.

Nem o que era para sempre ou não.

Nem o que foi ou que deixa de ser.

Só importava o corpo dele, no meu, fazendo-me gemer seu nome contra sua boca, enquanto eu perdia minha mente, e esquecia meu próprio nome. Uma bagunça que apenas ele conseguiu fazer comigo, e que eu tinha certeza, pela forma que ele parecia reverenciar cada parte minha, que ele se sentia da mesma forma.

E nós dois estávamos *literalmente* fodidos.



CAPÍTULO 16

“Mas nós éramos algo especial, você não acha?

Aos vinte e poucos anos, jogando moedas na piscina

E se meus desejos tivessem se tornado realidade

Teria sido você”^[22]

DOVE

— E então? Essa é a parte que a gente dorme até o dia seguinte e um dos dois surta por não achar o outro na cama? — soltei, sem poder evitar, lembrando-me do dorama que Talita comentou por cima, que os dois assistiam.

— Por que acho que *eu* seria a pessoa que surta?

— Porque tem medo de que eu fuja e isso tudo seja um sonho...
— provoquei, fazendo leves desenhos aleatórios sobre seu peito.

— E você não tem? — indagou e apoiei o queixo sobre seu peito encarando-o.

— Eu estaria mais feliz se tivesse me contentado com os sonhos, menino. — Fui honesta, levando uma de minhas mãos para o seu rosto, segurando-o com cuidado.

Ele tinha que ser tão... *tão deslumbrante?*

— Tem medo de que ser uma Kang me machuque? — perguntou, assenti de imediato, mas seria o máximo que conseguiria soltar. — Talita me disse que os Kang são irmãos por escolha... São Kang por escolha. — Vi-me concordando com a cabeça novamente. — Eu escolheria minha própria família de todas as formas, mesmo que isso me privasse do amor romântico... — sua honestidade sempre me surpreendia de forma positiva.

— Sua família tem alguns problemas delicados também — falei, lembrando-me do relatório completo que foi gerado sobre os Esteves.

— Não como a máfia, mas... — ele então pareceu raciocinar. — Investigaram minha vida, não é? A *nossa* vida?

— Tudo por uma Kang — respondi e ele pareceu um pouco preocupado. — Nada é usado contra a pessoa, a não ser que ela esteja contra um Kang. E por dez anos da sua amizade com Talita, temos um bom acervo que prova que não está atrás de prejudicá-la.

— E acabei na cama da irmã mais velha dela...

Bati contra seu peito, e ele fingiu dramaticamente que tinha doído. Revirei os olhos e me ajeitei melhor sobre ele.

— Sabem sobre... sobre Juan?

— Sabemos tudo — falei de uma vez, sem querer tocar no assunto. Era delicado demais, e cabia apenas a eles. — E eu... — suspirei fundo. — Sinto *realmente* muito que ele tenha que ter feito o que fez.

— Ele é o melhor — falou, e notei o leve embargar em sua voz. — Oscar e eu tentamos que isso nunca mais recaia sobre ele, mas... Mas nunca vamos entender.

— Há muito no passado que não conseguimos esquecer e apenas ignoramos. — E lá estava eu, exposta de uma forma que ninguém além da minha família um dia me teve.

Contudo, não sentia medo, e nem me sentia acuada. Eu apenas me via sendo sincera e sem medo de ser. Era um sentimento estranho, mas olhando para Flávio, valia a pena.

— Como você não gostar de uísque, certo? — sua pergunta me deixou em completo alerta. — Eu... Eu reparei que nas festas de Talita e alguns outros lugares, seus irmãos se afastam para tomar a bebida, e você nunca chega perto... *O que eu podia fazer?* A não ser tentar entender quem você era nesses pequenos momentos? Eu não tenho como procurar todo seu perfil e saber sobre sua vida, então...

— Por isso nunca te vi bebendo uísque depois da primeira festa que nos encontramos na casa de Talita?

Assentiu, suas bochechas tomando uma coloração vermelha, como se o tivesse descoberto por completo.

— Eu... Eu achei que se não bebesse, teria mais motivos para querer ficar perto de mim — confessou, claramente envergonhado.

— É um bom observador.

Comentei e tentei encontrar algo por trás da sua ação, por mais mínima que tenha sido, mas só encontrava o brilho nos seus olhos, que me deixava perdida por ele.

Eu estaria errando um julgamento?

Eu estaria me iludindo por completo?

— Eu acho que soei como um perigo, não é? — perguntou, e consegui visualizar a preocupação em seus olhos. — Dove, eu... Eu não

quero te machucar, *nunca*. Eu sei que a vida que leva, ou como chegou nela, deve ter te feito duvidar de tudo e de todos. E deve duvidar de mim a cada segundo, mas... Eu nunca vou mentir para você.

Suas palavras me acertaram em cheio, e não soube o que responder. Ali estava ele, roubando minhas palavras.

— Eu... Eu acho que sou apaixonado por você desde o primeiro momento que te vi. — Sua voz soou como um sussurro e uma de suas mãos veio para o meu rosto. — E eu tenho medo de você, por conta disso. Medo desse sentimento.

— Não se lembra da primeira vez que nos vimos, menino — falei, e sorri de lado, tentando não estender o assunto. — Eu esperava *tudo*, mas não uma declaração.

— Eu... — ele desviou o olhar, como se perdido.

— Eu não posso te entregar o mesmo. — Fui honesta e toquei seu queixo, fazendo-o me encarar com cuidado. — Ainda que eu queira.

Mesmo que eu também seja apaixonada por você – uma parte de mim gritou, embora ele não pudesse ouvir. Talvez ele nunca pudesse.

— Eu sei. — Suspirou fundo. — E acho que tinha e tenho medo disso também.

— De que eu não seja o amor da sua vida? — tentei brincar, mas não pareceu surtir o real efeito.

— De que não seja o amor para essa vida.

Meus lábios foram para os dele de imediato, como se eu não conseguisse colocar em palavras, não da forma como ele fazia. Não quando ele praticamente transmitia tudo o que eu gostaria de deixar sair.

E eu não podia.

Contudo, eu estava presa naquele paraíso inabalável, quando seu corpo se encontrava com o meu. Quando tudo se alinhava, e eu podia esquecer que não éramos para ser. E nunca seríamos.

Era o mais perto de amor que teria, e estava feliz, porque era com ele. E Flávio Esteves poderia ser o amor da vida de muitas pessoas, mesmo que desejasse que ele fosse apenas da minha.



CAPÍTULO 17

“Me diga que você ainda é meu

Me diga que ficaremos bem

Mesmo quando eu perder a cabeça (...)

Me diga que não é culpa minha

Me diga que sou tudo o que você quer

Mesmo quando eu parto seu coração”^[23]

FLÁVIO

— Vai mesmo me ensinar coreano? — gritei diante da batida da música que eu já conhecia bem e Dove assentiu, deixando-me quase que indignado. — Eu acho que...

— Tem poucos dias para aprender, menino — falou e uma parte de mim doeu, mas tentei ignorar o sentimento. — E acho que não vai aprender se ficarmos presos na cama ou nos agarrando pelo quarto...

— Mas Dove...

— Noona — corrigiu-me, e franzi o cenho.

— Por que Talita não me chama de Oppa? — perguntei indignado. — Aquela ingrata — falei, e recoloquei o chapéu em minha cabeça. — Eu sou quase um irmão mais velho dela, só que brasileiro... Pior melhor amiga.

— Ela te chama de *Fafa*, quer algo mais brasileiro que isso? — Dove rebateu, parando à minha frente e minhas mãos foram diretamente para o seu quadril, trazendo-a aos poucos para perto. — Flávio...

— Sim, Noona? — forcei um sorriso inocente, e ela me encarou como se pronta para me estapear ou para me beijar enlouquecidamente. Eu torcia pela segunda opção.

— Sossega. — Bateu contra minhas mãos, e permaneceu de pé. — Sabe o básico de coreano, mas tem medo de falar em público... — comentou e forcei um sorriso, completamente sem graça. — Também me senti assim algumas vezes quando fui ao Brasil.

— Meu sotaque me entrega e eu fico pensando que estou falando tudo errado... Foi assim nos Estados Unidos e sinto o mesmo aqui.

Ela então veio para mais perto, e se sentou ao meu lado, encarando-me com total atenção.

— Todos têm inseguranças, até...

— Até o mais bonito dos Esteves, eu sei — complementei brincando e ela revirou os olhos. — Eu sou famoso de onde venho, sabe?

— É claro que eu sei. — O seu tom de voz mudou de repente, e a encarei sem saber o que dizer.

Ela...

Ela estava com ciúmes?

— Não! — soltei, só que alto demais, e então percebi que o pensamento escapou.

— Não o quê, menino?

— Bom, eu... Eu não acho que Dove Kang teria ciúmes de um cowboy de uma cidade de poucos mil habitantes no interior do Brasil? — a indagação saiu como uma pergunta, ela me encarou de cima a baixo, e notei a forma como ela iria realmente me estapear. — Ou teria?

— Eu deveria te obrigar a decorar todas as minhas músicas coreanas favoritas... e te fazer cantar.

— Dove... — ela então me encarou como se eu tivesse errado, e segurei o risinho. — Noona?

— Vou te mostrar algumas músicas e vai ser mais fácil.

— Aprendeu português brasileiro por músicas?

— E filmes e séries... — encarei-a embasbacado. — E claro, tive ajuda de Verônica Unnie^[24].

— Eu acho que deveria morar no Brasil, sabe? — um sorriso surgiu no rosto dela, como se eu fosse a melhor piada que ela já viu. *Eu o era?* — Ok, entendi o *não* na minha cara.

— Não estou rindo de você, mas sim da forma que sempre me surpreende. — Ela então tocou meu rosto, e me fez olhá-la. — Sempre de uma forma bonita, menino.

Meus lábios buscaram os seus, e ela correspondeu, fazendo-me quase ficar sobre seu corpo no segundo seguinte. Porém, ela me virou na cama antes que qualquer um de nós pudesse avançar.

— Vamos treinar um pouco da sua mente, e depois...

— Meu corpo?

Não pude perder a brincadeira e ela me ignorou, apenas saindo de cima de mim, fazendo um sinal com a cabeça para que a seguisse até a mesa do outro lado do quarto.

— Por que eu fui usar essa cantada ruim? — indaguei indignado para mim mesmo, e ouvi-a rir, enquanto se sentava na cadeira próxima à parede, e me esperava chegar a passos contados até a outra cadeira vazia.

— A sua sorte é que não gostei de você pela sua cantada.

Paralisei, enquanto quase me sentava.

Ela gostava de mim?

Dove gostava de mim?

Ela estava dizendo em voz alta?

— Então pelo quê? — perguntei, sem poder evitar, e pareceu que ela notou o que disse, mesmo sendo completamente sem querer.

Era apenas genuíno. Assim como o que eu sentia por ela.

Levei minha mão até a sua, colocada sobre a mesa, e as entrelacei.

— Por ser você.

Nunca pensei que três palavras pudessem me deixar completamente sem nenhuma. Contudo, meu coração batia freneticamente e minha mente tentava se orientar. Ao mesmo tempo que ela me bagunçava por completo, a forma como ela me olhava, me fazia voltar a estar peça sobre peça.

Se aquilo não era amor, eu deveria inventar uma nova palavra para traduzir o que Dove Kang me fazia sentir.



CAPÍTULO 18

“Ele queria conforto, eu queria aquela dor
Ele queria uma noiva, eu estava criando meu próprio nome
Perseguindo aquela fama, ele permaneceu o mesmo
Tudo de mim mudou como a meia-noite chuvosa”^[25]

DOVE

Um quarto.

Apenas nós dois.

Um paraíso intocável.

Dias contados de uma semana que eu guardaria para sempre e eu poderia esperar por mais. Ainda existiam sete dias ao lado dele, mas algo

parecia errado comigo.

Flávio estava no telefone, conversando animadamente com os irmãos. E notava o quanto Oscar era quem sempre falava mais com ele, e o provocava. O que não me surpreendia por seus apelidos serem Simba e Scar. Algo na fraternidade que eles compartilhavam, me fazia pensar nos meus irmãos.

— Eu já te falei mil vezes que não vou fazer isso — Flávio falou, enquanto parecia quase com um zumbi.

O *time* dos Esteves não era tão bom, já que ligaram em plena madrugada e Flávio estava de pé, com uma calça de moletom e o chapéu de cowboy na cabeça, que ficava na sua mesa de cabeceira.

Ele era um caso à parte. Tão diferente e frágil, mesmo que conseguisse fazer todo meu ser esquecer o próprio nome. Ele era raro.

— Não quero saber de você e Talita confabulando sobre mim. — Ele fez uma careta, que na expressão de sono me pareceu adorável. — Sabe que horas são, Scar? — agora ele parecia indignado.

Seu rosto ficou todo vermelho pela resposta do outro lado da linha, e vi-o soltar um “Diacho”, antes de tocar com força na tela do celular.

— Por que irmãos tem que ser tão... — fez uma careta ainda mais adorável, e fiquei encantada.

— Insistentes? — complementei, e ele assentiu. — Os meus podem ser piores e aparecerem na minha frente, exatamente onde estou.

— Localizadores na máfia... — comentou por cima, semicerrando os olhos. — Espera... Eu tenho um? — indagou, arregalando os olhos em seguida.

— Pode ter se me autorizar — falei, e por dentro, torci para que ele dissesse que sim. No fundo, eu sentia que aquilo era necessário, mesmo que não fosse tão difícil encontrá-lo. Vai que algum dia fosse.

— Na pele, como se...

— Não posso dizer onde está, porque isso seria usado contra você, caso...

— Caso algo ruim aconteça? — complementou, já que minhas palavras se perderam. Sequer poderia imaginá-lo se machucando. Apenas o vislumbre, me fazia sentir toda o interior se quebrar.

Ele então pareceu notar e caminhou até a cama, fazendo-me levantar, e me puxando para o seu colo em seguida. Era um encaixe perfeito, como se fosse para estarmos sempre assim.

— Pode me rastrear, como quiser — falou, e então, retirou o chapéu que estava na sua cabeça, e colocou-o na minha.

Levantei a aba do mesmo com cuidado, e tive a visão dos seus olhos.

— Coube direitinho. — Ele suspirou fundo, e tentei entender suas reações. — O primeiro chapéu de um Esteves, dado por outro Esteves, e que só é passado para quem amamos de verdade — confessou e me encarou profundamente. — Não espero que diga que me ama de volta, mas eu sei... — senti todo meu ser sendo lido por ele. — Eu sei, moça bonita.

Ele então ajeitou com uma das mãos meus cabelos soltos debaixo do chapéu e tudo se iluminou em sua feição ao me encarar novamente. Aquilo era amor? Estar extasiado pela outra pessoa? Porque, se fosse, era exatamente o que sentia palpitando em meu interior.

— Obrigada por confiar em mim algo tão precioso — falei, e toquei levemente no chapéu. — É uma honra, Flávio.

E ali, em seu colo, enquanto seus lábios vinham com calma para os meus, sabia onde colocaria o rastreador nele. Por mais que desejasse nunca ter que usá-lo, eu o faria, porque aquele homem significava mais do que poderia mensurar.

E mesmo que não pudesse proteger aquele sentimento, que estava claro entre nós, eu iria proteger o homem que o despertou em mim, *sempre*.

Senti algo vibrar em minha orelha e fiquei desperta no mesmo instante. Flávio dormia tranquilamente ao meu lado, suspirando em seu sono e me afastei com todo cuidado para não o tirar de um sonho bom. Eu esperava que fosse.

Levantei-me e caminhei até o banheiro, já aceitando a chamada no ponto, e no segundo em que a voz de meu irmão mais velho soou, todo meu corpo se colocou em alerta.

Vincenzo Kang não entrava em contato por algum dos pontos, senão fosse extremamente urgente.

— Preciso de você em casa. Todos estarão aqui.

Soltei o ar com força, engolindo em seco. Eram raras as vezes em que todos nos reuníamos, e era uma cobrança que fazíamos uns aos outros. Geralmente, a vida era tão corrida e cada um estava para um

canto do mundo, que ficava mais complicado, mas quando o chefe da família exigia, todos iam até lá. *Mas por que ele o fazia?* Aquela era a grande questão.

— O que houve, Oppa?

Ouvi-o respirar fundo e soube que algo muito errado surgiu. Vincenzo não era alguém de demonstrar qualquer sentimento, ainda mais, por ligação. Ele esperava para fazê-lo, se possível, pessoalmente.

— Kael morreu.

Quase perdi um passo e me escorei na porta, para não desabar. A ligação em total silêncio e eu sabia o que aquilo significava. Todo meu corpo inerte. Tudo de mim a ponto de se desfazer.

— Jeon está na frente do seu hotel.

— Estou a caminho.

Desfiz a ligação e respirei fundo uma, duas, talvez vinte vezes, antes de conseguir caminhar para fora do banheiro. No segundo em que adentrei o quarto, tudo se tornou um grande branco, enquanto eu perdia meus sentidos por alguns segundos.

Acabei sentando-me na cama, para não despencar por completo.

Kael morreu.

A frase gritando em minha mente, repassando a cada segundo.

Olhei para Flávio deitado, sabia que já estava perto de despertar e não imaginei que seria dessa forma. Nem por um segundo, se passou por minha mente, que nós dois acabaríamos exatamente assim.

— O que eu posso fazer, menino? — perguntei tanto para os céus, quanto para mim e para ele. — Eu não posso ficar. — Doe-me, porque eu estava justamente ali, porque Kalel era a pessoa que me fez enxergar que eu deveria tentar.

Ele me inspirou a fazer.

E agora...

Flávio apenas suspirou fundo em seu sono e não abriu seus olhos, quando sua voz finalmente saiu:

— Fica...

Toquei com cuidado seus cabelos, e o encarei com meu coração partido, que agora partia o dele.

— Obrigada por isso — falei, tocando o chapéu que estava ao lado da minha mesa de cabeceira e coloquei-o ao seu lado. — Obrigada por esses dias...

— Dove...

— Foi uma honra, menino.

Então, antes que eu pensasse ou desabasse de vez e o trouxesse para mais perto de tudo aquilo, apenas me afastei. Vi-o se sentar e me encarar, enquanto eu fechava a porta do quarto atrás de mim.

Uma lágrima desceu, porque a realidade era pior do que eu imaginava. Não era apenas deixá-lo e seguir em frente. Era deixá-lo, quebrá-lo, enquanto eu estava quebrada também.

Eu tinha perdido Kalel.

Assim que o elevador se abriu, Jeon já estava dentro dele, notei seus olhos vermelhos e não sabia identificar se por ódio ou tristeza. Talvez os dois. Então seus braços se abriram e ele me puxou para perto.

Ali, me permiti desabar.



CAPÍTULO 19

“Porque dizer adeus
É uma morte por mil cortes
Lembranças me acordam
Eu fico bêbada, mas não é o suficiente
Porque a manhã vem
E você não é meu amor”^[26]

FLÁVIO

E eu tinha que esconder aquilo.

O que me magoava, me doía e me machucava.

A cada segundo. A cada barulho que surgia próximo à porta do quarto em que eu estava. A cada ligação ou mensagem não correspondida.

Dove tinha me deixado.

Não era como se eu não soubesse que iria acontecer, mas ainda assim, não diminuía a dor que me assolava.

Eu tentava sorrir e fingir para meus irmãos. E fazia o mesmo com minha melhor amiga. Ligações rápidas, sem serem de vídeo, porque eu não conseguiria mentir, não olhando para a cara de cada um deles.

Eu já tinha sido chutado na vida, mas nunca imaginei que uma bebedeira não resolvesse. Nem de perto o faria. Porque se eu pensava em beber, lembrava-me de que Dove não gostava de uísque, e de repente, eu estava preso pensando nela.

De novo e de novo.

Era o momento em que eu me afundava em Taylor Swift e bebia vinho, da forma como Talita me dizia que era a cura perfeita?

Eu estava realmente considerando tal coisa.

Suspirei fundo, me sentindo cansado e encarei o teto novamente. Não poderia ser uma despedida ao menos, não daquela forma?

Ouvi o barulho na porta do quarto e me sentei de imediato, sentindo todo meu corpo reviver. Quando a porta se abriu, eu sabia que só poderia ser ela. Ela tinha o cartão daquele quarto e nem tinha ideia de como conseguiu, mas tinha.

— Do...

— Fafa. — A voz de Talita me fez praticamente levar as mãos aos olhos, para limpá-los. *Eu estava vendo coisas?* — Surpresa! — falou, e levantou as mãos como se me analisando.

Ela parecia saber muito mais do que me deixou ciente nos últimos dias.

— Não era só daqui algumas semanas? — indaguei, levantando-me, e indo até ela.

Ela não aceitou meu abraço, olhando-me de cima a baixo.

— Eu sabia que tinha algo, quando me contaram o que aconteceu tão rápido... — falou em coreano, e consegui entender praticamente tudo, o que era um avanço. Contudo, ainda tinha o lado bom, em que Talita falava devagar. — Entendeu o que disse, não é?

— É, eu... — limpei a garganta. — Tenho estudado um pouco, junto com o que já me ensinou.

— Ninguém me disse por que, e eu sei que Chae Oppa fez isso sem que Dove Unnie soubesse, mas... — suspirou fundo. — Kalel morreu, Flávio.

— O quê?

Notei então com mais clareza, o rosto inchado de minha melhor amiga e como ela parecia acabada.

— Não pode se envolver, e nem deveria saber disso, mas... — engoliu em seco, claramente perdida. — É meu melhor amigo e tem motivos a mais, que ninguém vai dizer, para saber.

— Tata...

Meus braços foram ao seu redor e então as coisas começaram a fazer sentido em minha mente. A forma, como as palavras de Dove pareciam imersas de dor e não era sobre a dor da despedida que acontecia. Era sobre sua família.

Apenas a dor de estar longe de um dos meus irmãos mais velhos por anos, me machucava constantemente. Eu não conseguia compreender, o quanto aquilo estaria os destruindo por dentro.

— Eu sinto muito, Tata.

Ela se agarrou ainda mais a mim e fechei os olhos. Eu tinha que estar ali para ela e fazer o que fosse possível. De alguma forma, era o

caminho a seguir.

E meu coração doeu, não apenas pela minha melhor amiga, mas por tudo do pouco que Dove compartilhou sobre ela e Kalel. Ela tinha perdido o irmão de quem era mais próxima. E me dilacerou, imaginando-a recebendo a notícia, e indo ao encontro da família.

Eu só queria poder estar lá, por ela, de alguma forma.

— Sei que ninguém deveria saber, mas não é como se os Kang pudessem se esconder dos próprios Kang... — Talita se afastou e me encarou, tocando meu rosto. — Ela não vai deixar você se aproximar, Fafa.

— Ela...

— Ela te deixou, não foi? — perguntou, e deixou-me sem palavras. — Fui juntando as peças e a dica de Chae... — suspirou profundamente. — Eu tenho que ir para a Mansão Kang, mas... Eu precisava te ver primeiro.

— Não precisa se preocupar comigo. — Fui honesto, segurando suas mãos. — Eu... Tudo isso que aconteceu com vocês, não há comparação.

— Um coração partido é um coração partido, Flávio — comentou e suspirou fundo. — Eu sei como é ter o seu, pela pessoa que ama e o

quanto isso acaba por mudar toda nossa vida... Não é o momento, eu sei, mas vamos ainda falar sobre isso. Ou beber. Ou cantar em um karaokê. Ou apenas chorar.

— Juntos, Tata? — ela assentiu, e a abracei novamente, com toda minha força. — Promete que vai estar em segurança e...

— Tenho quase um esquadrão de seguranças e não se surpreenda ao ver que também tem um. — Olhei-a perplexo. — Por isso desconfiei de que tinha mais em todo o seu brilho que desapareceu há dois dias... — ela parecia realmente preocupada. — Eu volto amanhã, ok?

— Por favor, se cuide — pedi, e ela me encarou com carinho.

— Eu sempre faço. — Piscou um olho. — E eu vou cuidar de Dove Unnie, eu prometo.

Meu obrigado ficou preso na garganta, mas Talita me conhecia melhor do que ninguém. Melhor do que eu mesmo. Quando ela se afastou e me encontrei sozinho naquele quarto de hotel novamente, pensei em como as coisas simplesmente se perderam.

A dor que ela deveria estar sentindo.

A dor que ela estaria passando.

Tudo dando um nó em minha mente e quebrando meu coração, porque o dela foi quebrado também.

Eu só queria... Queria estar lá por ela.



CAPÍTULO 20

“Estou sentada, com os olhos bem abertos
E eu estou com essa coisa na minha cabeça
Me perguntando se eu desviei de uma bala
Ou se acabei de perder o amor da minha vida”^[27]

Cerca de seis anos depois...

DOVE

As coisas não eram simples.

Talvez nunca de fato tenham sido.

Mas ali estava eu, de volta, como se fosse a primeira vez.

À frente da casa de Verônica, que era uma Kang. A filha de Sérgio Kang, e afilhada de Yumi Kang, que foi a responsável por eu estar a salvo hoje em dia. Sem ela, eu não estaria aqui. Contudo, não era apenas a sensação de família que Verônica trazia que me movia até ali.

Seria mentira dizer que vir ao Brasil depois de tanto tempo, apenas acompanhando de longe, fosse apenas para rever parte da família. Era por *ele*.

Ele que permanecia em minha mente.

Ele que ainda mandava algumas mensagens.

Ele que eu nunca atendia.

— Parece em qualquer lugar, menos aqui. — A voz de Verônica surgiu, enquanto eu estava parada com a xícara de chá em mãos, e descia até o pires, deixando-a sobre a mesa à nossa frente. — Algo mudou em você nos últimos anos, Dove.

— Eu... — engoli em seco, suspirando fundo. Além de Yumi, ela era a única figura feminina mais velha do que eu na família, e não era como se fosse tão aberta para qualquer outra pessoa que não fosse Kalel. E só ele sabia sobre o que aconteceu no passado. E só ele, era a pessoa de quem eu não podia estar por perto. — Não sei como falar, Unnie.

Ela sorriu de lado, do lado doce e escondido de Verônica Kang Reis, que poucos tinham acesso.

— Eu posso chutar? — indagou, e dei de ombros, assentindo.

Seu olhar estava no meu, como se me desvendasse.

— Flávio Esteves não tem medo de você, mas do que ele sente por você... E posso dizer que é a mesma coisa do seu lado.

— Há problemas maiores do que esses na nossa família — argumentei, e respirei fundo, sem conseguir negar sua observação.

— Todos merecem uma chance de ser feliz, Dove. E sabe disso, principalmente, você.

— Eu tive o meu momento, e... e apenas deveria ser o suficiente.

Notei sua sobrancelha arquear, e ela me encarou profundamente.

— Sei que de todos nós, Kalel era quem conseguia estar por dentro do seu mundo, mas... Somos irmãos, de alguma forma, a vida, destino, história, nos uniu. E tenho certeza de que você merece mais que um momento de felicidade.

— Você colocaria Nero em perigo? — indaguei, perguntando sobre seu marido, com o qual ela tinha uma filha.

Contudo, a história deles era muito mais complexa do que apenas aquilo. Contrato de casamento, reviravoltas em contrato e gravidez

inesperada. Um clichê com final feliz, ainda assim.

— Não é como se pudesse comparar o que os Reis têm, perto do que os Kang têm... Mas são escolhas, Dove. — Olhei-a com interesse. — Não é apenas sua escolha, mas dele também.

— Ninguém da nossa família, que vive realmente como um Kang, tem um relacionamento amoroso... E o primeiro que tentou, acabou morto. — As palavras saíram ásperas, como se a garganta estivesse pronta para se fechar.

— Escolhas... — surpreendendo-me, ela tocou uma de minhas mãos com a sua. — Escolhas que apenas você e ele podem fazer. E eu sei que mesmo não estando juntos, você sempre o protege, de alguma forma.

— Ele é precioso demais para esse mundo. — admiti. — Obrigada por entrar num assunto que... Que eu nem sabia que precisava estar.

— Está realmente conversando comigo, aqui no Brasil, depois de quase seis anos, Dove. — Apertou levemente meus dedos. — E se veio até mim, é porque precisava. E sempre estive lá por mim, quando eu precisei. — Olhei-a com gratidão, porque era uma troca mais do que justa. Mesmo que não me sentisse digna. — Meu pai teria orgulho de nós, assim como Yumi tem.

Suspirei fundo e assenti, mesmo que não concordasse. Não pela minha parte. Contudo, se existia alguém que poderia me dizer aquilo, sem dúvida alguma, era ela.

— Obrigada por não me julgar, Unnie.

— Todos merecem o amor, mesmo quando acreditam que não...
— soltou levemente minha mão. — Eu demorei para entender, mas ele estava lá, e mesmo que você fuja, ele vai vir até você. De um jeito ou de outro.

— Espero que não tenha nenhum jeito e ele não saia machucado...

— Você jamais o machucaria, certo?

Assenti de imediato.

— Talvez seja o suficiente, irmã.

Olhei-a com carinho e assenti, tentando não pensar muito, mesmo que Verônica tivesse acabado de alugar um triplex na minha cabeça. Minha mente vagando pelo que aconteceria. Em como seria revê-lo. E eu precisava, de alguma forma, fazê-lo.

Depois de tanto tempo, não estar ali a trabalho, mesmo que não o envolvesse diretamente, era algo que gritava por dentro.

Eu tinha evitado por tanto tempo.

Agarrando-me a piadinhas, incertezas e olhares desencontrados. Apegando-me a resquícios de sua voz em mesas lotadas de famílias misturadas, aniversários, e agora, até no Natal.

Que talvez meu medo fosse vê-lo sozinho e entender que tudo não passou de um momento. Que eu vivi anos e mais anos, apegada a algo que teve seu tempo e acabou. Que o sentimento que eu conheci, não fosse feito para ser meu. Nem dele. Nem nosso.

Contudo, eu precisava encarar aquilo para seguir em frente.

De alguma forma, a nossa separação ainda era um pensamento constante, como uma ferida não cicatrizada, que eu queria que fechasse. Mas a cada relatório gerado sobre ele, eu a sentia se abrir ainda mais.

Era um ponto final real que eu precisava.

Não vê-lo à distância e ele sequer saber que eu estava ali. Não fingir que estava tudo bem, quando realmente não estava. Não para mim.

Sem mais nenhuma vírgula, mas sim, um ponto final.

Apenas aquilo.

E tinha que ser.

FLÁVIO

Luzes de Natal penduradas pela casa.

Árvore de Natal no meio da sala de estar.

Eu sorria como uma criança, enquanto tirava fotos e era o primeiro a voltar do Natal mais maluco que tivemos nos últimos tempos. Mas era gratificante, porque finalmente, toda minha família estava realmente unida e mais, ela tinha aumentado.

Não éramos apenas três partes de quatro. Éramos quatro de quatro, com bônus de três cunhadas e quatro sobrinhos. O que mais eu poderia querer?

E lá estava meu pensamento: nela.

— *Quando eu quiser que me veja, você vai me ver...*

Foi uma das últimas palavras que ela me disse após dias no nosso próprio paraíso, que nunca pareceu que seria eterno, mas ainda assim, imaginei que poderia ser mais. Muito mais.

E lá estava eu, enquanto pedia uma música para a Alexa e me imaginava perfeitamente em como seria um Natal com ela ao meu lado. Com ela *realmente* ao meu lado.

Não do outro lado de uma mesa cheia de pessoas que conhecíamos, e nos tratando como simples estranhos. *Era tão estranho se tornar um estranho para quem você menos gostaria de ser.* Mas era o certo. Era o que ela silenciosamente pediu e o que eu respeitava.

Porque ela não me deu a chance de escolher. Nem me perguntou o que queria.

Eu apenas queria *ela*.

Uma imagem perfeita, de nós dois, e o resto, seria apenas o resto.

Mesmo que o resto pudesse ser assustador e um mundo desconhecido.

Aquilo me doía, porque por mais que tivesse tentado e procurado, não encontrei em ninguém, um por cento do que Dove me fazia sentir. Minha Dove.

— Minha moça bonita...

Passei as mãos pelos cabelos bem cortados e fiquei encarando o chão por alguns segundos. Toda vez que a via tão perto, mas ainda assim tão longe, eu entrava naquela catarse.

E eu não sabia mais a quem culpar.

Se era eu o culpado.

Se era ela a culpada.

Se era o seu sobrenome ou se era o meu.

— Menino...

Neguei com a cabeça, pensando que era minha mente se confundindo. Ou até eu estivesse bêbado, mesmo que não me lembrasse de ter colocado um gole de álcool na boca. E como sempre, quando bebia, eu pensava nela.

Foi quando se formou uma sombra à minha frente e notei por conta da luz da sala que não estava mais no chão. Senti então um leve toque no meu chapéu e, em seguida, dois dedos levantando meu queixo. Fiquei em choque quando aquela proximidade que parecia estar morta há quatro anos, finalmente nos encontrou.

Os olhos escuros dela nos meus.

E de repente, o que me atingiu não foi a felicidade que imaginei, mas sim – a mágoa.



CAPÍTULO 21

“Só dói tanto assim agora

É o que eu estava pensando o tempo todo

Inspire, respire fundo, expire

Eu vou levar a vida toda para te superar”^[28]

DOVE

O mesmo turbilhão.

A mesma sensação.

O coração martelando por todos os meus ossos.

A razão sendo jogada pela janela enquanto seus olhos
iluminavam os meus.

O sentimento explodindo por cada canto dos meus poros.

Ainda vivo.

Permanente.

Latente.

— O que faz aqui? — sua pergunta me acertou, assim como a forma que afastou seu rosto do meu toque.

Eu sabia que merecia aquilo.

— Como entrou... — ele então se levantou e passou as mãos pelos cabelos, segurando o chapéu em uma delas. — Nem sei por que vou perguntar isso.

— Flávio...

— Resolveu que eu posso te ver?

— Eu...

E como aconteceu antes, ainda era ele que me deixava sem palavras.

— Quase seis anos, Dove — falou e notei a mágoa em cada palavra. E nunca meu nome soou tão triste em seus lábios. — Quatro anos nos vendo e fingindo que o “nós” nunca existiu. E agora aparece aqui, me chamando de “menino”, me tocando como se ainda... Como se se importasse.

— Você sabe que eu me importo, Flávio — falei e permaneci no lugar, meu olhar sendo o único a acompanhá-lo.

Eu sabia lidar com as piores coisas com que se pode deparar na vida. Mas pelo jeito, eu não sabia lidar com as melhores. E o melhor, era ele.

— Eu sei? — ele riu, sem vontade alguma, e vi-o balançar a cabeça em negação. — Você apenas me ignorou e fingiu que... Que eu sou apenas o cowboy que tem medo de você

— Porque eu me importo. — Fui clara e direta, e seu olhar parou no meu. — Eu me importo que esteja vivo. Que esteja bem.

— Nunca me deu a chance de escolher. — Rebateu, e as palavras de meus irmãos me acertaram. — Se se importa tanto, a minha opinião não deveria importar?

— Eu...

Calei-me.

Eu não sabia o que dizer. Porque por mais que eu quisesse evitar e devesse fazê-lo, ali estava eu, confundindo nós dois. Confundindo tudo ao nosso redor.

E então o silêncio caiu entre nós. Ensurdecador, apenas como ele consegue ser.

— O que realmente faz aqui? — perguntou no segundo em que desviei meu olhar. — O que quer de mim, depois de todo esse tempo, Dove?

— Sabe o quanto me matou por dentro, evitar, fingir e me privar de tudo que envolve você? — indaguei, ainda encarando o chão, no tom que me estraçalhava por dentro. — Porque eu fui criada para não me importar com nada e nem ninguém que não fosse minha família, Flávio. Ninguém. E você deveria ser ninguém. Mas aqui estou eu... — soltei o ar com força, um sorriso sem felicidade alguma saindo por meus lábios. — Estou me contentando em te ver de longe, te observar, te querer... Até que foi demais. Até que não aguentei mais e vim aqui.

— Para sumir por mais alguns anos?

— Para ter a certeza de que não era em vão tudo isso que eu estou fazendo. — Então me virei e o encarei. — Porque não é o suficiente. Migalhas não são suficientes, mas têm que ser. Porque eu ainda me sinto da mesma maneira que anos atrás. Desde a primeira vez que te vi. E eu não posso te perder, principalmente, para mim mesma.

— Eu sei quem você é, Dove — falou, e deu um passo à frente, os olhos marejados, e meu coração sendo ferido ao vê-lo assim. — Eu sei o que vocês fazem.

— Então sabe por que eu não posso te dar o poder de escolher, por mais que eu queira... — suspirei fundo. — Eu só queria te ver mais uma vez, antes de colocar um ponto final nisso.

— Dove...

— Eu preciso deixar que esse sentimento seja de outra pessoa, Flávio — assumi, por mais que me matasse por dentro. — Eu preciso que você seja feliz e livre de mim.

— Está me dizendo para parar de te amar?

Suas palavras me marcando, mais uma vez.

Suas palavras me quebrando, novamente.

— Eu nunca podia ter deixado que o “nós” existisse, e estou assumindo a responsabilidade... Porque eu não posso suportar a ideia de que se machuque.

— E eu posso? — rebateu, e deu um passo à frente, ficando ainda mais próximo. — Sabe quantas vezes perdi o sono ou liguei desesperado para Talita, tentando tirar qualquer informação possível sobre você, porque... Porque eu sei dos riscos que corre. Porque eu sei da perda que teve. Porque eu sei que mesmo que não possa ser minha, você ainda existe. Você ainda respira no mesmo mundo que eu.

Dei mais um passo à frente.

Nossos corpos bem próximos, e uma lágrima escapou por seu rosto.

— Eu devia ter colocado esse ponto final antes, mas eu... Eu não tinha coragem — assumi. — Porque te dizer adeus, não é algo que imaginei. Nunca.

— Não diga.

Sua testa se encostou na minha e fechei os olhos, sentindo suas mãos em meu rosto, segurando-me com carinho. Uma lágrima desceu, no mesmo segundo em que seus lábios vieram para os meus.

Era um beijo com gosto de saudade.

Era um beijo com gosto de desespero.

E infelizmente, um beijo com gosto de adeus.



CAPÍTULO 22

“É uma tristeza catastrófica

Seguir em frente sempre foi fácil para mim

É diferente

Dessa vez é diferente porque é você

(Porque é você)”^[29]

FLÁVIO

O gosto dela ainda era o mesmo.

Tão presente e marcante como se fosse a primeira vez que os
tinha em encontro aos meus.

— Dove...

Afastei-me para puxar o ar mesmo que a completo contragosto.

— Não pode aparecer e simplesmente querer me dizer adeus.

— Eu preciso. — Suas mãos estavam em meu peito, uma exatamente colocada sobre meu coração. — Não posso nos deixar desse jeito. Não posso usar como desculpa, mas há seis anos, tudo... Tudo mudou. Eu mudei, Flávio.

— Eu queria estar lá com você — falei, ouvindo cada nota de dor em sua voz.

— Você estava, quando me pediu para ficar antes de eu te deixar... — suspirei fundo. — É confuso, mas não poderia te deixar viver aquilo ao meu lado.

Ela perdeu o irmão mais próximo de si.

O qual, eu sabia até mesmo por ela, que sempre quis que ela fosse o mais feliz possível.

— Eu queria poder realmente te ajudar de algum jeito, mesmo que fosse impossível... — ela abriu seus olhos e vi a forma como os desviou em seguida.

— Lembra das coisas que eu nunca vou poder te contar? — assenti, sabendo da conversa que tivemos quando ainda parecia que existia de fato um futuro para nós.

Porém, ali estava ela, apenas o negando. Depois de tantos anos. Depois de apenas esperar, mesmo sabendo que não era o bastante. Não para o abismo que existia entre nossas realidades.

— O que tem?

— Eu não tenho vergonha ou medo do que sou, não quando estou com você — admitiu, e um sorriso se abriu no belo rosto. O sorriso de que eu tanto senti falta. O sorriso que apenas ela conseguia transformar tudo ao redor. Ao meu redor. — E queria poder te deixar fazer parte, mas...

Ela apenas parou de falar.

E eu senti a dor de cada palavra.

— Não vamos mais nos ver? — indaguei, segurando seu rosto com as duas mãos. — Nem em eventos esporádicos de família ou comemorações ou...

— Eu não posso te ver e não te tocar. — Senti toda sua fragilidade bem ali, completamente exposta. — Esse Natal foi como uma facada, a cada segundo em que não pude estar por perto. E mais, fingir que nunca aconteceu.

— Dove...

— Só apareci e despejei tudo, eu sei... — respirou fundo e sabia o quanto era difícil para ela. — Posso ser assustadora, temida ou odiada, mas o fato de não poder ser amada por você, tem me machucado a cada dia mais... Porque eu sei que te machuca também.

— Sabe como me sinto, Dove.

— Eu sei... — seu olhar parou no meu. — E por isso estou aqui — complementou e dois dedos pararam sob meu queixo, o segurando no lugar, como se estivesse no lugar certo agora. — Porque se não quiser que me encontre, você não vai encontrar. E eu não fiz o bastante para que isso ocorresse.

E me quebrou por dentro.

Cada palavra.

Cada suspirar.

Cada expressão.

— Eu vi essa história antes e ela destruiu alguém que eu amo. — Sua fala me acertou em cheio e vi a dor em seus olhos. — Só preciso guardar isso aqui... — tocou todo meu rosto como se detalhando todo ele. — Em uma fotografia em minha mente.

— E se eu disser que eu nunca vou amar alguém como eu amo você?

DOVE

Ele me amava.

Ele ainda me amava.

E eu...

Eu só queria poder colocar para fora o que sentia, latejava e gritava dentro de mim.

Em que momento aquela despedida tinha se tornado um recomeço?

Eu me sentia de tal forma como se estivesse perdendo a mente, apenas por estar perto dele. Tão perto dele.

E eu sabia que foi um dos grandes motivos para eu ter me afastado, o suficiente para não o perder totalmente de vista, mas o bastante para não perder o meu coração para ele. Mesmo que já lhe pertencesse.

— Ao menos, ela vai não vai te machucar...

O seu olhar era de completa dor, enquanto me ouvia falar.

— Não dessa forma que você está me machucando agora? — Sua pergunta me fazia querer quebrar em pedacinhos. E uni-los, se pudesse, aos dele.

— Eu sinto muito. — Fui honesta. — Se eu conseguisse unir o melhor dos meus dois mundos, eu o faria. — Suspirei fundo e dei um passo atrás. — Isso é uma de...

— Não diga isso. — Seus dedos vieram com cuidado para os meus lábios, me calando. — Só mais um dia e uma noite, pode ser?

— Flávio...

— Seu menino, lembra? — e seus olhos claros imploravam pelos meus, mesmo que ele não precisasse fazê-lo. — Acho que um amor de verdade precisa de uma despedida de verdade, não?

Eu não consegui dizer nada, apenas deixei que seus braços viessem para o meu redor. Nós dois, nos braços um do outro, juntos. No pequeno paraíso frágil que construímos há seis anos, e que parecia intacto naquele instante. E sabia, que mesmo com o adeus, ninguém o destruiria.



CAPÍTULO 23

“Eu não quero fazer, eu não quero fazer isso com você

Eu não quero perder, eu não quero perder isso com você”^[30]

FLÁVIO

— Sempre te imaginei, bem aqui.

Ela então levantou o olhar, encarando-me sobre o ombro.

Sentada entre minhas pernas, enquanto encarávamos o lago que ficava na fazenda Esteves. A fazenda que sempre imaginei como seria se ela apenas ficasse por ali.

— As coisas mudaram, muito...

— Irmãos Esteves unidos, sobrinhas e um sobrinho para todo lado, casamentos... — comentou, e virou-se, sentando-se de frente para mim. — Você gosta de tudo isso, não é?

— Uma família grande e feliz? — dei de ombros. — Quem não, Noona?

Um sorriso triste se abriu em seu rosto.

— Eu senti falta disso — admitiu, tocando meu queixo e levantando meu rosto como sempre me deixando na postura ativa, que eu nem sabia que tinha. — Eu senti falta de poder ter dias “não específicos”. — Fez as aspas com os dedos e sorriu de lado.

— Às vezes eu acho que tudo o que vivemos foi um sonho, e que eu inventei cada momento... — fui honesto. — Te ter em doses tão mínimas nos últimos anos, apenas te olhando... Vendo seu cabelo perfeitamente preso, e imaginando-o solto, tão bonito quanto o sorriso que eu nunca mais vi em seu rosto. — Engoli em seco. — Eu pensei que tinha vivido tudo isso sozinho.

— Seria melhor que eu te deixasse pensar assim. — A tristeza ainda envolta de seu sorriso. — Mas eu não conseguiria ir, não sem um adeus devido.

— Se você fosse a *cowgirl*... — aponte para mim e retirei o chapéu que estava em minha cabeça, que pertencia a ela. Desde o segundo em que estive na sua cabeça, era dela. E sempre seria, mesmo que não pudesse ficar. — E eu fosse o “mafioso”... — fiz aspas com as mãos e o brilho do seu sorriso voltou, ao menos, um pouco. — Acha que isso daria certo?

— Eu já vi uma história assim, e o fim não foi bom. — Cada palavra dela saiu repleta de dor. — Já vi um “amor”... — fez aspas com as mãos, e piscou. — Destruir alguém que eu amava. Não acho que tenha sido amor de verdade, até porque, não teria feito isso, mas ainda assim, a tentativa de um relacionamento, fez minha família toda quase se quebrar.

— Dove...

— Das coisas que eu não posso te dizer, não totalmente — falou, suspirando fundo. — Mas eu sei que... isso aqui... — fez um sinal entre nós dois. — Não pode ter um fim assim.

— Acha que se tentarmos, iríamos destruir... destruir sua família?

Foi o que aconteceu com Kalel? A pergunta se plantou em minha mente.

— Acho que eu não suportaria ver qualquer um de vocês se machucar. — Foi honesta. — Não posso dar a chance ao azar, menino.

Por mais que eu confie em você.

— É uma honra ter sua confiança. — Trouxe sua mão para a minha. — Mas sabe que eu sempre vou esperar por mais...

— Não espere — falou e tocou meu rosto com cuidado. — Não por mim. — Sabia que aquela era a verdade mais clara, e que seria impossível que ela mudasse de ideia. — Mas apenas seja feliz, sim?

— Nunca pensei que seria alguém que tivesse um sonho impossível, mas você mudou tudo... — sorri, mesmo que os pedacinhos que ela deixou dentro de mim, anos atrás, parecessem prontos para se quebrarem novamente. — Mas ainda posso ter um clichê de dorama com você? Ou melhor, um clichê que minha cunhada contou de um livro brasileiro?

Ela assentiu, realmente interessada, e me vi encantado pela forma como nada parecia ter mudado.

Mesmo com tão pouco, ainda parecia significar absolutamente tudo.

— Talita me passa sempre quais novelas, séries e filmes vocês assistem... — falou, assim que ficou de pé. — Nada sutil, como ela não sabe ser.

— Ela parece que sempre soube de nós, de alguma forma. — Ri de lado. — E não é como se minha melhor amiga não fosse notar que tem alguém no meu coração. — Trouxe sua mão para o meu peito, e a coloquei ali. — Aliás, não teria um canivete ou algo parecido?

Não me surpreendendo, ela retirou um habilidosamente de trás do seu vestido. Como ela o tinha ali, e eu sequer sentia ou via?

Mais uma coisa da máfia para colocar em mente.

— Serve?

— Perfeito — falei, virando-me para a árvore e ela me encarou claramente curiosa. — Já deve ter visto em outros lugares, mas quando Guta me contou que leu essa semana sobre isso, só consegui pensar em como seria, de alguma forma, nos eternizar.

— As pessoas têm filhos para isso. — Rebateu como se fosse apenas um simples pensamento e a encarei surpresa.

— Quer ter uma filha comigo? — indaguei, e ela me olhou como se curiosa, mas não assustada.

— Por que uma menina?

— Parece algo de família. — Dei de ombros. — Não que importe o gênero ou coisas assim, mas... Sinto que vou ser pai de menina.

— Espero que ela tenha os seus olhos — falou, e se aproximou, olhando para a árvore.

— Queria que ela pudesse ter o seu sorriso. — Soltei sem pensar muito. — Não?

— Apenas o nosso final feliz, lembra?

— Sim, senhora Kang. — Provoquei, tentando quebrar o clima ruim que começou a crescer e ela bufou. Claramente tentando fazer o mesmo. — Eu escrevo sua inicial, e você escreve a minha... Essa é uma das árvores mais antigas daqui e, com certeza, vai nos guardar para sempre.

— Não sei em que vida eu acertei tanto para merecer que alguém tão bom desejasse fazer isso comigo... — falou, pegando o canivete de minha mão e se adiantando. — Mas eu não vou reclamar, nem por esse momento.

Vi-a escrever minha inicial, só que em coreano, e eu sabia, que por todos os céus, seria impossível superar.

Não existia uma competição, quando a outra pessoa já tomou tudo. E ela tinha tudo de mim, até mesmo a minha tristeza por não poder ficar.

— Sua vez? — indagou e respirei fundo, antes de tentar usar o meu melhor para escrever em coreano.

Eu tinha aprendido a falar, mas ler e escrever, ainda era algo complicado. Assim que finalizei o D, notei o sorriso orgulhoso que ela tinha. — Então?

— Perfeito — falou e eu lhe entreguei o pequeno canivete. — E que mais?

— Bom... Eu acho que você fica essa noite e vamos beber vinho, ouvir Taylor Swift, comer algo bom, e lembrar como nossos corpos são tão bons juntos... — sugeri e seus braços se jogaram ao redor do meu pescoço.

— Eu aposto que a parte de Taylor tem a ver com Talita. — Provocou e eu ri baixinho.

— Eu tive uma fossa de muitos anos... — pisquei um olho. — E muito sertanejo de arrastar o chifre no asfalto. — Ela sorriu abertamente.

— Amo as expressões daqui — falou, e tocou meu rosto. — Amo todas as suas expressões, mesmo que às vezes não entenda.

Ela me amava.

Eu sabia que fazia.

Eu sentia.

Mas mesmo assim, ela estava de partida.

E eu tinha que garantir o que podia para que aquele momento valesse pela eternidade.

— E eu, eu amo você.

Levei meus lábios aos seus, sabendo que não poderia ouvir o mesmo, não agora. Não quando tudo se desfazia. Seria injusto com ela. Seria injusto comigo. Contudo, nada era de fato justo conosco.

E “nós”, era um acontecimento que nunca iríamos superar.



CAPÍTULO 24

“Amigos se separam, amigos se casam

Estranhos nascem, estranhos são enterrados

Tendências mudam, boatos voam por novos horizontes

Mas eu estou exatamente onde você me deixou”^[31]

FLÁVIO

Como curar a dor de ver a pessoa que ama ir embora e sem data de volta? Sendo o tio favorito e me empanturrando de doces com minhas sobrinhas e sobrinho.

Ser o tio que faz surpresas nos finais de semana para sair com os sobrinhos e deixar os irmãos curtirem os casamentos. Aquele era eu. E

claro, eu era o tio favorito. E vinha a calhar, da melhor forma possível. Já que eu tentava me manter inteiro, mas ainda assim, quebrava a cada segundo que me lembrava de Dove indo embora.

Ela me dando um adeus de verdade.

Contudo, ali estava eu, pronto para buscar Clara na capital, e levá-la para o interior e depois, começar a passar nas duas casas restantes. Seria um ótimo final de semana, que nem as crianças e nem meus irmãos tinham ideia.

O que eu poderia fazer?

Eu amava uma família bagunçada e chorar nos filmes infantis com sobrinhos.

Agora estava no supermercado que encontrei aleatoriamente antes de entrar na cidade, e que deveria ter algum dos chocolates favoritos das minhas sobrinhas. Talvez eu não fosse tão organizado, mas eu tentava.

— Senhor...

Pisquei algumas vezes antes de me virar e procurar pela voz baixa de criança. Não acreditava que era comigo, contudo, não me custava nada olhar. E então, quando me virei, encontrei uma garotinha, quase que se escondendo entre as prateleiras do mercado, e se aproximando de mim.

— Tá tudo bem? — perguntei assustado, sem dar qualquer passo à frente por medo de assustá-la.

— Tem uma pessoa me perseguindo — ela falou, olhos amedrontados, e claramente perdidos. — O senhor pode me ajudar a encontrar meus pais?

Pisquei algumas vezes, assentindo em seguida.

Olhei ao redor, procurando alguém que estivesse atrás dela, enquanto ela parecia querer entrar dentro da prateleira para desaparecer. Ela deveria ter o quê? Doze anos?

Uma parte minha, do Flávio assustado e com medo, no dia em que descobriu que nenhum dos pais estaria mais em sua vida, quase veio à tona. Contudo, segurei minhas emoções, porque agora ela precisava que eu a ajudasse. Da mesma forma que um dia Juan esteve lá para mim.

— Podemos ir na administração e...

— Meus pais devem estar no estacionamento. — Adiantou-se, olhando ao redor. — Se o senhor me levar até lá, eu vou ficar segura.

Achei um pouco estranha aquela sugestão, mas como eu poderia duvidar da lógica de uma garotinha de doze anos?

Notei seus olhos quase marejados e ela então segurou em minhas mangas, apertando-as de leve principalmente a jaqueta.

— Por favor, me ajude.

Assenti, levando uma das mãos até suas costas e seguindo em direção ao estacionamento. Eu nunca tinha ido até aquele mercado antes, mas ainda assim, existiam placas.

Assim que chegamos no piso inferior, que era o subsolo onde o estacionamento ficava, ela correu em direção a um carro e notei um homem em pé ao lado dele. Ele a abraçou e tentei encontrar paz por ter ajudado daquela maneira, mesmo que fosse mínima, mas a cena não me descia.

Algo parecia errado.

Na verdade, tudo parecia errado.

Aproximei-me dos dois, porque algo dentro de mim tinha a certeza de que estava tudo bem e correto. Então ela se afastou do homem, e veio a passos largos até mim, encarando-me. Seus olhos permaneciam marejados, como se ela estivesse se segurando.

No momento em que ficou novamente à minha frente, notei sua respiração mudar.

— Desculpe, senhor.

A voz dela era carregada e notei seus olhos se encherem de lágrimas.

Antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, senti uma picada em minha pele, e todo meu corpo ficou mole. Minhas pálpebras pesaram, e a última coisa de que me lembrava de ver era do quanto ela se parecia com Dove.

DOVE

Meu celular tocou e me vi respirando fundo, assim que vi o nome que brilhava na tela. Eu já tinha fugido tantas vezes de suas ligações e mensagens, mas ainda assim, não me doía menos permanecer machucando-o, enquanto me matava por dentro.

Após dizer adeus, deveria tê-lo bloqueado.

Contudo, algo dentro de mim me impediu, e agora, se remexeu, diferente das outras vezes. Uma preocupação sem igual, enquanto eu ia até o aparelho e o segurava, sem sequer ligá-lo até meus fones de ouvido ou pensando duas vezes. Aquele mesmo sexto sentido que me fez confiar em Yumi quando mais nova, me alertando que *tinha* que atender.

Uma respiração profunda do outro lado da linha, e não a voz dele.

Uma respiração que por mais que eu quisesse ter deletado, ainda conhecia muito bem, porque eu a odiava.

— O que faz com o celular dele, Mi-Suk?

— Pela respiração, querida ratinha... — ele riu do outro lado da linha, do jeito que me causava asco, e que me fazia querer pulverizá-lo.

— Acho que sou mesmo inesquecível.

— Onde ele está?

— Ele, o seu tesouro escondido no Brasil... — ele estalou a língua. — Os padrões dos Kang baixaram de uma forma impressionante.

— O que quer, Mi-Suk?

— Não sou mais seu oppa, querida?

— É um homem morto se não me disser exatamente onde ele está.

— Ele será um homem morto se não parar de investigar os meus negócios, pequena Dove. — Segurei uma respiração. — Diga a Vincenzo que essa será minha garantia e que bom, uma vida pelos meus negócios, não é nada... A não ser que seja uma vida com ponto fraco de um Kang.

— Ele não é meu ponto fraco, Mi-suk.

— Então ele estará morto até o fim do dia.

A ligação se desfez e me vi quase despencando no chão. Segurei-me na parede, soltando a respiração com força e repensando no que fazer. Flávio não era meu ponto fraco, por mais que tenha sido exatamente por aquilo que o deixei. Para protegê-lo. Contudo, o que eu não sabia era que ele era um dos meus pontos favoritos e fortes, mesmo que estivesse tentando mantê-lo longe e em segurança de tudo aquilo.

Aquilo.

Quem eu era.

O que eu fazia.

Meus inimigos.

Tudo veio até ele.

Tudo veio e o levou.

— *Respire, Dove. — As palavras de Yumi Kang em minha mente, de quando eu ainda era uma garotinha. — Respira e segue minha voz, ok?*

Eu respirei fundo.

Uma vez.

Duas vezes.

E na terceira, eu já estava agindo.

Não podia parar.

Eu precisava encontrar Flávio e acertar as contas de vez com o meu passado.



CAPÍTULO 25

“Não, sem corpo, sem crime

Eu não ia deixar aquilo de lado até o dia em que ele

Não, sem corpo, sem crime

Eu não ia deixar aquilo de lado até o dia em que ele morresse”^[32]

FLÁVIO

Que diacho!

Pensei no momento em que algo gelado acertou meu rosto e pisquei algumas vezes, tentando me acostumar, antes de sentir novamente a água diretamente nos meus olhos.

— Mas que...

Conseguí ver pouco, pelo único rastro de luz que chegava até mim, e notei que tinha alguma coisa à minha frente, como grades?

— Onde eu...

— O senhor realmente conhece os Kang?

Pisquei algumas vezes, lembrando aquela voz e então me virei, pela pouca luz, eu não conseguia vê-la por completo, mas tinha quase que certeza de que era a garotinha do supermercado.

— Eu joguei a água para que acordasse antes que viessem e te fizessem dormir de novo.

— Quem é você? — perguntei, tentando juntar as peças em minha mente, e só uma coisa me vinha: uma verdadeira novela latina ou drama coreano. — Você foi a isca para me trazer aqui?

— Eu...

A voz dela tremeu e eu engoli em seco.

— Por que está me perguntando dos Kang?

— Há boatos de que Mi-Suk Ten estão procurando um ponto fraco dos Kang há muito tempo, principalmente, um ponto fraco de Dove Kang.

— Estou aqui por ela?

— Conhece ela? — de repente, a voz da garotinha era de pura animação. — Ela é tão bonita e assustadora quanto nas histórias?

— O que anda ouvindo por aqui? — indaguei perplexo. — Tem alguma ideia do porquê te fizeram me trazer aqui?

— Era o meu jeito de ser útil e ainda não ser vendida. — Suas palavras me chocaram, principalmente porque não esperava nada perto daquilo. — Enquanto estiver aqui, talvez eu ainda permaneça sem ser passada à frente.

— Está me falando de tráfico humano?

— E coisas piores — complementou e eu respirei fundo, tentando forçar meu corpo a levantar. — Eles vão te machucar para poder chegar até ela.

— O que eles querem com ela?

— Escuto isso há alguns anos, de que Dove Kang foi quem conseguiu fugir de um cativeiro dos Tem e destruiu o clã da família, e ela era prometida ao primogênito deles – Mi-Suk.

— Quantos anos ela tinha? — minha voz quase não saiu, tudo dentro de mim se revirando.

— A minha, eu acho. Doze anos.

— Diacho... — neguei com a cabeça e suspirei fundo. — E eu achando que ela tava exagerando quando disse que era perigoso insistir... — falei sozinho, tentando pensar em como dar um jeito de sair dali. — Nunca saiu daqui?

— Só quando vou até o mercado ou fazer algo parecido. — Cada palavra dela me acertou em cheio. — Eu era bem nova quando apareceram e me levaram, não tinha ideia do que realmente faria aqui.

— Eu sinto muito — falei, suspirando profundamente. — Não tenho ideia de como foi, mas... Não é justo para ninguém ser uma vítima d... disso aqui.

— Eu me acostumei — falou, deixando-me ainda mais chocado. — É melhor estar aqui, do que... — ela respirou fundo. — Eu deveria dizer que *sinto muito*.

— Me enganou para sobreviver, não foi? — rebati, e ouvi um leve “sim” ao fundo. — Então não há porque se desculpar... Qual o seu nome?

— Saron — respondeu e parecia em um tom desconfiado. — É o que lembro de ouvir quando mais nova, não é pelo qual me chamam aqui, mas...

— É o nome de uma flor, não é?

— Não sei. — Ela sussurrou. — Como sabe?

Era a flor favorita de Dove Kang.

E por que eu ainda ficava relembrando detalhes tão pequenos sobre ela?

— Uma... Uma pessoa que conheço gosta — comentei, sem saber agora se deveria ou não falar abertamente de algum Kang.

Meu pensamento viajou até Talita e me lembrei de como tudo ocorreu quando nos conhecemos, a forma como os Kang me vigiaram literalmente de perto, e apenas pararam – ao menos eu acreditava que o fizeram – depois que nossa amizade passou de anos. *Poderia estar acontecendo ali?*

Aquela garotinha comigo, naquele escuro, poderia ainda estar me enganando? Aquilo estava sendo gravado? Tinha alguma coisa ao nosso redor?

Tinha tantas indagações em minha mente, que se parasse realmente para pensar, poderia enlouquecer naqueles poucos segundos. *Por que eu? Por que tinham me trazido?*

Eu era um ponto fraco dos Kang? Por aquilo?

— E vejam só... O menino de Dove Kang.

Eu não reconhecia aquela voz, mas o cheiro forte de uísque que se apoderou do ambiente, me alertou de que não deveria confiar. Era o cheiro que sabia que Dove não suportava, e sempre tentava evitar.

Eu tinha prestado atenção demais naquela mulher, a ponto de conseguir ler o que ela sequer sabia que escrevia em suas ações.

— Quem é você? — minha voz saiu e me coloquei em alerta.

— O futuro marido de Dove Kang.



CAPÍTULO 26

“Eu não me visto para mulheres, não me visto para homens

Ultimamente, tenho me vestido para vingança

Eu não começo merda nenhuma, mas posso te dizer como termina

Não me entristeço, me vingo”^[33]

DOVE

— Preciso da localização número 13 — falei ao telefone e esperei a resposta de Chae, que parecia não entender minha ligação repentina.

— Não é o localizador que você disse que tinha quebrado e...

— Apenas o ache, Chae.

— Noona... — sua voz soou preocupada do outro lado da linha.
— O que está acontecendo?

Pelo fato de sermos uma família e nos conhecermos há tanto tempo, era óbvio que ele perceberia que algo estava errado. Eu nunca pedia uma localização por nada. Ainda mais, dentro dos limites de pessoas que nós protegíamos.

— Enquanto isso, veja onde Talita está também.

— Talita está no exterior com o marido — respondeu de imediato. — Ela avisou agora a pouco no grupo que chegaram em Paris.

— Triplique a segurança dela — ordenei e ouvi Chae respirar fundo do outro lado da linha. — Encontrou?

— É uma localização próxima... Noona... — ele engoliu em seco.

— Na casa que estamos tentando chegar, que achamos que Mi-Suk Ten comprou? — indaguei, e sequer precisei de sua resposta, apenas sua respiração perdida era o bastante.

— Mas o localizador está se movendo e rápido, acho que está se distanciando de lá...

— Eu disse que Mi-Suk não pararia e que voltaria, de alguma maneira, com o tráfico em países onde não estamos tão efetivos.

— Noona, o que...

— Ligue uma chamada com todos, por favor.

Não demorou muito para que eu posicionasse meu celular e as caras de todos de minha família aparecessem. Mesmo que a de Kalel não estivesse mais ali e era sempre um peso pensar que ele nunca mais apareceria.

— Mi-Suk levou Flávio — falei de uma vez e o olhar de Vincenzo se tornou outro. — Sei onde ele está, porque coloquei aquele localizador no chapéu dele, anos atrás e felizmente, ainda está funcionando...

— Colocou um localizador em Flávio sem a permissão dele?

— Ele sabe sobre isso, Oppa. — cortei a pergunta de Jeon, que me encarou surpreso. — Eu preciso da autorização de vocês. Mas mesmo que não tenha, eu não vou pensar duas vezes em finalmente fazer Mi-Suk pagar.

— Você sempre foi livre para decidir sobre esse assunto, Dove.
— Vincenzo tomou a frente. — Mas como vai fazer isso e proteger Flávio?

— Vou fazer o que for necessário — anunciei, suspirando fundo.
— Todos nós sabemos o que Mi-Suk realmente quer.

— Ele quer você — Chae comentou e eu assenti. — Não pode se entregar no lugar do Esteves, sabemos que os acordos com os Ten, não são justos.

— Eu sei lidar com aquilo, Flávio não. — Minha boca até secou após dizer o seu nome. — Ele está nesse perigo por minha causa.

— Mi-Suk te ligou? — Vincenzo indagou, e eu assenti. — Passe a localização a todos, Chae.

— Não — falei e senti todos os olhares em minha direção. — Não vou levar mais nenhum de vocês para isso, nenhum.

— Você sabe como os Ten são, eles...

— Exatamente, Oppa — falei para Jeon, que me encarava preocupado. — E tenho certeza de que não são os Ten, é Mi-Suk, e eu sei lidar com ele.

— Você saiu disso aos doze anos, Dove. — Vincenzo tomou a frente, e me encarou profundamente. — Não vai tratar disso sozinha. E isso é uma ordem.

— Eu sobrevivi doze anos. — Segurei firmemente uma das mãos na outra. — Preciso da alta confiança.

— Noona..

— Dove...

— Protejam a todos os Esteves, pessoalmente — pedi e notei a forma como me encaravam perplexos. — Eu nunca pedi alta confiança, mas eu preciso. Eu preciso disso.

O silêncio se espalhou pelo ambiente e poderia sentir a tensão de cada um ali, mesmo que não presentes.

Os Kang tinham seu próprio jeito de lidar com problemas pessoais, principalmente do próprio passado. Um pedido de alta confiança envolvia o respeito de todos os membros da alta família e deveria ser respeitado. Era praticamente uma lei.

A questão era que a última vez que um de nós o fez, mesmo sem me envolver, acabou morrendo. E todos nós sabíamos nas consequências que algo assim poderia trazer.

— Negado. — meu irmão mais velho falou de imediato. — Como uma Kang? — Vincenzo indagou, depois de segundos massacrantes.

Assenti, encarando a letra K em meu pulso.

— Como uma Kang.

Desfiz a ligação, sabendo que agora eu tinha o que precisava. A autorização e o respeito para enfrentar meu passado e, principalmente, poder proteger o presente.

Pensar sobre Flávio, em qualquer situação que poderia estar, nas mãos de Mi-Suk, me enojava.

Segundos depois, um vídeo chegou ao meu celular, vindo de Chae, que com certeza já mexia seus pauzinhos. O rei da tecnologia, sabia onde e como encontrar o que fosse. E foi quando vi a imagem de Flávio seguindo uma garotinha, com traços coreanos, que parecia extremamente nervosa.

Eu sabia o que ela estava fazendo.

Eu sabia exatamente como era aquilo.

Eu já estive naquele lugar.

A gravação acaba, no exato segundo em que ele vai para o estacionamento. Respirei fundo e fui em direção ao meu quarto de armas. Precisava me preparar e seguir o sinal em tempo real que Chae me enviou, sobre a localização de Flávio.

E sabia que onde encontraria uma parte de mim, outra parte de mim morreria. E eu torcia e temia por aquilo há muito tempo.

FLÁVIO

— O que realmente esperava?

Não olhei em direção ao homem que falava, enquanto minha mão estava amarrada contra a outra e minhas pernas da mesma forma. Jogado no banco de trás de um carro, notando o olhar da criança que me fez chegar até ali e estava na mesma situação.

Por que eles ainda a estavam usando?

— Sabemos que Dove sabe onde está... — ele falou e tentei não demonstrar nada. — Um protegido dos Kang, no mínimo, tem um localizador. — Apontou então para o chapéu em minha cabeça.

— Ela não vai vir — falei de uma vez e torcia internamente para que fosse assim. Sem querer pensar em minha família, porque se o fizesse, eu desabaria. — Ela não tem porque vir.

— Você se subestima... Deve ser isso que a fez cair no joguinho de achar que pode estar com alguém além de mim...

— Fique longe dela. — As três palavras soaram cortantes.

— Estamos mais perto do que nunca daquela vadia — falou, e respirei fundo, torcendo para que pudesse apenas socar a cara dele. — E

assim que ela aparecer, terá duas mortes nas mãos e uma aliança no dedo.

— Duas...

Meus olhos foram para a garotinha ao meu lado, que eu não tinha ideia da importância, mas de alguma forma, me fez colocá-la como podia às minhas costas.

— Ah, protegendo quem te colocou exatamente aqui. — Ele zombou. — Vai proteger a vadia dos Kang quando ela aparecer?

— Para uma vadia, ela parece valer muito para você — rebati, e ele me encarou com claro ódio em seu olhar.

Senti no segundo seguinte um soco em meu rosto, e o sangue escorrer por minha bochecha.

— Seu...

Ouvi o quase grito da garotinha ao meu lado e logo ela pareceu usar uma parte do corpo para me apoiar. Eu ri em meio ao sangue que descia. Ele poderia ser o diabo a quatro de uma máfia, mas eu era um Esteves. E ele não tinha ideia de como eu faria de tudo para sobreviver, ainda mais, pela minha família. E pela mulher que eu amava.



CAPÍTULO 27

“Porque pra cada mentira que conto a eles, eles me contam três

É assim que o mundo funciona

Agora, ele só pensa em mim”^[34]

FLÁVIO

— *O que eu posso fazer, menino? — sua pergunta soou baixa, enquanto sentia suas mãos em meus cabelos. Sabia que ela imaginava que eu dormia ou pela forma que era esperta, ela sabia que eu estava ouvindo tudo. — Eu não posso ficar.*

E eu não me mexi,

Eu não sabia o que dizer.

Era como se eu soubesse que ela me deixaria.

Cedo ou tarde.

E parecia apenas cedo demais.

— *Fica...*

E de repente, quando algo acertou meu rosto, eu despertei com tudo. O sonho distante sobre o meu passado com Dove, para a realidade em que senti minhas mãos presas ao alto, sustentando todo meu corpo, e a dor se espalhando por cada parte do meu ser.

Eles tinham... Eles tinham me espancado enquanto estava dopado?

— Onde ela está? — minha voz mal saiu, lembrando-me da garotinha que era minha última lembrança antes de apagar por completo, ainda no carro.

— Preocupado com uma *putinha* como aquela.

Ele falou em coreano e eu me segurei, tentando não reagir a qualquer coisa. *Eles não teriam como saber que eu entendia a língua?* Eram anos de amizade com Talita e praticamente um aprendizado diário. Poderia ser uma vantagem.

— Onde ela está?

O homem à minha frente riu, quando perguntei novamente e vi outro adentrar o local. Olhei ao redor e parecia uma velha garagem abandonada, pouca iluminação, e uma grande mesa ao lado dele.

— Senhor... — ele falou, curvando-se para o que parou de riu, ainda me encarando. — A garota mordeu três de nós e acordou após a última surra.

Respirei fundo, segurando meu impulso de quase ir para cima dos dois, mesmo que não pudesse fazer nada. Senti o sangue ferver em minhas veias, apenas pensei no que a própria Dove um dia me ensinou e talvez eu só compreendesse agora: *se você tem uma vantagem, sempre a use.*

Eu tinha a vantagem de que eles falavam abertamente em outra língua à minha frente, sem ter ideia de que eu entendia.

— Traga-a — ordenou e seu olhar se voltou para o meu. — Então, verá a sua ratinha... — agora ele falava em português e eu sentia meus pulsos por um fio, tentando aguentar meu peso em uma corrente, preso a uma barra de ferro. — Podemos jogar um longo joguinho, até quem realmente interessa aparecer.

— O que quer com isso?

— Você a tocou, não tocou? — ele então deu passos à frente, e uma de suas mãos veio para o meu rosto, enquanto eu tentava afastá-lo. — Tocou na minha prometida e mesmo que ela ache que se curvar para mim vá adiantar, você sai daqui morto — sussurrou em coreano e não esbocei reação alguma, tentando me manter imune àquilo. — Ela não teve a capacidade de ensinar o básico sobre ela, a própria língua... — voltou ao português, rindo alto e se afastando. — Será que ela vai mesmo aparecer para salvar alguém que não faz diferença?

— É o que os Kang fazem — respondi, encarando-o. — Eles podem não ser santos, mas eles não permitem que pessoas como você vivam.

Ele riu alto e eu fechei o rosto, tentando concentrar toda minha força na ponta do pé que ainda conseguia tocar no chão e reduzia a dor em meus pulsos.

— Então por que eu ainda estou vivo? — rebateu e eu me vi perguntando a mesma coisa. — Os Kang me deixaram viver... Por que não deixariam você morrer?

— Eu nem sei o que você é.

Ele então sorriu de lado e ouvi a porta se abrir e Saron ser jogada pela mesma. Seu rosto sangrava e ela mal se mantinha em pé, mas se

negou a se ajoelhar para ele.

— Sar...

Minha voz foi cortada pelo soco que atingiu em cheio o rosto dela, dado pelo homem à minha frente.

— Desgraçado!

Ele riu, chutando de leve o corpo caído da garota e, então, se virou para mim.

— É isso o que eu sou... Foi disso que Dove tentou fugir, mas veja só, graças a você, ela vai voltar ao que lhe pertence... — apontou para Saron, desacordada no chão. — A ser uma ratinha dos Ten, e finalmente, a minha puta.

— Ela vai te matar — falei, sem medo algum e ri friamente. Porque se tinha algo que eu sabia, era que Dove Kang jamais perdoaria quem machucava uma criança. E talvez agora eu entendesse o que estava relacionado ao seu passado. — Se ela não fizer, eu faço.

— Preso no alto... — ele negou com a cabeça e riu mais aberto ainda. — Todos são corajosos, até que a dor fala mais alto e choram como bebês... ou como menininhas indefesas. — Apontou para Saron, que agora gemia de dor e parecia voltar a acordar.

Ele fez menção de acertá-la novamente e eu não pude suportar.

— Não! — gritei, e ele parou, olhando-me curioso. — Não deveria estar direcionando seu ódio em mim?

— Meu nojo, você quer dizer?

Então era um quebra-cabeça mental, que nem mesmo depois de tantos anos cercado pelos Kang, eu poderia compreender. Era muito mais complexo do que qualquer coisa que encarei.

— Me acerte — pedi, e ele deu dois passos à frente, vindo em minha direção. — Ela não é o ponto franco de Dove, sou eu.

— Tão propício a morrer por Dove Kang... — aproximou-se, e tocou meu rosto novamente, esticando a mão ao máximo. — Tão propício a se sacrificar por ninguém...

Então, usei o pouco alcance do chão que tinha com o pé e balancei meu corpo, levando minha boca até sua mão, e a mordendo com força. Ele gritou de dor e não o soltei até o momento em que o outro homem adentrasse a sala e acertasse em cheio o meu estômago.

Ele me xingou, e vi o sangue escorrer por seu braço, assim como eu sentia o metálico do mesmo em minha boca.

Foi então que o olhar do homem à minha frente mudou – ele parecia possesso. Então era aquilo – a raiva e o ódio dele ou o que fosse, agora eram meus.

Ri para atiçá-lo ainda mais, e foi quando ele mandou o outro sair.

— Se lembrar do seu próprio nome até ela chegar, sinta-se em lucro... — então o primeiro soco me acertou, da mão que mordi, com seu sangue escorrendo. Ele usava um soco inglês ou algo parecido, porque senti todo meu rosto quase se desfazer.

De canto de olho, o que ainda estava bom, vi Saron lutando para respirar e tendo um momento de paz. Não sabia por que me preocupava tanto com ela, mas eu senti. Eu sabia que não podia permitir que ninguém mais lhe fizesse mal. O ciclo acabaria ali. E de alguma forma, eu poderia suportar. Até o momento em que Dove aparecesse.

E o sorriso dela estava em minha mente, enquanto meu corpo se negava a sucumbir à dor.

DOVE

Encarei a velha casa a alguns metros, e sabia que eu não estava sozinha. Por mais que fosse meu assunto e meus irmãos o respeitassem,

eles não me deixariam a sós. Vincenzo negou meu pedido de alta confiança. E eu não tinha tempo para insistir. Provavelmente Chae estava ao redor, mais próximo, como se pronto para me tirar dali.

Era o momento de o que restou dos Ten do passado, finalmente pagar.

Eles quebraram acordos.

Eles quebraram promessas.

Eles pagariam com sangue, se outro sangue fosse derramado, assim como foi prometido.

Saí do carro, e assim que minha bota tocou o chão, notei uma mancha de sangue contra ele. Agachei-me e o toquei, sabendo que era recente.

Andei passo a passo, levantando meu rosto. Da forma como saí de um lugar muito parecido como aquele, da forma como voltaria e acabaria de uma vez. Mi-Suk deveria ter pensado em tudo. Ele adorava joguinhos mentais, e se achava o mestre deles. Claro, jogando-os com garotinhas indefesas.

Senti o exato momento que era seguida, e quando pensaram em me derrubar, virei-me, preendi o homem contra meu corpo e sua arma contra sua cabeça.

— Acho que seu chefe não ia gostar de saber que tocou na prometida dele... — zombei, arrastando-o comigo, mesmo que ainda lutasse contra meu corpo. Eu sabia muito bem como desarmar e ser mais rápida que qualquer homem.

Senti olhares ao redor e então, um a um, os capangas, que notava serem todos brasileiros, foram aparecendo. Armas apontadas em minha direção, enquanto eu apontava para o homem contra meu corpo, que tinha a mesma altura devido ao salto da minha bota.

— Eu posso fazer isso o dia todo, crianças — falei, empurrando o homem para longe e apontando a arma que lhe pertencia para ele. — Mas meu assunto não é com nenhum de vocês. — Fui clara. — Onde está Mi-Suk?

Notei um movimento à frente da casa, e finalmente alguém saiu dela, e fez um sinal com a cabeça para os garotos espalhados por ali, que pareciam completamente assustados. Todos ali não eram soldados, muito menos treinados. Parecia algo realmente improvisado. E não demorou para entender que parecia um ato desesperado.

— Como devo te chamar? — indaguei, encarando o homem à minha frente, que usava roupas caras e parecia saber um pouco do que fazia ali. Minhas palavras todas em coreano, e notei como ele pareceu se esforçar para entender. — Seu nome? — indaguei em português, e notei

novamente que nenhum dos homens e garotos presentes ali, tinham qualquer traço da minha cultura.

— O senhor Mi-Suk te espera, senhora Kang. — Ele falou, fazendo uma reverência.

— Ainda há respeito aqui... — ri sem vontade. — Me leve até ele. — Não foi um pedido, mas sim, uma ordem.

Eu sabia que nenhum deles ali tocaria em mim. Porque era exatamente o que Mi-Suk sempre quis para si, apenas para si. Capaz de matar até o próprio pai por aquilo. Ou algo pior, muito pior.

Assim que adentrei o lugar, o cheiro de uísque estava por todo o ambiente. Fiz o que eu sabia ser o melhor e respirei o mínimo. Para não voltar aos medos e desesperos que um dia tive. O cheiro que ainda parecia impregnado, onde quer que os Ten fossem. E eu tinha certeza de que ele estava ali, apenas por aquilo.

— Vou dar apenas uma dica — falei em português, minha voz baixa e concisa. — Saia daqui e leve os garotos, não importa o dinheiro que Mi-Suk prometeu, ele não vai lhes pagar e todos estarão mortos quando ele conseguir o que quer.

— A senhora...

— Se sabe um pouco sobre os Kang e o trouxe até aqui, deve ser esperto para saber que isso não é um bom negócio.

— Ele vai conseguir o que quer?

Apenas o encarei profundamente.

— Sabe que decisão tomar — falei, e ele parecia alarmado. — Um homem que age sozinho, sem a sua família, não tem palavra. Não seria surpresa que o próprio Clã o esteja caçando.

— Nós só queríamos o dinheiro, dona — confessou e notei seu nervosismo. — Apenas ele e mais um homem, que fala sua língua.

— Eu entrarei em contato com você, e terá um pagamento justo pela informação que me deu — falei, parando meu passo. — Agora vai!

— Mas ele...

— Ele está me esperando e eu esperei a vida toda por esse momento... — admiti e vi o homem engolir em seco. — Melhor ter o dinheiro e a vida, não acha?

Ele assentiu, fez uma reverência e correu na direção oposta do corredor no segundo seguinte.

Deixando ainda mais claro que aquela situação toda era improvisada. Não havia qualquer sinal de que algum Clã poderoso

dominava ali. Um ato desesperado de um homem condenado pelo próprio sangue?

Segui até o fim do corredor com meus questionamentos e logo encontrei uma porta.

No segundo em que a abri e entrei no local, meu pé encontrou um pequeno corpo feminino, enrolado em si mesmo, mas parecendo lutar para levantar ou se manter acordada.

E fui o segundo em que me vi novamente, no meu próprio inferno. E meu demônio sorria ao fundo.



CAPÍTULO 28

“Fiz o delineado afiado o bastante para matar um homem

Você fez algumas coisas ruins, mas eu sou a pior delas

Às vezes, me pergunto qual vai ser a sua última mentira

Dizem que olhares podem matar, e talvez eu tente”^[35]

DOVE

— O que querem? — indaguei, sentindo o sangue escorrer pela minha boca.

Eu estava ali desde os seis anos.

Eu tinha noção de quem cada um ali dentro era, desde os oito.

Aos doze, eu sabia que existiam apenas duas opções. Ou me tornaria a próxima esposa de um Ten ou seria morta. E eu sabia que apenas a segunda opção seria possível.

— Um último serviço da nossa ratinha favorita — Dea Ten falou, enquanto tentavam me puxar para o seu colo, e eu me negava, segurando-me com força no que podia para não estar próxima.

O cheiro de uísque derramado por toda a sala, misturado com sangue. Era tudo o que me fazia sentir vontade de vomitar. Mas eu me segurava. Eu apenas esperava. Não sabia pelo que, mas eu já tinha aguentado por seis anos, eu poderia esperar para ter uma morte digna. Uma que eu escolhesse.

— Ratinha...

Ouvi a voz de Mi-Suk, o filho mais velho de Dea. Ele tinha seus dezoito anos, e eu sentia que o olhar do mesmo para mim, era tão parecido quanto o do pai. A princípio, me assustava. Naquele momento, me fazia sentir ainda mais repúdio.

Eu sabia o que ele fazia para a maioria das meninas que cruzavam seu caminho. Corpos jogados nas celas, completamente descartados e mesmo que ainda respirassem, era como se não existisse mais vida. Éramos todas as bonecas dos Ten sendo preparadas para o

abatedouro. E eu era a ratinha de ouro, como me chamavam, porque eu sempre cumpria minhas tarefas.

Era como eu sobrevivia.

Sendo a isca perfeita para homens tão ruins quanto eles.

Sendo o que atraía a bondade daqueles que não tinham o mínimo delas.

Uma cabeça fodida.

Um corpo sequer formado.

Pisquei algumas vezes, voltando à realidade do cheiro que agora se apoderava de tudo ao redor, como no passado. Do olhar nocivo do homem que eu conhecia e que tanto desejei que morresse. Tanto ele, quanto seu pai. Como todos aqueles envolvidos com o tráfico de meninas.

E não parecia ter mudado, mesmo após tudo.

Mesmo após as sentenças terem sido dadas. Ao menos, não para Mi-Suk Ten.

— A ratinha que escapou... Sabe que é assim que te chamam?

Meu olhar parou por um segundo no homem pendurado contra uma torre de ferro, os dedos dos pés quase não alcançando o chão. E não foquei nele, por mais que era por ele que estivesse ali. Flávio estava ali, daquele jeito, por mim. Porque eu apareci em sua vida. Um erro. Eu era um erro pelo qual ele pagava.

— Ainda achando que pode brincar com meninas inocentes e sair a salvo?

— Eu saí no passado, não saí? — indagou, girando o que parecia um canivete em suas mãos.

— Um erro que não vai se repetir — falei, e dei passos à frente, chegando próxima a ele. — Qual o plano, Mi-Suk? Me trazer aqui, usar Flávio e a garotinha no chão para entrar na minha mente, me fazer prometer que vou ficar, e depois matá-los? E aí? Seremos felizes para sempre? — seu olhar foi se transformando a cada palavra que eu falava, e um sorriso se abrindo em meu rosto. — Então? — ele parecia estático. — Acertei em tudo, não foi?

— Quase, minha ratinha... — ele tentou dar um passo à frente e tocar meu rosto, mas desviei, e notei que ele não parecia completamente são, apenas pela forma como o corpo estava mole, e ele quase caiu.

— Eu acho que podemos ser rápidos. — Cruzei os braços e o encarei. — Meu palpite é que sua família quer matá-lo, e como ato desesperado, está tentando se aliar a um Kang para ter proteção... Achou mesmo que ia conseguir isso comigo?

— Não se importa se eu matá-los? — rebateu, e então deu passos para trás, chegando próximo a Flávio.

Meu olhar falhou por um segundo, ao notar todo o sangue no rosto dele. Um sangue que era dele. E a forma como suas roupas estavam banhadas pelo mesmo. Sequer conseguia ver sua expressão, debaixo de hematomas.

— Sabe qual é uma das maiores leis dos Kang? — indaguei, passando as mãos pela minha calça. — Que se paga pelo que se faz, da exata maneira, ou dez vezes mais à frente do diabo.

— Ouvi dizer que o diabo dos Kang morreu.

E ali estava ele, falando sobre Kalel.

— Não há apenas um diabo na nossa família — falei, e vi o exato segundo em que ele colocou a lâmina contra a garganta de Flávio. — Kalel Kang não era o diabo de ninguém, além daqueles que se envolviam exatamente com ele... E qualquer um deles, se colocaria no meu lugar para ser o seu. Mas eu estou aqui para isso.

Ele riu alto e notei sua mão escorregar um pouco do pescoço de Flávio, que parecia quase imóvel.

— Vai se fazer de santa e me julgar, ratinha?

— Vou ser uma Kang e te mandar para o inferno... — fui honesta, e aquelas palavras finalmente se tornariam uma realidade. — A morte é tão pouco para alguém como você.

— Agora, Lina! — ele gritou de repente, assim que dei mais um passo à frente.

O silêncio foi a sua resposta.

— Quer gritar novamente? — sugeri, e notei sua expressão confusa. — Quem jura lealdade por dinheiro, jura lealdade a quem tem mais.

— O que você fez, Dove?

— Kang — corrija-o. — O que você fez, Mi-Suk?

Apostaria qualquer coisa que algum dos meus irmãos tinham prendido o tal Lina.

Agora Mi-Suk parecia atormentado.

— Usando uma criança, exatamente como fazia comigo, com traços parecidos com os meus... Em um país diferente, sem qualquer apoio, e no qual os Kang têm autoridade... — suspirei fundo, negando

com a cabeça. — E ainda teve a coragem de machucar quem não devia.
— Fiz um barulho de tsc com a boca. — Deveria ter aceitado a morte na sua família do que agora ter que me encarar.

— Li-Na!

Ele gritou não uma, nem duas, nem três vezes.

— Eu vou...

— O que, Mi-Suk? — dei mais um passo, e minha mão foi diretamente para a dele, que tinha ainda a coragem de colocar o objeto contra a pele de um inocente. — Feche os olhos, menino — falei em português, por mais que soubesse que Flávio, se ainda estivesse consciente, ouvia tudo.

Apertei o canivete com força, sentindo meus dedos sangrarem, e o trouxe para frente do corpo de Mi-Suk, que parecia ver realmente seu próprio diabo.

— Sozinho e com medo? — indaguei e ele tentou puxar o canivete e me acertar, assim como me acertar com a mão livre. Desviei facilmente dos dois golpes, e em poucos segundos, o canivete estava contra a garganta dele. — Sabe quantas vezes, meninas como eu, ficaram sozinhas e com medo? Medo de você?

— Ratinha...

— Eu vou me divertir, fazendo-o implorar pela morte. — Sorri abertamente, e vi a forma como seu olhar quase caiu. — Vai implorar para morrer, e vai continuar lá, se sentindo sozinho e com medo, sendo usado para que outros, tão ruins quanto você, paguem sua pena... — ali eu vi a incredulidade em seu olhar. — Surpresa.

Ele tentou gritar, mas apertei o canivete ainda mais contra seu pescoço, e torci seu braço, a ponto que poderia quebrá-lo, e ele gritou.

— Vai se surpreender e muito, sobre como alguém paga com os Kang — falei e desci o canivete rapidamente, acertando-o em um ponto que não o mataria, mas com certeza, o faria gritar de dor. E ele fez. — Sei que está aí! — gritei, e esperei que algum de meus irmãos aparecessem.

Mi-Suk caiu no chão, com a mão contra o canivete e o braço deslocado. Sorri, ao ouvir o barulho da porta sendo aberta e Chae adentrando a mesma. Não só ele, mas Jeon também.

— Maldito! — Chae gritou, mas fiz um sinal para apenas vir até mim. E ele veio, segurando as pernas de Flávio e eu peguei um banco que estava próximo e subi no mesmo para já retirar as algemas.

— Ei, eu sou Jeon. — Ouvi meu irmão falar, e sabia que estava com a garotinha, que quando o olhar parou no meu, vi-me num reflexo.

— Vou te ajudar a sair daqui e vai se cuidar de forma correta.

Porém, não ouvia por completo. Nem os gritos de Mi-Suk, nem as palavras de Jeon, nem mesmo a raiva de Chae. Eu buscava as palavras do homem que eu finalmente consegui desamarrar e o deitei com cuidado sobre meu colo.

— Levem-na... — ordenei a Jeon, que já a pegava com cuidado no colo. — E cale a boca dele, Chae — falei, em direção a Mi-Suk, que ainda gritava, mas tentava rastejar em direção a qualquer lugar.

— Menino... — sussurrei, tocando o rosto de Flávio e segurei sua mão com a minha. — Eu te disse que não podia ficar — sussurrei ainda mais baixo e foi quando senti seus dedos apertarem os meus.

— Ela tem um nome de flor — ele falou de repente e notei a forma como tentava abrir os olhos e respirava com dificuldade. — E não sei onde está meu chapéu...

Foi quando meu olhar varreu o local e não o encontrei, mas sabia que o faria. Ele tinha que estar ali, já que foi com o localizei.

— Vou achá-lo, prometo — falei, e toquei seu rosto com carinho, sentindo a parte de mim, que quase ninguém conseguia acessar, mas que com ele era tão simples aparecer. — Vou devolvê-lo inteiro.

— Não precisa devolver, você sabe.

Levei minha testa a dele e deixei uma lágrima descer com todo desespero tomando conta de meu corpo.

Eu sabia do quanto mentia para mim mesma, há anos.

Eu sabia do quanto ele significava para mim, desde o começo.

E mesmo tentando evitar.

E mesmo tentando fugir.

Ali estávamos nós, do jeito que eu tanto temia.

Com ele coberto pelo próprio sangue, por eu ser quem era.

— Eu sei de Kalel.

Aquela frase que saiu da boca de Mi-Suk foi o que me fez sair dos pensamentos, e ele agora era quase enforcado por Chae e fez-me paralisar.

— Seu irmão... — Flávio sussurrou e segurou minha mão com força.

— Apague-o — ordenei para Chae, que o fez, dando-lhe um sossega-leão. Meu olhar foi para Jeon, que parecia estático como eu. — Levem-no até a nossa casa. E podem deixar os médicos entrarem — falei por fim e soltei a respiração com força.

— Ele falou ao telefone... — Flávio tentou falar, mas eu levei meus dedos até sua boca.

— Os médicos vão entrar e te ajudar, vai para minha casa e se recuperar, depois... Depois que eu puder ver os seus olhos novamente, vamos conversar sobre qualquer coisa.

— Promete, moça bonita? — indagou, e eu assenti, apertando sua mão como resposta.

Ele tinha minha promessa.

E também, o meu coração.

E ele estava pagando por aquilo.



CAPÍTULO 29

“Só é cruel assim agora

Perdida no labirinto da minha mente

Termina, se liberta, cai a ficha, desmorona

Você quebraria suas costas para me fazer abrir um sorriso”^[36]

DOVE

— Ele está sob o efeito de anestésicos e se recuperando bem... —
foi tudo o que saiu da minha boca, no segundo em que Vincenzo
adentrou a porta do quarto em que Flávio dormia. — Os irmãos dele já
sabem?

— Não — Vincenzo falou e senti seu corpo parar ao lado do meu, que estava sentada na poltrona, ainda encarando a versão machucada do homem que eu amava. — Sabemos que só você pode fazer isso.

— Eles são uma boa família — falei, e respirei fundo. — Eles não merecem ver o irmão dessa forma.

— Dove...

E então, senti as mãos de meu irmão no meu rosto, forçando-me a virá-lo para si.

— Não é sua culpa. — Desviei o olhar, mas ele ainda me segurava. — Sabemos que coisas ruins acontecem com pessoas boas o tempo todo, e por isso somos quem somos.

— Ser um anti-herói que faz inocentes se machucarem? — neguei com a cabeça. — Eu tentei evitar que ele se machucasse por todo esse tempo, e agora... Agora ele está inconsciente.

— E continua não sendo sua culpa. — A convicção na voz de Vincenzo Kang poderia convencer qualquer pessoa, contudo, eu me sentia imersa com aquele peso.

— Eu quero que Mi-Suk pague por todos os pecados dele... — Sussurrei e senti a postura de Vincenzo mudar de imediato. — E se preciso, eu vou fazê-lo pagar.

— Há uma lista imensa de pessoas que vão o fazer. — Suas mãos tocaram meus ombros e então o encarei. — Mas se quiser, vai estar lá para ver o tormento dele, sabe disso.

— Ele falou de Kalel. — Soltei, e meu irmão ficou tenso de imediato. — Alguém sabe de alguma coisa, Oppa.

— Vou descobrir o que ele sabe.

Assenti, e ele apertou levemente o lóbulo da minha orelha esquerda, do jeito todo dele de dizer que nos amava. Vincenzo Kang era o chefe daquela família, escolhido por Cha Kang, respeitado e amado por cada um de nós.

— Onde a garotinha está? — indaguei, a preocupação tomando conta. Um sentimento por uma completa estranha que eu não compreendia, mas talvez a semelhança com ela, me fizesse tê-lo.

— No quarto ao lado — respondeu, levantando-se. — Hinata tentou conversar com ela, mas ela não falou.

Assenti e aproveitei para segui-lo até o lado de fora do quarto. Meu olhar parando por alguns segundos, para ter certeza de que Flávio estava ali, se recuperando, e completamente protegido.

Suspirei fundo, seguindo para o quarto que meu irmão indicou, e bati levemente na porta antes de entrar.

No segundo em que coloquei a cabeça para dentro, notei a garotinha em posição quase fetal, deitada na cama, e os olhos vermelhos claramente se forçando para não dormir.

— Senhora Kang...

Ela me chamou e eu fechei a porta atrás de mim, dando passos com calma até ela.

— Sou Dove Kang — falei, parando ao lado de sua cama.

Vi-a tentar se sentar de imediato, mas era clara a dor em seu corpo. Num ato impensado, coloquei meus braços ao seu redor e a ajudei. Senti seu corpo relaxar no meu, e a reação dela para comigo, me tornou ainda mais perplexa.

— Eu sei quem a senhora é — falou e encarou-me com um olhar mesmo cansado, mas brilhante. — Eu sempre esperei pela senhora.

— O que quer dizer com isso, pequena?

— As histórias sobre a garota que conseguiu fugir dos Ten, e os destruiu... — olhei-a, sabendo que muitos falavam sobre aquilo, mas ainda assim, sem compreender como aquilo a ligava a mim. — Mi-Suk Ten me escolheu a dedo.

Meu corpo todo paralisou diante de sua fala.

Eu não tinha família. Pais mortos por dívidas logo após meu nascimento. O restante da família já perdido pelos mesmos motivos, e praticamente dizimados. Eu tinha procurado qualquer laço sanguíneo que pudesse existir com qualquer pessoa e pudesse ser um motivo para machucar alguém.

E nunca encontrei.

Nenhum dos Kang encontrou.

— Ele disse que me encontrou no mesmo lugar que o pai dele te encontrou e que... Deveria ser o destino. — Engoli em seco, só de imaginar o que Mi-Suk deveria ter feito para tentar repetir a história. — Eu o ouvi dizer uma vez que sou a única parente real sua, e que você me abandonou naquele lugar para que ele me encontrasse...

— Quantos anos você tinha quando escutou isso?

— Seis. — Engoli em seco, imaginando o que poderia ter se passado pela mente dela. — Mas existiam muitas histórias diferentes sobre Dove Kang, e eu me apeguei à única que me faria sobreviver.

— Que seria?

— Que você apareceria um dia para me salvar.

Suas palavras me doeram. Como se eu olhasse para aquela garotinha, com o rosto e corpo todos roxos, partes enfaixadas e curativos

espalhados, e me visse nela.

— Sinto muito por ter demorado tanto — admiti, e soltei-a com cuidado, quando finalmente conseguiu se manter sentada contra os travesseiros.

— Você veio... — uma lágrima desceu pelo rosto dela e notei o quanto ela parecia se segurar. — Obrigada por vir.

Não sabia onde estava minha cabeça.

Não sabia em que momento acabei por considerar não pensar sobre nada antes de agir.

Porém, me sentei na cama e meus braços estavam ao seu redor, segurando-a com cuidado, ao mesmo tempo que seu choro molhou todo meu peito.

Ela estava exausta de lutar, e eu conseguia sentir.

Eu sabia, de algum jeito, que precisa protegê-la. Sempre.

— E... seu... amigo... — as palavras saíram em soluços. — Ele me protegeu... — ela respirou fundo e me encarou, as lágrimas ainda descendo com força. — Ele... Ele...

— Está no quarto ao lado. — Limpei algumas lágrimas que desciam por seu rosto, com todo cuidado. — Vivo — complementei, e vi-a respirar fundo.

Um sorriso de verdade finalmente surgiu no seu belo rosto. E existia uma semelhança na forma como os olhos de Flávio iluminavam minhas noites mais escuras, com a forma como o sorriso dela fez, naquele momento tão delicado e difícil

Eu não consegui fazer outra coisa que não fosse sorrir de volta para ela.

E eu senti, ali, naquele instante, que não podia deixá-la. De forma alguma. Em momento algum.

— Qual o seu nome? — indaguei e ela pareceu ficar nervosa. — O que foi?

— Não é um nome tão bonito quanto Dove — sussurrou e eu neguei com a cabeça.

— Eu aposto que é mais bonito ainda... — arqueei uma sobrancelha, como se a incentivando.

— Saron — falou e meu coração se encheu de uma forma, que eu sequer tinha ideia de que poderia acontecer. — Igual uma flor, o senhor... senhor que estava comigo disse.

— É a minha flor favorita. — Os olhos dela brilharam e o choro estava cessando aos poucos. — É o nome mais lindo que já ouvi.

E de repente, eu tive um pensamento, de que ficaria ainda mais perfeito como Saron Kang.



CAPÍTULO 30

“Não me deixe te amar, não me deixe te amar

Por favor, fuja antes que eu acabe quebrando você

Não me deixe te amar, não me deixe te amar

Fuja antes que a dor te encha

Não me deixe te amar”^[37]

DOVE

Eu já tinha falado algumas vezes, no decorrer dos anos, com os outros Esteves. Eles eram homens bons, dedicados e muito educados. Existia um brilho único no olhar de cada um e a semelhança era gritante

entre eles. Contudo, nunca me imaginei, ligando para eles e dizendo que um carro os buscaria para encontrar Flávio naquele estado.

Porém, era o mínimo que eu poderia fazer, enquanto não era seguro tirar Flávio dali, e levá-lo para casa.

— Esteves.

Reconheci de imediato a voz do outro lado da linha.

— É Dove Kang — falei de uma vez e tentei tratar aquela ligação de uma forma menos dolorida. Machucá-lo era como machucar a cada um deles. Sabia daquilo, porque via a mesma dinâmica na minha família. E eu me importava com eles, pois eram importantes para Flávio. Era assim, não era? — Preciso que venham com meu irmão, até o endereço que Flávio está.

— O que aconteceu com ele? — o tom do mais velho deles, se transformou por completo.

— Ele foi sequestrado e machucado... — engoli em seco e continuei, enquanto encarava Flávio ainda dormindo na cama. Em poucas horas, ele deveria acordar e era o mínimo que poderia ter — ver sua família ali. — Ele está bem e sendo acompanhado, mas acredito que gostariam de vê-lo.

— Obrigado por me avisar, Dove. — Fiquei em choque com sua fala. Eu esperava qualquer coisa, não aquilo. — Um dos Kang já está aqui?

— Sim, Jeon está aí na frente do prédio de Oscar. — Suspirei fundo. — Talita já está a caminho com Verônica.

— Nos vemos logo, então... Ele... Ele está bem, certo?

— Sim, mas...

— Sabemos que o protege, Dove. — Paralisei diante de sua fala. — Até já!

Apenas encarei a ligação ser desfeita, e olhei para o homem deitado à minha frente. Levei uma das mãos ao seu rosto, ainda inchado, e só queria que seus olhos se abrissem, e encontrassem os meus.

— Dove...

Sua voz soou baixa, um pouco perdida e confusa, como se estivesse sonhando.

— Meu menino... — falei, delineando com cuidado sua bochecha. — Vamos falar sobre qualquer coisa, lembra? — indaguei e respirei fundo. — Apenas se recupere e fique bom logo.

O silêncio foi minha resposta e encarando todo os aparatos que o circundavam, sabia que ele ainda estava a alguns passos de se recuperar.

Muitos deles, pela maneira como seu corpo estava inchado e machucado.

— Saron gostou de você. — Vi-me dizendo, meu coração se enchendo. — Ela tem o mesmo brilho que você... — suspirei fundo. — Não sei como explicar, mas eu sei que ela... Ela é especial.

Batidas na porta e ela sendo aberta em seguida, me fizeram levantar de imediato e ficar de pé. Como se para protegê-lo. Porém, no segundo seguinte, notei Talita entrar como um furacão, seu olhar me encarou de cima a baixo e senti sua mão na minha, que estava enfaixada.

— Te machucaram? — indagou, e suas mãos vieram para meu rosto, como se me analisando. — Muito?

— Não. — Segurei suas mãos com cuidado e as abaixei. — Machucaram ele...

Saí da frente de Flávio e vi o momento em que seu olhar mudou de pura preocupação, para pura dor.

— Fafa... — sua voz mal saiu e ela estava com as mãos no ar, à frente dele, como se sem saber se poderia tocá-lo ou não. — Como... Como... Meu Deus! — ela fechou os olhos e vi algumas lágrimas descerem.

No mesmo momento, Verônica adentrou o quarto e a abraçou por trás, segurando-a, porque ela poderia cair.

— Quem fez isso? — indagou, e eu neguei de imediato com a cabeça. — Ele é meu melhor amigo, Unnie. — Olhou-me, como se implorasse. — Eu preciso fazê-lo pagar, como uma Kang.

— Eu vou fazer. — Passei uma das mãos por seu rosto, limpando algumas lágrimas. — Pode ficar com ele por um tempo, eu preciso... — dei um leve olhar para Verônica, que assentiu. — Eu preciso fazer algo.

Ambas assentiram e vi a forma como Talita parecia transtornada. Suspirei fundo, saindo pela porta, e ouvi meu nome ser chamado, quase que tão baixo que seria impossível ouvir, mas era ele novamente, sussurrando meu nome.

Talita e Verônica me encararam, enquanto eu apenas olhei-o sobre o ombro e a dor deveria estar clara em minha expressão. Segui para fora e caminhei escadas abaixo da mansão. Fui até o escritório e procurei por Vincenzo.

Encontrei-o olhando alguns papéis sobre a mesa, e os relendo.

— Algo novo? — indaguei, e ele assentiu. — Oppa...

— Precisa de uma pausa, Dove — falou de uma vez e o encarei embasbacada. — Precisa cuidar de você.

— Preciso dar um fim em Mi-Suk.

— Você vai, assim que terminar o que seja aqui...

— Até a família de Flávio chegar e eu estiver segura o suficiente de que posso sair — assumi e ele respirou fundo, assentindo. — Não posso dar uma pausa, Oppa.

— É uma ordem, como o chefe dessa família.

Sua voz soou baixa, fria e certa, mas sua expressão não era assim.

— E um pedido, como seu irmão mais velho — complementou e se levantou da cadeira, cruzando os braços. — Está lutando pela nossa família desde os doze anos... Sabe quantas vezes te vi ser apenas a minha irmã? Ou se abrir e ser feliz?

— Oppa...

— Só quando viveu seu romance secreto com Flávio Esteves, e sabemos que não há segredos entre nós... — desviei o olhar e notei sua expressão mudar. — A morte de Kalel mudou a todos nós. — Meu olhar voltou ao seu. — Não quero que nossa família toda seja mudada novamente.

— Eu não vou deixar essa família. — Fui honesta.

— E não consegue deixá-lo... — olhou-me profundamente. — E eu deveria ter notado isso e ter interferido, tentar ser possível... Era o meu dever como o chefe e como seu irmão... — negou com a cabeça em

seguida. — Estou atrasado, mas estou fazendo isso agora... Tome seu tempo, Dove.

— Como uma Kang? — indaguei e ele suavizou sua expressão, como que perto de um sorriso.

— Sempre como uma Kang.

Fui até seus braços e mesmo que ele não fosse o maior fã de contato, eu os senti ao meu redor. Vincenzo Kang era o irmão que eu escolhi para a vida, e me escolheu também. Todos nós nos escolhemos, em algum momento.

Afastei-me e notei que ele me inspecionava com o olhar.

— O que mais, Oppa?

— Eu vi como olha para Saron. — E ali estava a perspicácia de um irmão mais velho. — Eu sei o que está sentindo, Dove.

— Não sei o que fazer com isso — admiti. — Mas também não posso deixá-la.

— E ela não quer te deixar — ele complementou, e suspirei fundo. — Ela não falava com ninguém quando chegou, e agora, quando passei pelo quarto, ela saiu do corredor e me perguntou sobre você... Sabemos o que essa conexão significa.

— Parece diferente dessa vez — falei, levantando as mãos, ainda confusa. — Não é como eu te vejo, ou vejo nossos irmãos e irmãs...

— Então você já sabe o que significa, Dove.

— E se for demais? — indaguei, sentindo-me quase que quebrada. — Eu não pude proteger Flávio. Eu não pude proteger ela. E sabemos que o dois sofreram por minha causa, por mais que não queira me culpar.

— Pode fazer melhor, e estar perto... — ele então tocou o lóbulo esquerdo da minha orelha e me deu um sorriso de lado. — Você não pode protegê-los de todos os males do mundo, mas pode ajudar a se curar. E estar presente, é o maior presente que uma família pode ter.

E era um ponto fraco. O puro gatilho.

— Eu sei que pensa em Kalel, e em como ele trocou tudo e todos pela vingança... — olhei-o com pesar. — Mas sabemos o quanto ele está perdendo por isso.

— Mi-Suk realmente sabe algo?

— Um pouco de quase nada — respondeu, retomando sua pose séria. — Mas se chegou até ele, pode chegar até Hari.

— Não podemos protegê-lo dele mesmo para sempre...

— Uma hora, nossas escolhas batem à porta. — Ele me encarou com pesar. — Precisamos fazê-las, pensando no melhor.

Era o que eu tentaria fazer ao sair daquele escritório. De alguma forma, carregando toda a cascata de informações e ordens que Vincenzo me entregou. E esperava, que quando escolhesse, fosse uma escolha que eu soubesse lidar com a consequência.



CAPÍTULO 31

“Nosso amadurecimento chegou e se foi

De repente, neste verão, está claro

Eu nunca tive a coragem de minhas convicções

Enquanto o perigo estiver próximo

E ele está logo na esquina, querido

Porque ele vive em mim

Não, eu nunca poderia te dar paz”^[38]

FLÁVIO

— *Menino!*

Pisquei algumas vezes, e depois passei as mãos sobre os olhos. Meu corpo estava inerte, por mais que eu quisesse me mexer. Eu tentava encontrar Dove, ou quem sabe, seguir a sua voz, mas não conseguia. Era como se eu estivesse girando em círculos, preso no mesmo lugar.

Eu tinha morrido?

— Papai!

Um destrave.

Senti meu corpo ser jogado para a frente, e caí com as mãos espalmadas no chão. Levantei o olhar e encontrei o semblante de uma garotinha que eu conhecia. Por pouco tempo, mas o fiz. Dois dias, talvez?

— Saron? — indaguei e ela sorriu abertamente, de um jeito que me deixou perplexo, porque era um sorriso tão brilhante quanto o de Dove. — É você?

— Sou eu, papai.

Ela então se agachou e suas mãos foram para as minhas, que só então notei que saíram do chão.

— Pa... Papai? — eu gaguejei, mas meu coração se encheu.

— Tenho o sorriso da mamãe, não?

E então uma lágrima desceu por meu rosto, um turbilhão de sensações me acertando.

— Nós... Nós... — respirei fundo. Como eu perguntaria para ela, se estávamos mortos?

— E eu tenho o seu olhar, papai. — Outra lágrima desceu, enquanto ela sorria abertamente. — E acho que deveria mostrar ele...

— Mas...

Suas pequenas mãos então se afastaram das minhas, e eu tentei alcançá-la, mas me encontrei paralisado novamente.

— Os titios estão te esperando...

— Mas, Saron, eu...

Ela deu um último sorriso, enquanto se virava de costas e eu tentava a todo custo me soltar de algo que sequer conseguia enxergar.

— Saron? — gritei, enquanto a via caminhar para mais longe. — Saron!

O desespero tomando conta de meu ser.

— Menino...

Ali estava a voz de Dove novamente. Levei as mãos aos olhos, elas finalmente se moveram e os cocei, como se fosse possível sair daquela cortina de fumaça. Eu poderia encontrá-las. Não poderia?

— Dove...

— Eu estou aqui.

Senti então um toque no meu ombro e tomei uma respiração profunda. Quando a pouca claridade me acertou em cheio e senti meu corpo pesar em cada pedaço. Pisquei algumas vezes, sentindo uma mão segurar meu braço e então procurei a pessoa.

E era ela.

Porque antes mesmo de a ver, eu a sentia.

Ela tinha um uma expressão impecável, mas eu via a tristeza no fundo de seus olhos. Como se ela estivesse segurando tudo de si.

— Dove, a gente... Saron, ela? — as palavras começaram a sair, mas sentia que se embaralhavam em minha língua e em meio ao meu desespero.

— Precisa respirar fundo, e então vamos chamar Saron, ok? — Dove falou, segurando com cuidado meu queixo, o que me fez calar. — É bom ter os seus olhos nos meus, novamente.

— Eu não morri? — indaguei e ela negou com a cabeça, enquanto um sorriso sem pretensão aparecia em seu rosto. — A gente não morreu? — ela parecia completamente incrédula.

— O que eu faço com você, Flávio Esteves? — perguntou e tentei sorrir, mas todo meu rosto doía, cada pequena fibra.

— Me faça ir ao atendimento e não ao estacionamento da próxima vez... — brinquei, sem poder evitar e vi o seu semblante, mesmo que leve que ela sentia a culpa em tudo aquilo.

Existia uma parte de Dove Kang que sempre parecia perseguida pela culpa. A culpa de machucar alguém com quem se importasse.

— Dove...

— Sim, menino? — indagou, seu olhar se voltando para o meu.

— Não foi sua culpa. — Vi-a piscar algumas vezes e sabia que não responderia. — Você apenas tentou me proteger, desde a primeira vez que nos vimos.

— E olhe só como você está...

— Vivo. — Sorri como pude e esperei que não estivesse tão ruim quanto sentia. Um alarme disparou em minha mente e respirei fundo. — E Saron?

— Eu estava indo buscá-la, quando gritou pelo nome dela... — preendi uma respiração. — Ela me contou que você a protegeu. — Eu estava sem reação.

— Eu sonhei com vocês duas — admiti, tentando me ajeitar com cuidado na cama, mesmo que parecesse não surtir efeito algum. — Não sei explicar, eu só... Existe alguma chance de ela ser nossa filha? — perguntei na lata e senti o corpo de Dove tensionar.

— Se estiver me perguntando biologicamente, a resposta é não. Mas se for como um Kang, a resposta é um grande “sim”.

Ela tinha sentido o mesmo que eu?

Ela tinha sonhado algo parecido?

— Não sei explicar, eu só... Sinto que é.

Como eu conseguiria explicar o que era completamente inexplicável?

— Ela tem o seu sorriso, moça bonita.

— Ela tem o seu olhar, menino.

Fiquei ainda mais atônito diante das nossas falas, ditas no mesmo momento, em uma situação que tinha tudo para ser estranha, desconexa ou confusa. Contudo, parecia certo.

Apenas o certo.

Batidas na porta fizeram Dove quebrar o nosso olhar, mas sua mão permaneceu no meu braço. Logo, o olhar e sorriso dos quais falávamos, adentraram aquela porta.

— Desculpe, senhora Kang e senhor Esteves. — Ela se adiantou e ficou parada ao lado da porta entreaberta. — Eu só... Só queria saber se estão bem.

Antes de qualquer coisa, o olhar de Dove se voltou para o meu, e eu vi a emoção que a tomou, bem lá no fundo. O brilho que apenas ela tinha. O brilho que agora eu sabia que ela encontrava em mim.

O brilho que acabamos por encontrar em uma extensão de nós.

E quando encarei a garotinha na porta, eu tinha uma resposta para as dezenas de milhares de perguntas que rondavam minha mente. Sobre ela, não existia outra mais. A não ser: *Saron Esteves Kang* ou *Saron Kang Esteves*?



CAPÍTULO 32

“Todas essas pessoas pensam que o amor é para se mostrar

Mas eu morreria por você em segredo

O diabo está nos detalhes, mas você tem uma amiga em mim

Seria isso suficiente se eu nunca pudesse te dar paz?”^[39]

DOVE

— Eu estou. — Adiantei-me e notei o olhar da pequena brilhar.

— Pode se aproximar, querida.

Ela o fez, e veio para perto.

— Eu estou pronto para outra — Flávio falou, no tom carinhoso e sabia que ele estaria piscando um olho se pudesse fazê-lo. — E você,

pequena?

— Eu... — ela limpou a garganta e notei que ela não parecia nervosa perto de Flávio, não como ficava próxima a qualquer um dos meus irmãos do sexo masculino. — Eu estou bem, graças ao senhor e a senhora Kang.

Ela veio para mais perto, como se quisesse me tocar ou a ele.

— Eu...

Batidas soaram na porta e levei uma das mãos ao ponto, que tremeu. E notei a forma com que Saron pareceu em alerta. Levei a mão ao seu ombro, como se para acalmá-la.

— A família de Flávio está aqui. — A voz de Chae soou do outro lado, enquanto a porta se abria e Talita colocou a cabeça para dentro.

— Fafa...

Troquei um breve olhar com Talita, que assentiu e deu um leve sorriso para Saron.

— Ele acordou — falei e Talita se aproximou dele, como se pronta para dar um soco na sua cara.

— Não!

O grito de Saron fez todos nós pararmos. Ela estava à frente de Flávio, como se pronta para receber o soco de brincadeira de Talita e meu

olhar ficou perdido com a cena.

— Querida... — chamei-a, e parei ao seu lado. — Essa é Talita Kang, melhor amiga do Flávio e ela está apenas fingindo que vai bater nele — esclareci, e vi-a baixar os braços, que havia aberto, como se tentando protegê-lo de todas as formas. — Ele está seguro aqui — comentei, e fiz com que ela me encarasse. — E você também.

— Me desculpe, senhora Kang, eu... — ela disse, olhando para Talita, que parecia levemente culpada. — Eu...

— Não tem porque se desculpar. — Minha irmã se adiantou, chegando próxima. — Fico feliz que goste tanto desse... — vi-a mudar a palavra de imediato, temendo que Saron não entendesse. — Do Fafa.

— Vamos deixá-los sozinhos, sim? — perguntei a Saron, que parecia levemente envergonhada, mas ainda preocupada.

— Saron? — Flávio a chamou e ela se virou para ele, antes de sairmos. — Nos vemos daqui a pouco, sim?

— Sim, senhor Esteves.

Ela então saiu comigo pela porta, minha mão ainda em seu ombro, como se para despreocupá-la e protegê-la.

— A família de Flávio chegou — falei, e passei uma das mãos levemente por seus cabelos. — Eu tenho uma conversa importante com

eles, e Hinata vai ficar com você no jardim, por enquanto.

— Certo, senhora Kang.

— Dove — corrija-a, e então vi Hinata caminhando pelo corredor em nossa direção. Com certeza, Chae já a tinha avisado. — Fique tranquila com ela, ok?

Ela assentiu e Hinata apenas piscou um olho em minha direção, enquanto seguia com Saron até o quarto que ela ficava.

Fui em direção às escadas e desci degrau por degrau, sentindo todo o sentimento que me consumia mudar e quase sair para fora – a culpa. Como eu conseguiria olha para os irmãos dele e...

— Dove...

Levantei o olhar, a postura perfeita e o caminhar alinhado. Do jeito que eu sempre deveria aparecer para quem fosse de fora.

— Obrigado. — A voz de Juan Esteves e os seus braços ao meu redor, fizeram-me ficar paralisada no lugar. — Obrigado por salvá-lo.

Levei minhas mãos até suas costas, enquanto via seus outros dois irmãos, olhando-nos. E a forma como Vincenzo acompanhava tudo, apenas encostado numa das pilastras, em completo silêncio.

Eu não estava com pessoas de fora.

Eram pessoas que fizeram Flávio ser quem ele era.

E então, abracei-o de volta. *Surpresa* era uma palavra muito pequena para explicar o que sentia. Eu esperava o julgamento, a culpa, a raiva, a mágoa... Mas não, ali estava Juan Esteves, se afastando de um abraço que ele me deu, após me agradecer e, então, Oscar veio até mim, segurando minhas mãos.

— Simba está bem, não é? — indagou e eu estava tão embasbacada, que me vi assentindo. Uma lágrima quase descendo por meu rosto, e sentia-me em outra atmosfera. — Obrigado mesmo, Dove.

— Todos nós... — Franco falou, aproximando-se e sabia o quanto a volta dele na vida de Flávio, deveria tê-lo deixado feliz e mais completo. — Todos nós, as crianças, nossas esposas... obrigado.

— Eu...

E ali estava eu sem palavras, diante de cada um deles.

Talvez fosse exatamente assim que Flávio aprendeu a ser um homem tão bom. Ele foi criado por pessoas tão boas como aquelas à minha frente.

— Obrigada por não me culparem — falei, sendo honesta. — E entendo se o fizerem, a qualquer momento.

— É a mulher que Flávio ama, cunhadinha — Oscar falou, ainda com uma das mãos na minha. — E faz parte dessa família, mesmo que

não saiba disso. E família, se protege, não se culpa.

Ele então me abraçou e aceitei que o fizesse, enquanto me segurava para não desabar. Eu via e sentia Vincenzo, Jeon, Chae, Kalel, Verônica, Talita, neles... A forma como estavam ali, prontos apenas para proteger e não julgar.

Assim que me afastei de Oscar, Vincenzo se aproximou e tocou meu ombro, levando-me escada acima, indicando com a cabeça que eles o fizessem também.

Eu fiquei parada no corredor enquanto via os Esteves adentrarem o quarto de Flávio.

— Sérgio Kang acreditava no verdadeiro amor e acabou encontrando em Pedro Reis, alguém que não tinha nada a ver com a máfia... E não foi a máfia que os matou, irmã — ele falou e notei que lhe doía tocar naquele assunto. Sérgio Kang significava muito, de diferentes de formas para os mais velhos de nós. — Yumi Kang te salvou, e você escolheu ser uma Kang. Estar com Flávio não vai te fazer repetir os erros de Kalel. E acho que agora percebeu, que Flávio merece a chance de escolher ser um de nós. Mesmo que todos nós já saibamos, que involuntariamente, ele o é.

— Obrigado, Oppa.

Ele trouxe um de seus dedos até o lóbulo da minha orelha esquerda e o apertou.

— A gente se escolhe, sempre — complementou. — Como um Kang, não é?

— Como uma Kang.



CAPÍTULO 33

“Te daria o silêncio que só acontece quando duas pessoas se entendem

Família que escolhi, agora que vejo seu irmão como meu irmão

É o suficiente?”^[40]

FLÁVIO

— Eu devia te bater tanto — Talita falou, ameaçando me acertar, talvez pela décima vez. — Como pode ter um coração tão bom... — soltou um som frustrado. — Não me deram os detalhes, mas tem algo a ver com a garotinha que te protegeu?

— Saron — falei o nome dela, e notei o olhar de minha amiga mudar. — Ela estava presa comigo — soltei, notando como o rosto de

Talita parecia uma grande bagunça, e ela parecia devastada. — Eu estou vivo, Tata. — WOO TO THE YOUNG TO THE WOO. — Tentei fazer o movimento, mas meu corpo todo doeu.

— DONG TO THE GET TO THE RAMI — complementou, fez o movimento, e ambos soltamos o RÁ! — Eu estava fora do país e quando me ligaram, só me vi indo até o jatinho. Não consegui explicar nada para Gael, e ele deve estar pulando dois metros de altura porque vai chegar no quarto de hotel e encontrá-lo vazio.

— Eu vou ter que dizer para o seu marido que ele foi abandonando por minha culpa? — indaguei, quase rindo, e ela o fez.

— Ele vai entender. — Soltou o ar com força. — Verônica falou com ele, por cima, já que eu estava apenas existindo depois que entrei no jatinho da família.

— Devia tê-lo acordado — falei, e ela respirou fundo, sorrindo de lado. — Mas eu entendo... Faria o mesmo por você.

— Dove é mais esperta que Gael, e com certeza, saberia do que aconteceu, antes de você mesmo saber. — Provocou, e se sentou na poltrona à minha frente. — Como está se sentindo com tudo isso?

— Bagunçado? — indaguei, porque realmente não sabia como definir. — Eu estava tentando me acostumar com uma ideia, ela mudou

por completo, e estou num quarto desconhecido, com pessoas que eu amo ao redor, e sem entender o que vem por aí.

— Poderia ser um casamento com Dove, né? — soltou, e sua mão se encostou levemente na minha. — Eu sempre fui time #FafaDo, mesmo quando ela parecia querer me esganar.

— Eu não sei o que esperar — falei honestamente. — Não tenho ideia.

— Por que eu acho que tem algo mais nessa história, sobre Saron? — sua pergunta me pegou desprevenido. — Eu estou errada?

— Ela é uma garotinha especial — confessei. — Não sei explicar, eu só... Realmente não sei como definir.

— Eu acho que até se recuperar totalmente, vai saber...

A porta então foi aberta, e pisquei algumas vezes, até encontrar três pares de olhos iguais aos meus.

Um silêncio de pura preocupação e tristeza, e me culpei por trazer tudo aquilo para cada um deles.

— Vou deixá-los a sós — Talita falou, dando um leve sorriso para eles, antes de sair pela porta, e a fechar atrás de si.

— Só podia ir até onde o Sol toca, diacho! — Oscar foi o primeiro a falar, quebrando a tensão, e se aproximou ainda mais, assim

como Franco e Juan.

— Como está se sentindo? — Franco perguntou, parando do meu lado esquerdo e analisando meu rosto.

— Meio quebrado — admiti, e suspirei fundo. — Como vocês estão? As cunhadinhas? As minhas sobrinhas?

— Bem e em segurança... — Juan se adiantou. — Jeon e Chae Kang estão em frente da nossa fazenda, com elas.

— Eles estão tentando proteger quem amo. — Soltei o ar com força. — Juan...

— Sim? — ele tirou o chapéu, e parou à minha frente, e sabia que toda a armadura impenetrável do homem que nos criou, e foi mãe e pai, caía. Assim como quando nos machucávamos quando criança. — Desculpe trazer toda essa preocupação, eu só... Só não imaginei.

— Acho que nem Dove imaginou — falou, olhando ao redor do meu corpo, e suas expressões não eram nada boas.

— Com toda certeza ela imaginou, por isso permaneceu longe... — olhei-os com carinho. — Ela é a mulher que eu amo — confessei, e era como finalmente tirar a única verdade que tanto escondi deles, por tantos anos. — E sei que não vou conseguir amar mais ninguém.

— Agora tem que focar em se recuperar, e depois, vão resolver isso tudo. — Franco interveio, claramente preocupado. — Deve existir um jeito, que não seja perigoso para você e bom... Não sei, irmão.

— Nem eu. — Tentei sorrir, mas meu rosto voltou a doer ainda mais.

— Descansa, ok? — Oscar indagou, parando bem próximo, e tocando minha mão livre. — Vamos estar por aqui, pelo tempo que for necessário.

— Podem convencer uma mulher cabeça-dura de que eu só saio dessa cama, se for para ir para a dela? — indaguei, e vi-os rir, como se surpresos pela minha audácia. Até daquela maneira, não existia chance de eu desconsiderar o que sentia. Não mesmo.

— Se está fazendo piadinhas sérias, é que realmente está quase pronto para sair daqui... Claro, depois que todos esses roxos se forem, e machucados cicatrizarem.

— Vou evitar o espelho por um tempo, obrigado. — Revidei, fazendo uma careta, que sequer sabia se aparecia, já que tudo em mim parecia meio engessado.

— Quer nos falar sobre o que aconteceu? — Franco indagou, e sua feição era dura, mas não de raiva, como se segurasse sua tristeza.

— Acho que tem um lado bom... — falei, sendo sincero. — Salvaram uma garotinha que sabe Deus o que fariam com ela... Ela se chama Saron.

— Um nome de flor.

O comentário de Oscar não passava despercebido a nenhum de nós, já que eu mesmo tinha criado aquela piada, quando descobrimos sobre a filha dele.

“Juan tem a Lua, você agora tem um Sol, Franco tem um Jasmin, o que quer dizer que eu terei uma filha com nome de flor?”

E de tudo que poderia estar me preocupando ou passando por minha mente, aquela era a pergunta que nunca me deixou de fato encucado, mas que no agora, o fazia.

Eu deveria pensar e pesar tantas coisas diferentes, não deveria?

Mas ali estava eu, cercado pelos homens que me fizeram o homem que eu era, e que claramente estavam a ponto de querer ignorar meus machucados e me abraçar, pensando em como seria, ser um pai como o que eles foram para mim.



CAPÍTULO 34

“E eu não me visto para os vilões

Ou para a inocência

Estou envolvida com coisas de justiceira outra vez”^[41]

DOVE

Existia uma lei antiga do clã Kang.

Os seus crimes serão pagos pelos mesmos criminosos.

Adentrei o galpão velho e vi o exato momento em que Mi-Suk se encontrava amarrado, pelos braços, quase sem conseguir tocar o chão. Da mesma forma que ele fazia com várias meninas. Da mesma forma que ele tentou fazer comigo.

Ele era um torturador por natureza. Sua família o criou para ser um, e foi o que o fez ficar vivo no passado. Ele ainda era jovem, apenas dezoito anos, e poderia escolher optar por outra vida. Os Kang lhe deram a chance de seguir um novo caminho. Contudo, logo ele mostrou a real face. Os próprios Ten o temiam.

Não era mais sobre salvação, mas sim, sobre justiça.

— Quem está com ele? — perguntei, parando ao lado de um de nossos aliados, que estava de guarda e fez uma leve reverência.

— O senhor Kang pediu para que esperassem você, mas um torturador sempre está a postos.

Eu sabia quem era. Não era como se não fosse óbvio, qual torturador ousaria passar por cima de ordens de Vincenzo Kang. Como se ele ainda tivesse algum direito, de tentar me vingar. Aquela história tinha morrido com a essência que enterrei, há quatro anos.

— Dispensado — falei, e ele assentiu, sem perguntar qualquer coisa e caminhou para o outro lado da grande porta de ferro.

Nós tínhamos lugares como aqueles, espalhados pelo mundo. Não era como se o mau tivesse um local específico de nascimento. Contudo, quando se tratava de nossos próprios traumas, como Mi-Suk era o meu, e

que me fez ser quem era, eu pensava sobre como seria, finalmente, fazê-lo pagar.

Não só por mim.

Por todas as meninas torturadas.

Por todas as meninas abusadas.

Por todas as meninas vendidas.

— Como é se sentir apenas uma peça sem valor, num jogo que já perdeu? — perguntei, e cruzei os braços, parando a alguns passos. — Sei que está acordado, não vou jogar água na sua cara.

Sua risada baixa soou pelo local, construído para não ser possível que ninguém por trás da porta que entrei ouvisse o que acontecia ali, mas que permitisse que a pessoa ouvisse o eco da sua própria dor. A dor que um dia foi de outros.

— Eu tenho até um torturador particular — cuspiu, como se tentando me acertar, e então vi a sombra atrás de si se mexer.

— Não. — A ordem saiu de imediato de minha boca. — Já tenho pessoas para esse trabalho.

A sombra voltou para o mesmo local, e eu me vi seguindo até o rosto de Mi-Suk, encarando aquele que atormentou tantas e tantas noites minhas. O medo de que em algum momento, eu tivesse qualquer parte

dele me tocando, ou me sujando. Eu não podia dizer que não sentia nada, olhando-o dali. Talvez fosse por eu ser uma Kang. Talvez fosse apenas por ser humana. Porém, eu queria que ele pagasse.

— Sabe como uma dívida alta como a sua é paga, Mi-Suk?

— Vai ser o meu diabo Kang, ratinha?

— Eu até gostaria de fazê-lo sangrar por dias... Mas há muitas pessoas que esperam por isso, por tempos. — Bati uma das mãos levemente em seu rosto, e vi-o tentar me alcançar, mesmo que fosse impossível se balançar. — Há garotas salvas pelos Kang, que se tornaram aliadas, mesmo estando em outras máfias... Há uma fila para te marcar, abusar e torturar. Mas não para ser morto.

Notei seus olhos se arregalarem um pouco, como se surpreso.

— Achou mesmo que seria simples? — ri de lado, olhando-o com escárnio, ainda segurando seu rosto com força. — Devia ter aproveitado, quando teve sua chance. Agora, vai implorar para morrer, e pode ter certeza, de que não vai. Até cada mulher que fez sofrer, te fará pagar... E bom, eu começo.

Fui até a mesa que pedi para que fosse preparada, e encarei a garrafa de uísque. Do lado, apenas a opção de uma faca que se usava para cortar pão.

Eu me lembrava de como era.

Eu me lembrava bem do que via.

— Sabe, lembro-me da vez que me acertou com uma faca como essa, porque eu não consegui atrair um dos caras que vocês queriam... — ri sozinha, pegando-a em mãos, e me virei para ele. — Acho que o pior erro foi que não esperava, não... que a ratinha dos Tem, na verdade, se tornaria uma Kang. Dava para imaginar? — dei passos até ele, bati a faca na mão, e sorri ainda mais. — Acho que nunca me viu sorrir tanto assim.

— O que vai fazer? — seu tom, de repente, era realmente preocupado.

— Dispensado — ordenei, e esperei que a sombra desaparecesse, o que demorou um pouco. — É uma ordem!

— Eu sabia que ele não... — e então, a faca já estava contra a pele do peito exposto de Mi-Suk, marcando-o de imediato. — Porra!

Cravei a faca ali, pressionei ainda mais e ele gritou. Seus gritos ecoando de volta para ele, sendo engolidos pelo meu sorriso.

— Bom, temos algo mais... — fui até a garrafa de uísque e abri.

— Dove...

— Lembrou-se do meu nome? — perguntei fingindo surpresa, e me virei, sorrindo para ele. — O nome que eu criei, porque eram as

únicas sílabas que eu sabia... Dove é um nome único, no fim, não?

— Dove, eu...

— Já está pronto para implorar pela morte? — ri com ainda mais escárnio. — Não, não vai implorar agora. Nenhuma delas pôde, e eu sei... As que sobreviveram contaram. E as quais, nesse momento, estamos em busca, com certeza, foram caladas, não?

Aproximei-me com a garrafa lacrada, e comecei a abri-la.

Eu tinha nojo daquele cheiro.

Eu o odiava.

— *É apenas uma bebida boa, querida... — o pai de Mi-Suk falava, enquanto ele sorria, levando a bebida à boca de uma garotinha que deveria ter dez anos, e eu estava presa contra correntes, assistindo à cena. Eu era o prêmio intocável, e mesmo que não sofresse todas as consequências de estar presa a eles, eu via, em cada uma delas, o sofrimento. — Agora vamos para a parte boa... — Mi-Suk falou, e então fez o primeiro corte na pele, fazendo a garotinha vomitar sobre si, e o uísque que bebeu cair sobre o braço com o recente corte, o que a fez gritar.*

O que me fez gritar.

Eu tinha a mesma idade que ela.

Segurei a garrafa perto da sua boca, mas me neguei no segundo seguinte.

— Eu sei que gosta disso. — Então fechei a garrafa novamente, e a segurei com cuidado com as duas mãos. — Não é bom? — indaguei, e então acertei a garrafa com força contra a faca ainda cravada em seu peito.

Ele gemeu, gritou de dor, e acertei-o outra vez. Outra, e mais outra. Até o suficiente para fazê-lo sangrar, e ter uma abertura que o faria gritar mais alto ainda, pela dor da bebida contra a pele.

Então, quando ele parecia pronto para desmaiar, eu parei.

Não retirei a faca, mas abri a garrafa, virando-a exatamente no local em que ela estava cravada.

E ele ficou totalmente desperto no mesmo instante.

— Há até pessoas que seguem vidas normais hoje em dia, que vão querer te ver sofrer... — sorri abertamente. — Tem tantos diabos para fazê-lo gritar, que devia ter mais vidas para sofrer.

— Do...

Sua voz mal saía e eu sorri abertamente.

— Boa viagem de volta para seu novo lar, onde vai ser torturado, abusado, e dilacerado para te fazer pagar... Quem sabe, a gente não venda

os seus restos para sua família?

Joguei a garrafa no chão, deixando-a vazar.

Dei passos para sair dali, e imaginei que a deixei para trás, era realmente agradável. Um dos lemas mais antigos do Kang: para que haja quem pague, tem que haver aqueles que o fazem pagar.

E era exatamente aquilo que fazíamos.

Nós levávamos vingança.



CAPÍTULO 35

“Será este o fim de todos os fins?

Meus ossos quebrados estão sarando

Com todas essas noites que estamos passando juntos

Em cima do telhado, apaixonada como uma menina na escola

Bebendo cerveja em copos de plástico

Diga que você gosta de mim, não de coisas materiais

Amor, de repente, isto é suficiente”^[42]

FLÁVIO

— E qual a sua história? — perguntei de repente e notei o olhar de Saron mudar. — Quer dizer, você tem claros traços coreanos, mas fala

português. Nasceu aqui no Brasil? — tentei não parecer tão estranho, indagando tudo aquilo, mas parecia impossível.

Saron tinha batido novamente a porta do quarto, o que me fez expulsar meus três irmãos, para que ela entrasse, com a Kang que eu ainda não conhecia, e de fato, não sabia se era uma Kang – Hinata.

— Me tiraram da Coreia muito cedo, e aprendi tudo o que sei, no Brasil — respondeu, encarando a folha em branco, que parecia escrever algo.

— Faz sentido — comentei, pensando sobre. — Tem alguma lembrança de antes de estar com essas pessoas?

— Bem pouco. — Deu de ombros. — Eu só tinha seis anos, e não entendia muito.

Fiquei perplexo diante de sua fala.

Apenas seis anos.

Seis anos e presa a pessoas que a usavam.

— O que mais gosta de fazer? — notando seu olhar perdido, percebi que eu não estava sendo justo. — Quer dizer, que sonha em fazer?

— Ir a um show de idols — confessou baixinho, e olhei-a interessado.

— Eu já fui em alguns. — Seus olhos brilharam com minha fala. — BigBang, Exo, BTS, Blackpink, Twice... — seus olhos foram ficando ainda maiores, a cada grupo que eu comentava. — Minha melhor amiga é uma Kang, e ela me fez apaixonar por completo sobre a cultura coreana, e como a gente pode não gostar de música boa, né?

— Eu... Eu via algumas propagandas, quando íamos para a Coreia do Sul e ficava tentando entender o que tocava no rádio dos carros, mesmo sem saber muito bem a letra. Na verdade, não entendo nada.

— Podemos ir num show, de qualquer grupo que queira — sugeri, e ela pareceu incrédula. — Só precisamos saber quem está fazendo show agora, mesmo que tenhamos que ir até a Coreia do Sul.

— Eu... — notei seus olhos se encherem de lágrimas. — Obrigado, senhor Esteves.

— Flávio — corrigi-a, e sorri para ela. — Não precisa chorar, ou sentir medo, eu... Eu vou conversar com Dove, e vamos conseguir um lugar seguro para você... — e perto da gente, era o que queria dizer.

Batidas na porta soaram e levantei o olhar.

Dove tinha saído por quase um dia inteiro, o que me deixou completamente ansioso e confuso. Passar um tempo com Saron, minha melhor amiga e meus irmãos, tinha ajudado a dispersar a sensação.

Ela tinha um olhar mais leve, e algo me dizia que ela tinha visto o homem que fez aquilo. Eu estaria certo sobre isso?

— Como os dois estão? — Dove perguntou, fechando a porta atrás de si.

— Falando sobre idols e shows que Saron gostaria de ir — falei, e ela então encarou a garotinha, que de um quase choro, ficou vermelha no mesmo instante.

— Eu já fui a vários. — O meu olhar era tão surpreso quanto o de Saron. — Eu tenho bom gosto para música — explicou, piscando um olho para a garotinha, que agora parecia a admirar ainda mais.

— Saron...

A voz de Hinata soou do outro lado da porta, e ela já se levantou.

— Eu acho que é hora de eu comer algo — falou, e um sorriso enorme cobria seu rosto. — Até mais tarde, senhor Esteves e senhora Kang. — Ela então deu um leve tchau com as mãos, saindo pela porta.

— Pedi a Hinata para chamá-la — Dove falou, assim que ficamos a sós.

— Fiquei preocupado — assumi, olhando-a de cima a baixo, e notando se apenas permanecia com o machucado em sua mão, ainda enfaixado. — Estava fora, não?

— Fazendo o meu trabalho, só que algo mais pessoal dessa vez.
— A sua honestidade sempre me surpreendia. — Além disso, recebi um relatório de Chae, sobre Saron.

— Ela tem parentes vivos, família? — indaguei, engolindo em seco, e sem saber por que me preocupava tanto.

No fundo, eu sabia. Mas ainda era difícil explicar. Ao menos, para com Dove, eu não precisava esconder nada. Sempre era assim com ela.

— A família toda está morta. — Engoli em seco. — Quando a encontraram, ela tinha a mesma idade que eu. Quando Mi-Suk notou a semelhança, ele armou a morte de todos, menos dela, apenas para garantir que pudesse criar uma história. Uma história de que ela era minha parente de sangue.

Olhei-a embasbacado.

— Há coisas ruins, que aconteceram com inocentes, apenas por eu ser quem sou... Saron é uma dessas vítimas. — Desviou o olhar, como se pensando sobre. — É o peso de quem sou, Flávio. É por isso que está nessa cama, e quase perdeu a vida. Tudo porque eu sobrevivi e me tornei uma Kang.

— Dove...

— Por isso eu tentei te proteger, ficando longe. Mas isso quase me custou você. — Aproximou-se, seu olhar encontrando o meu. — Não posso mais deixar que qualquer coisa, nem mesmo eu, te custe. — Sua mão tocou a minha, e senti o peso de cada palavra. — Eu te disse que poderia perguntar qualquer coisa, quando nos vimos naquele lugar, e estava quase morto... — suspirou fundo e seus olhos voltaram para os meus. — Mas antes que pergunte, eu tenho algumas coisas a perguntar. Estaria disposto a uma vida em que toda sua família teria que ser protegida, mesmo que sem saber, por que estará comigo? Estaria disposto a saber que terá que ter algum treinamento, para que possa se proteger, e quem sabe, a uma parte de nós? Estaria disposto a saber que eu vou continuar sendo quem sou, uma Kang, e continuar fazendo o que faço? — as perguntas vieram uma a uma, como se ela finalmente pudesse colocar para fora. — É o direito da escolha, que eu não te dei anos atrás. Mas te dou agora. E eu sempre vou te dar. A qualquer momento, você pode me deixar. Se for demais, se for pesado demais, se apenas não quiser... Mas sempre será protegido pelos Kang, e por mim. Sempre. E farei de tudo para que nunca mais nada assim aconteça.

Apertei seus dedos com os meus, e ela parou, seus olhos finalmente voltando aos meus.

— Estaria disposto a fazer a escolha de ser meu?

— Eu sempre fui — respondi, olhando para sua expressão. A feição da mulher que eu amava. — Eu sempre vou ser — admiti. — Como a gente dançou, naquele dia, em que achamos que seria um adeus... Sempre existiu um fio dourado que te conectou a mim, não acha?

— Flávio...

— Você sempre foi a minha escolha. — Notei seus olhos se encherem de água. — É a dona do meu chapéu, Noona.

Ela sorriu adoravelmente, e se aproximou, dando um leve beijo em minha testa.

— Eu também te escolho, menino.

E aquele era o jeito de Dove Kang, de finalmente admitir, que me amava. E que agora, ela ficaria... para sempre.



CAPÍTULO 36

“Tempo, tempo místico

Me ferindo, e depois me curando completamente

Haviam pistas que eu não vi?”^[43]

DOVE

Dias depois...

Saí do quarto de Flávio, assim que ele caiu no sono. Ainda estava tomando alguns remédios mais fortes, devido às dores, que tentava ao máximo não o deixar sentir. Uma das mãos ainda com o soro, para

ajudar, e agora seus irmãos se dividiam para lhe entregar as refeições, ou iam até mesmo os três.

— Ele não sabe, sabe? — Vincenzo perguntou, enquanto eu pegava a pasta com os papéis que guardei por tanto tempo.

— Não tem ideia — respondi, e sorri para ele. — Aliás, ele estava lá.

A expressão de meu irmão permaneceu neutra. Assim como eu, ele esperava por aquilo.

— Hari pode descobrir a qualquer momento — Vincenzo falou, e pareceu pensar. — E não vou mais interferir.

— Ela merece a verdade.

Assentimos um para o outro.

— E sobre Saron? — indagou, um brilho diferente em seus olhos. — É como penso que é?

— De todos os papéis e coisas que investigamos, sabemos que ela está a sós no mundo, e vai ter o tempo que for necessário para escolher...

Um gritinho feminino e uma risada, me fez parar de falar, e caminhei de imediato para fora do escritório de meu irmão. No segundo em que saí pela porta, dei de cara com Saron correndo para trás do sofá, e

Flávio apoiado em suas muletas, agora finalmente já conseguindo se movimentar, e andando com cuidado até ela.

Olhei a cena, como se fosse a vista perfeita de uma mansão. Vi-me pegando o celular, tirando uma foto, e encaminhando no mesmo segundo para Yumi Kang – a mulher que me escolheu, e me fez escolhê-los de volta.

— Fofocando? — Vincenzo perguntou em coreano, parando ao meu lado, e vi o exato segundo em que Jeon apareceu na sala, com passos calculados, logo atrás de Saron.

Do outro lado, próxima à cozinha estava Hinata, claramente jogando o jogo que eu ainda não tinha compreendido.

— Salvo! — a voz de Chae ecoou por todo local, e então entendi que eles jogavam esconde-esconde.

Ver meus irmãos que há tanto tempo não se reuniam assim, mas que agora o faziam, por pura curiosidade da garotinha que se encontrava em minha vida, e junto ao homem que eu escolhi, permitia-me sentir o coração quentinho.

— *Um coração quentinho é tudo o que precisamos para seguir em frente.* — A voz de Yumi, anos atrás, ecoou em minha mente. Quando

eu estava, pela primeira vez, sorrindo à frente dos outros que futuramente, se tornariam minha família.

Eu o sentia agora.

Mesmo que parte dele ainda estivesse fora e talvez nunca mais se recuperasse.

— Por que eu não fui convidado? — Vincenzo Oppa indagou, passando à minha frente, e olhei de cima abaixo, assim como meus irmãos. O olhar dele me entregou de imediato para Saron, onde Hinata estava.

— Oppa! — Hinata reclamou, quando Saron correu e acertou na parte da pilastra que minutos antes, Chae tocou.

— Hinata Unnie pega! — ela gritou animada.

Virei meu olhar para encarar Flávio, que vinha a passos lentos até mim.

— Eu sou café com leite — confessou, bufando em seguida. — Meus irmãos adorariam isso aqui — comentou, e eu o olhei com atenção. — Pena que seja tão longe deles...

— Bom, pode haver um meio termo, entre Kang e Esteves — falei, levantando o envelope em minhas mãos, e ele me encarou curioso. — Te conto depois.

— Mas...

— Não é como se Flávio fosse te defender, por favor. — A voz de Talita invadiu o ambiente, e ela parecia analisar cada um de nós. — Bom dia, família Kang? Kang-Esteves?

— Kang-Fontes, por favor. — Gael, seu marido e que tinha aquele sobrenome, adentrou atrás dela, claramente revoltado pelo fato de que Talita o tinha abandonado na Europa e sobrou para outros o trazerem. — Está vendo como ela é ruim, não é Noona? — indagou em minha direção, e eu apenas revirei os olhos.

Ele não era um garoto problema, como conhecíamos. Porém, ele era o que quebrou o coração dela, anos atrás, e a fez ir até aquele bar e conhecer Flávio. De certa forma, eu o odiava e o adorava. E agora eles eram um dos casamentos mais lindos que eu já vi.

— Minha irmã está no carro — ele falou, suspirando fundo. — Um carro parado há cinco quilômetros daqui — reclamou, aproximando-se para me cumprimentar. — Se eu não soffro por Talita, soffro por Paola.

Vi o exato segundo em que o olhar de Vincenzo mudou de Saron para o Fontes presente na sala. Ele logo voltou ao normal, mas algo ali me intrigou. Porém, deixei de lado, quando Saron se aproximou animada, parando ao meu lado.

— Talita falou muito sobre a fi... — ele limpou a garganta, e se agachou, olhando-a. — A garotinha dos Esteves-Kang.

— Eu sou Saron, senhor Fontes.

— Pode me chamar de Oppa. — Piscou um olho e esticou a mão para ele. — É um prazer.

Ela olhou primeiro para mim e em seguida para Flávio, como se perguntando: eu posso confiar nele? O que era algo novo para mim, e tinha certeza, que era para ele também.

Ambos assentimos e ela aceitou a mão dele.

— É um prazer, Oppa.

— Por que eu não fui chamado assim? — foi a vez de Chae reclamar, e eu apenas encarei a cena, que se não fosse dramática demais, seria cômica.

— Eu sou o Oppa favorito. — Jeon piscou um olho, enquanto Hinata lhe dava um soco de lado, e ele se afastava.

Vincenzo apenas encarou o mais novo, de cima a baixo, como se não precisasse se expressar para ter certeza. E por um segundo, vi-me tendo a certeza de que se Kalel ainda existisse, ele teria aquele posto. Com certeza, Saron o adoraria, assim como eu, um dia, o fiz.

— Sem mais agulhas e quase sem gesso — falei, sentando-me ao lado de Flávio na cama. — Em breve, sem precisar estar aqui — complementei, e notei seu olhar mudar.

— Acha que será logo?

— Bom, a médica disse que apenas mais algumas semanas, e vai poder ir para casa...

— Acho que meus irmãos irão gostar de brincar com Saron também, e claro, todas as crianças... — suspirou fundo. — Ela tem Jasmine, Eric, Clara e Lua para conhecer.

— Vamos ter essa conversa agora? — perguntei, e notei a tensão que se apoderou de seu corpo. — Sobre ir para casa?

— Aqui não é sua casa, certo?

— Não. — Neguei com a cabeça. — Aqui é a Mansão Kang localizada no Brasil, mas a original fica na ilha de Jeju.

— A ilha que me deve uma visita até hoje... — provocou, e era tão gratificante poder vê-lo sorrir novamente. — Quando arrumo as malas? — indagou, e vi-me com a surpresa que ele trazia, novamente, me acertando em cheio.

Aquele homem não cansava de ser aquele que tirava toda minha sanidade, mas ainda assim, me fazia ter certeza de que tudo tinha uma razão. Certeira, paciente e inabalável.

Batidas na porta e a cabeça de Oscar Esteves, fez-me levantar da cama de imediato, e Flávio soltou um sonoro “Diacho”.

— Falamos depois, menino.

— Atrapalhei, cunhadinha? — indagou, de um jeito todo brasileiro, e que poderia ser estranho, se eu já não soubesse que aquele era o jeito Esteves de ser.

— Boa sorte com seu irmão — comentei, após ele piscar um olho na minha direção.

— Para de piscar para ela, Scar! — Flávio parecia furioso, e vi-me caminhando até Juan e Franco, que estavam com suas feições sérias de sempre.

— Boa sorte com os dois — falei, e notei um quase sorriso no rosto deles, que logo adentraram o quarto.

E eu me vi sorrindo para o nada, com o envelope ainda em mãos. Ele ia entender tudo aquilo? Eu faria algum sentido?

Bom, eu esperava que sim.

E ele, deveria estar ansioso para saber do que se tratava.



CAPÍTULO 37

“Dizem que o fim está próximo

Todos estão tramando algo

Eu me peguei correndo para casa, para as suas palavras doces”^[44]

FLÁVIO

— Péssimo momento, irmãos. — Reclamei, e os encarei com desprazer, por mais que estivesse com saudades.

Eles estavam longe há apenas dois dias, mas que culpa eu tinha que Dove e os Kang ainda preferiam que eu ficasse ali. Tanto para minha proteção, quanto eu imaginava, pelo que Dove andava tramando.

Tinha algo no ar.

E parecia que apenas ela e Vincenzo sabiam.

— Sabem que a fofoca pela metade mata o fofoqueiro, né?

— O fuxiqueiro que você é, né? — Oscar indagou, jogando-se na grande cama que eu estava sentado.

— Folgado. — Virei meu olhar para meus irmãos, ajeitando meu chapéu na cabeça. — Deviam ter chegado horas antes e participado de um esconde-esconde que nem sei como Saron convenceu a todos de participarem.

— Os Kang brincando de esconde-esconde? — Franco indagou, como se incrédulo.

— O que uma garotinha que tomou o coração de todos nós, não faz, né? — sorri abertamente. — Mas Vincenzo ganhou todas depois que começou a participar.

— Não consigo imaginar Vincenzo brincando disso. — Oscar se manifestou, como se embasbacado.

— Não imaginam Juan sorrindo, então assim... Não é como se pudéssemos julgar — brinquei, e meu irmão mais velho deu um leve tapa em meu chapéu que quase caiu.

— Cuidado que ele tem dona! — reclamei, e vi que um sorriso provocador surgiu no rosto de Oscar. — Fala!

— Então estão juntos... — pareceu sondar.

— Não parece óbvio? — perguntei, como se eles fossem malucos por ainda duvidarem. — Não parece? — insisti, ao ver as expressões neutras em seus rostos.

— Acho que demorou muito...

— Ah, por favor — cortei Oscar no mesmo instante. — Um fingiu que odiava à primeira vista a mulher, e no fim, cantou Taylor Swift para ela, o outro chorou bêbado e respondeu 1313 perguntas da esposa que o deixou, e o outro encontrou a filha por acaso no dia de Natal quando foi comprar um embrulho...

— Isso é um exposed ou um cancelamento? — Oscar indagou, batendo em meu braço já melhor, e semicerrei os olhos.

— Se Dove te ver me batendo, ela vai te fazer chorar — ameacei. — Ah, e Saron é boa em me defender também... — semicerrei os olhos, e notei o sorriso se espalhar pelo rosto dos três. — Qual a piada?

— Fala delas, como a gente fala das nossas famílias... — a observação de Franco era certa.

— Não é como se falassem muito, quer dizer, Scar até fala, mas... — agora eu tinha um tapa no braço, só que dado por Franco. — Diacho, homem!

— Posso ter um minuto? — Juan indagou de repente, e notei o olhar que trocaram, antes de Franco e Oscar se afastarem.

Olhei para a cena um pouco perdido, mas não perguntei nada, até que estivéssemos a sós. Existia um respeito por Juan, que estaria além de qualquer coisa dita. Todos nós o fazíamos, mesmo com todas as diferenças que um dia tivemos.

— Quando só nos restava nosso pai, e ele nos abandonou, deixando apenas o chapéu para trás, tudo o que eu conseguia pensar era: o que me resta? Não foi sobre o que você teria ou como seria. Mas sim: o que eu teria? Mas no segundo seguinte, eu ouvi a voz de Franco, e foi quando usei a chuva a meu favor, indo com ele para dentro e fingindo que estava tudo bem, embora não estivesse. Mesmo que eu não tivesse ideia. — fiquei olhando-o, como se pudesse imaginar a cena. — Eu soube, quando estávamos deitados, todos em um colchão, que eu faria de tudo o que fosse possível para que vocês nunca se perguntassem: e o que me resta?

— Irmão...

— Eu fiz coisas das quais não me orgulho, mas eu tenho todo o orgulho do mundo de cada um de vocês. — Aproximou-se, retirando o chapéu de sua cabeça. — Eu vejo no seu olhar para Saron, o olhar que eu ganhei naquela noite para com vocês... Pode ser que eu não fale muito e

nem seja bom com as palavras, mas eu te entendo. Eu sempre estarei aqui, no silêncio, para te entender.

Uma lágrima desceu por meu rosto no mesmo instante.

— Se eu for um por cento do pai que você foi para mim... Então ela terá escolhido o melhor pai do mundo.

E me surpreendendo por completo, diferente de todo o *modus operandi* de Juan Esteves, seus braços me envolveram. E ele tinha o aconchego de um lar. O lar que ele criou. O lar que ele era. E o lar, que um dia, eu gostaria de ser para alguém.

E Saron, mesmo sem saber, era aquela pessoa.

Lá no fundo, e talvez no exterior, para quem me enxergasse por completo, eu sabia que ela era.

DOVE

Eu estava no jardim, do lado de fora da mansão.

Saron estava no balanço, há alguns passos de mim, sorrindo enquanto sentia os raios solares sobre si.

Um sorriso emoldurava meu rosto, enquanto encarava toda a cena. Ela era uma parte minha, que eu sequer imaginei que existia. Como tudo parecia se desintegrar, para de repente, tornar-se o sentido real?

— Ela é ainda mais bonita pessoalmente.

A voz me fez virar de imediato, e olhei surpresa para Yumi.

A mulher que junto ao seu irmão, me salvou.

Aquela que estava lá, para me trazer para si, quando consegui fugir dos Ten. Ela era minha inspiração de vida. A mulher que me fez ser quem era. E que me fazia ter orgulho.

— Omma. — falei, e ela veio para perto, com seus cabelos já grisalhos, e um leve sorriso no rosto.

— Sabe que eu fico sem jeito, sempre que me chama assim. — seu abraço foi forte, e eu me sentia em casa. Sempre, nos braços dela, era exatamente assim. — Acho que vai ficar igual a mim, quando ela o fizer.

Meu corpo travou um pouco, enquanto me afastava.

— Ela ainda não sabe do que quero fazer. — Confessei. — Nem mesmo Flávio.

— Ele é um bom homem, e ela me parece uma boa garota. — Saron se mantinha concentrada em balançar, agora com os olhos fechados. — O que mais precisa para saber que é o certo, minha flor?

Meus olhos se encheram de água.

O fato de a rosa-de-sarom ser minha flor favorita, era justamente, porque foi a flor que Yumi colocou em meus cabelos, quando fiz treze anos, e disse que eu poderia ser toda fechada, mas ainda assim, era suave quanto aquela flor. E ela me chamava de sua flor desde então.

— Ela tem o nome da minha flor favorita, mesmo que ninguém saiba disso. A não ser você e bom, anos atrás, Flávio descobriu ao notar o formato de meus grampos de cabelo. — falei, e ela segurou minhas mãos, um sorriso em seu rosto.

— O verdadeiro amor está nos detalhes. — tocou meu rosto com carinho, e olhei-a com o mesmo. — Eu precisava ver pessoalmente, quem é a garotinha, que a minha garotinha escolheu amar.

Sorri para ela, e passei um braço ao redor do seu ombro, caminhando com ela até Saron, que pareceu finalmente notar que tinha mais alguém ali.

— Saron, querida. — chamei em português, e ela nos encarou. — Essa é Yumi Kang.

— A matriarca dos Kang... — ela falou, e eu assenti. — Hinata Unnie me contou um pouco sobre toda a família Kang.

— Fico feliz que eu tenha um papel que parece tão bonito. — ela falou, aproximou-se dela, e se afastando de meu corpo. — Dove me falou e mostrou fotos de você, mas tenho que dizer, é ainda mais fofa e bonita, e parecida com ela, pessoalmente.

— Eu... — os olhinhos brilharam. — Fico feliz em parecer com Dove, senhora Kang. — falou animada, e Yumi se sentou na cadeira ao lado do balanço, para conversar com ela.

— Se Hinata é sua Unnie, por que eu não posso ser? — provocou, e ela riu de lado, assentindo.

E eu sabia que, em todos aqueles dias, mesmo aprendendo um pouco de toda a cultura sul coreana, que ela sabia apenas a superfície, ela não me chamou de Unnie – nenhuma vez.

Era diferente, mas parecia que Saron sabia.

Ela não me tratava como o fazia com Hinata, e agora, talvez o fizesse com Yumi. Ela sentia o mesmo que eu? Ela sentia o mesmo que Flávio?

Seu olhar parou no meu, enquanto eu apenas via as duas das mulheres mais importantes da minha vida, e acabei sorrindo.

Eu queria apenas eternizara aquele momento.



CAPÍTULO 37

“Uma corda que me puxou

De todos os braços errados, direto para aquele bar barato

Algo envolveu todos os meus erros do passado em arame farpado

Correntes ao redor dos meus demônios

Lã para enfrentar as estações

Um único fio de ouro

Me amarrou a você”^[45]

DOVE

Existiam Esteves e Kang espalhados pela grande casa. Porém, apenas o silêncio era meu companheiro, enquanto subia degrau por

degrau, até o quarto que Flávio tinha como seu. Já haviam passado semanas, e ele estava melhor, mas não queria que ele saísse dali, sem a certeza de que um lugar o esperava.

Sua casa.

Nossa casa.

Abri a porta de seu quarto com cuidado, e vi-o apenas deitado, encarando o teto, como se entediado.

— São quase duas da manhã — falei, vendo seu olhar claro encontrar o meu. — Sem sono?

— Esperando você — assumiu, sentando-se na cama, e eu o analisei por completo.

O rosto já todo desinchado, quase sem curativos, e apenas um gesso em uma das pernas. Ele estava quase cem por cento.

— A curiosidade matou o gato, não é isso que dizem? — perguntei, indo até a cama, e antes que eu pudesse me sentar, senti uma de suas mãos, puxando-me para perto.

Suas pernas abertas, com os pés contra o chão, e eu no meio delas.

— Devo me lembrar do gesso?

— Eu acho que vou morrer se passar mais um dia recebendo apenas um beijo na testa — admitiu, e eu tive que rir de seu drama. — Estou ficando maluco longe de você, moça bonita.

— Eu nunca estive tão perto quanto agora. — Toquei seu queixo e vi-o resmungar. — Mas sabemos muito bem que não é como se apenas fôssemos nos beijar e parar aí...

— Está me acusando de querer avançar algum sinal? — rebateu, fingindo-se de bobo. — Vai precisar de muito mais para ter acesso a essa corpinho aqui, senhora Kang.

— É mesmo? — perguntei, arqueando uma sobrancelha, e aproximando nossos rostos. Notei sua respiração mudar, assim como seu olhar. — Mesmo? — nossos lábios bem perto um do outro, e sua língua veio para molhar os seus, quase encostando nos meus.

Minha mão segurando seu queixo, e ele estava pronto apenas para me puxar para si, e fazer permanecer ali.

— Mas...

Afastei-me e me sentei na poltrona colocada à sua frente, que foi onde dormi nas primeiras noites, e que ele sequer sabia que o observava dormir, quase todo dia. Era gratificante saber que ele estava ali, vivo e respirando, e que aquele que fez aquilo, estava pagando.

Por aquilo.

E por todo o mau que já causou.

— Diacho, mulher! — reclamou, e fechou os olhos como se tentando pensar em qualquer outra coisa que não fôssemos nós. — A sua sorte é que tenho esse gesso...

— A minha sorte é que é completamente curioso e com certeza está esperando que eu conte sobre o que houve mais cedo.

Seus olhos se abriram de imediato.

— Então? Sobre o que era? — indagou, sua feição mudando por completo. — Era algo sobre eu voltar para casa?

Assenti e vi-o suspirar fundo.

— Como vou pedir para Saron e você se mudarem para a Fazenda Esteves?

— Eu não quero que saia de casa, já que é o seu lar, e eu... Bom, seria como você pedir para que eu abandonasse os Kang. — Ele me encarou, como se digerindo aquilo, e em seguida, assentiu. — Mas existe um meio termo...

— Existe? — indagou, enquanto me olhava, em clara expectativa.

— Uma fazenda foi a leilão, e ficava há alguns quilômetros da Fazenda Esteves — comecei, tentando não parecer uma completa

obcecada. — Não sei o que me deu, mas quando Kalel me contou sobre, eu... Eu a arrematei.

Primeiro, a sua expressão foi de choque.

Segundo, de completa descrença.

Terceiro, eu já não sabia mais identificar.

— Comprou uma fazenda, antes mesmo de a gente ter estado junto pela primeira vez? — perguntou, como se calculasse em sua mente, a época em que a fazenda foi leiloada, e o fato de meu irmão ainda estar vivo.

E eu, de repente, não sabia o que responder, mesmo que a resposta fosse óbvia.

— Eu usei a desculpa de que poderia ser útil, um dia... — dei de ombros, e suspirei fundo, voltando meu olhar para o seu. — Mas sei que foi por você, mesmo que...

Seus dedos vieram até meus lábios, tocando-os com carinho, fazendo-me calar.

Ele era o único que o fazia.

— Nossa casa? — indagou, e eu me vi soltando o ar com força. — Eu, você, Saron, e muitos...

— Gatos — complementei, e ele riu de lado. — E construí uma pista de pouso no terreno, de maneira que vou poder fazer o que seja, a qualquer momento.

— Eu...

Fiquei paralisada, esperando qualquer resposta que fosse. Ele poderia me julgar por ter planejado algo, mesmo que a realidade era que considerava que o “nós” nunca aconteceria. Porém, minha mente, coração, corpo e alma, apenas se sentiram um pouco mais em paz, quando se tornaram donas de uma parte de terra ao lado da dele.

Um jeito de estar perto dele, mesmo ainda permanecendo longe.

E agora, poderia ser o nosso lar.

Ele encostou nossas testas, e segurou meu rosto com carinho.

— Eu devia saber que era uma romântica. — Provocou, seus lábios vindo levemente até os meus, fazendo-me bater com o envelope contra meu peito. — Ok, talvez um por cento, mas ainda assim... — afastou-se novamente, olhando-me. — Como vou fazer para surpreender você, quando sempre parece ter tudo preparado para nós? — perguntou, como se indignado consigo.

— Sempre me surpreende, menino. — Seu olhar se tornou curioso. — Com suas ações, respostas, jeitos e trejeitos... Tudo em você

me surpreende. E foi por isso que te escolhi.

— E não pelo meu corpinho que eu sofro no crossfit? — provocou e bati com o envelope novamente contra seu peito, mesmo que rindo, quando seus lábios vieram novamente para os meus. Num beijo delicado e calmo, como se um compromisso sendo selado. — Espera aí! Está me batendo com a escritura da nossa casa?

— Na verdade, documentos colocam a fazenda em seu nome. — Ele parecia surpreso. — O certo é o certo, não?

— Mas eu não paguei por nada...

— Não é sobre dinheiro, e você sabe. — Segurei seu queixo e vi-o sorrir de lado. — Além de que, se algo acontecer comigo, ou qualquer um dos meus irmãos, você e Saron sempre estarão assegurados com um lugar. Mesmo que tenha dinheiro, e eu sei que não é pouco, eu gostaria de...

— Vou fingir que não ouvi você me dizendo que vai nos deixar uma casa porque pode morrer, Dove. — Ele então ficou sério.

— Todos nós podemos.

— Como diria Kim Namjoon, “não hoje”. — Eu ri de sua fala, e perdi toda minha postura pela forma que ele agia.

— É assim que você me surpreende — esclareci, e ele semicerrou os olhos, como se não esperando por aquilo. — Exatamente assim. — Então eu levei meus lábios para os seus, em um leve beijo.

— Mas... A gente tá pensando em tudo, porém ainda sequer falamos com Saron, e se ela... Acha que ela vai nos escolher também? — perguntou como se perdido, e eu me sentia da mesma forma.

— Acho que ela já nos escolheu. — Fui honesta, pensando e repassando tudo o que aconteceu naqueles últimos dias. — Mesmo que ainda tenha muito medo de como ela vai reagir.

— Estamos pulando algumas etapas, mas eu acho que não tenho problema algum em viver todas elas depois, se for ao seu lado.

Ele era um romântico nato.

— A gente mal se acertou depois de anos e anos, e estamos prestes a morar juntos numa fazenda que eu nem sabia que tinha, e adotar uma garotinha... — continuou, e eu dei de ombros, sem saber como realmente agir.

— Nem todas as histórias de amor são como nos doramas que assiste ou novelas brasileiras que adora — falei, e ele sorriu de lado.

— Mas eu ainda posso transformar em algo parecido... — olhei-o sem entender. — *Saranghae*^[46]. — Um fio de cabelo meu escapou, e ele

o colocou atrás da minha orelha.

Como se o presente me gritasse pelo passado, que também era com ele. E vi-me imersa nele.

Em todo ele.

E por mais que eu nunca tivesse dito aquilo para alguém, além da minha própria família, ali, eu o fazia. Porque era ele.

— *Saranghae*, menino.



CAPÍTULO 39

“Lá fora, eles estão se empurrando

Você está na cozinha, cantarolando

Tudo que você pediu de mim foi um doce nada”^[47]

FLÁVIO

— Os outros Kang ou Esteves não vão visitar essa casa hoje também? — Saron perguntou, olhando para nós dois, enquanto andava à nossa frente, e parecia surpresa com as cores do lugar.

Eu tinha vindo no dia anterior com Dove, olhando o que podia da fazenda, e claro, a casa principal. A casa que seria nossa. E quem sabe, seria de Saron também.

— Bom, eles vão visitar depois — falei, o nervoso correndo por todo meu corpo.

Eu já estava sem o gesso e praticamente todo recuperado, e era bom ter toda minha mobilidade de volta, mas de repente, parecia que eu poderia cair a qualquer segundo. Minha pressão estava baixando?

Senti a mão de Dove em meu ombro, como se tentando me acalmar.

— Eu nunca fiz isso, mas vou tentar não enrolar tanto — a mulher que eu amava falou, mostrando o sofá para Saron, que se sentou, e passou as mãozinhas pelo estofado, como se aprovando. — Sabe quem eu sou, e tem uma ideia do que eu faço, não é?

— Sim, senhora Kan... Dove. — Vi o sorriso que elas compartilharam, e acabei tendo um em meu rosto.

— Eu sou administrador da fazenda dos Esteves, moro no interior na vida toda, como já tinha te dito, e não desgrudo do meu chapéu... — tentei colaborar, me sentando ao lado de Dove no sofá, e levei uma das mãos à sua, livre sobre a coxa.

— Ainda tem muito para entender da vida, Saron. Muito mesmo. E deve saber que você tem escolhas, sempre terá — Dove falou, e notei a forma como sua mão tremeu abaixo da minha. Apertei a sua, em total

apoio. — Não sei como aconteceu e não sei te explicar, mas... Eu senti que era minha família, no momento em que te vi, pela primeira vez. Algo dentro de mim mudou.

— E em mim também — falei, e a expressão de Saron era de pura surpresa.

— Sei que Hinata falou com você, sobre os caminhos que pode seguir. Uma vida como uma Kang, ou em alguma família parceira da nossa família, ou seguir uma vida comum.

— O que está me propondo, senhora Kang? — ela perguntou, seu tom confuso, e olhando-nos de um para o outro.

— Que siga uma vida comum, mas ainda assim, esteja em nossas vidas — respondeu, e então me lançou um leve olhar. — Flávio não é parte do meu mundo, mas sabe que ele tem seus prós e contras. Talvez nunca tenhamos paz, nenhum de nós, porque sou uma Kang. Porque estar comigo é perigoso, e vocês sentiram isso.

— Eu... — ela pareceu congelar no lugar.

— Não precisa dar uma resposta agora — esclareci. — Só queríamos a oportunidade de viver com a gente, e talvez... Talvez, em algum momento, escolher ser... ser parte da nossa pequena família.

— Vocês... Vocês querem que eu viva aqui, com vocês? — e então notei os olhos de Saron se encherem de lágrimas, algo dentro de mim se quebrou, e notei que aconteceu o mesmo com Dove, quando ela se levantou e foi direto para onde Saron estava sentada, agachando-se à sua frente, e limpando uma lágrima que descia por seu rosto. — Eu... Eu não sou ninguém, senhora Kang.

— O meu coração diz o contrário, querida — Dove falou, e eu senti toda a emoção me tocar, indo até elas.

— O meu também, pequena — complementei, e ela trouxe a sua mãozinha livre até a minha.

— Mas e se... e se não der certo, e eu atrapalhar a vida de vocês ou...

— Não... — Dove e eu falamos juntos. — Não vamos nunca te abandonar. — Fui honesto e notei seus olhos com mais lágrimas ainda. — Isso é uma promessa, Saron.

— Uma promessa nossa — Dove falou, e apertou ainda mais a outra mão dela. — Mas como Flávio disse, não é uma resposta que precisa dar agora. Você sempre poderá escolher, ficar ou ir. Sempre terá sua escolha.

Ela então não disse nada, mas veio diretamente para os nossos braços. Sorri em seu aperto, e encontrei o olhar de Dove, que parecia segurar sua emoção, mas deixou uma lágrima descer.

Era uma escolha que nós fizemos, em momentos diferentes, em que nenhum sabia que seria possível. Se alguém me perguntasse, meses atrás, que eu estaria no meu lar, e com essas duas pessoas em meus braços, não poderia dizer que duvidaria. Não por ser impossível sentir o que sentia, mas sim, porque a vida parecia não ter sido feita para que Dove Kang e eu, estivéssemos juntos.

Mas ela o fez.

Ela finalmente nos escolheu.

E agora, nós tínhamos escolhas a fazer juntos.

E Saron Esteves Kang era a melhor delas.



EPÍLOGO

“Eu quero ser definida pelas coisas que eu amo

Não as coisas que odeio

Não as coisas da qual tenho medo, tenho medo

Não as coisas que me assombram no meio da noite, eu

Eu só acho que

Você é o que você ama”^[48]

Se existia alguma parte daquela história que fazia sentido, era sobre isso que eles deveriam falar.

Não existia nexó em tudo que aconteceu na história de amor que envolvia Dove Kang e Flávio Esteves. Começando pelo fato de que eles eram completos opostos. Ele, um cowboy de uma cidadezinha do interior

do Brasil, caçula de quatro irmãos e que ajudava a administrar a fazenda da família. Ela, uma mafiosa – como eles mesmos diriam – que nasceu na capital da Coreia do Sul, a Noona da maioria dos irmãos, e que mal sorria.

Um encontro desses pode ser considerado um raio que caiu, mas que nunca o fará novamente no mesmo lugar.

Contudo, no caso deles, o raio caiu novamente. Ou eles deram um jeito para que o fizesse.

Eles estavam aconchegados no sofá, após uma semana que Dove passou fora. Flávio estava uma pilha de nervos durante todos aqueles dias, já que foi a primeira vez que ela o fizera, desde que se acertaram. Ela levou consigo o chapéu dele e ele só sossegou, quando ela voltou e colocou-o em sua cabeça novamente.

Os irmãos mais velhos quase fizeram uma festa de boas-vindas para a cunhada, tamanha era a felicidade deles pelo mais novo finalmente ter se acalmado. Ninguém conseguia fazê-lo sossegar. Quer dizer, ninguém que não fosse Saron.

Ela ainda estava com eles, e era uma certeza, quase que universal, que permaneceria. Mesmo que estivesse em seus pesadelos que em algum momento, Dove iria embora, ou até mesmo, alguém a tiraria.

Mesmo que Flávio sempre acordasse no meio da noite e conferisse se ela dormia bem e acendia sua luz noturna, mesmo que ela não precisasse. Os dois tinham o mesmo medo – perdê-la.

Porém, lá estava ela, para acalmá-lo no momento em que mais precisava, em que Dove estava fora e incomunicável. E também, para ser a primeira a estar nos braços de Dove, quando ela voltou para casa. Outro lar, que ela sequer imaginou ser possível. Mas o era, porque pertencia a eles três.

Durante aqueles dias, Saron pediu ajuda à melhor amiga de Flávio, mas nem ele, e muito menos Dove, sabia sobre. Claro que eles sabiam que Talita a visitava, e até que as aulas voltassem, Saron ficava um tempo com a família Esteves na fazenda, e Talita compartilhava seus conhecimentos sobre Hangul com ela. Ela sabia falar algumas coisas, mas escrever, ainda era uma história diferente.

E algo dentro da garotinha, falava que uma palavra dita, não demonstraria o que ela realmente sentia. Ela queria se esforçar e de algum jeito, mostrar para Dove e Flávio que ela era merecedora por eles a escolherem. Não que eles achassem aquilo, jamais. Porém, ainda existia muito por baixo de tudo o que passou. E ter seu valor provado tanto para si, tanto para quem amava, era algo que se tornava necessário.

Ela sentia que o era.

Naquele momento, com Dove e Flávio no sofá, debaixo das cobertas, finalmente assistindo o dorama que ele tanto queria naquele momento, e foi uma luta para que ela aceitasse, Saron se aproximou.

— Quer assistir, querida? — Dove perguntou, notando Saron parada a alguns passos dele, com um papel em mãos.

Ela conhecia aquela garotinha muito bem, mesmo com o pouco tempo que estavam vivendo juntos. Saron tinha até mesmo pegado algumas manias deles, e ela sabia que a mesma estava nervosa, justamente porque passou as mãos pelos cabelos, e quase retirou o chapéu que nem existia ali, como Flávio geralmente fazia.

Flávio pausou o dorama e virou-se para a filha. Sim, ela era sua filha. E Dove a olhava da mesma maneira. Mesmo que nenhum deles tivesse dito em voz alta. Eles não queriam pressioná-la, nunca. Ainda mais, depois de tudo que ela passou. Eles tentavam demonstrar, da forma como a criavam, o que sentiam. E tudo ia bem, até aquele exato momento.

— Talita Unnie me ensinou a escrever algumas palavras em coreano — Saron confessou, ainda segurando a folha contra seu peito. — E eu tentei fazer um desenho... — agora sim, ela parecia realmente nervosa, o que fez Dove afastar as cobertas, e chamá-la para perto. —

Jasmine tentou me ajudar um pouco, já que ela tem jeito para desenho, mas não sei se... se ficou bom.

— Eu aposto que está lindo!

Flávio falou animado. Por dentro, ele estava explodindo em pedacinhos, como um garotinho. Saber que Saron confiou em Jasmine, sua sobrinha – a filha mais velha de Franco fazia com que ele soubesse que aos poucos, ela era parte de sua vida. Da vida deles. Da sua família.

— Eu até mandei uma foto para Vincenzo Oppa.

Saron confessou, e Dove quase sorriu do quão adorável ela era. Seu irmão deveria ter se derretido por completo com a atitude. E ela tinha a mesma sensação de que Flávio, que de alguma forma, Saron ia fazendo parte deles. Da família deles. E quem sabe, formando a própria.

— E o que você achou? — Dove perguntou, e viu-a morder o lábio inferior com força.

— Eu... Eu queria que fosse um presente bonito — a garotinha confessou. — Assim como tudo o que fazem para mim.

Aquilo os desarmou por completo, e Saron fechou os olhos, no segundo em que esticou a folha em direção a Dove.

Ali, naquela folha, existia o desenho de um homem, uma mulher, e uma criança.

Sobre a criança estava escrito Saron.

Sobre o homem estava escrito PAPAI, em português brasileiro, e em letras de forma. Flávio quase perdeu o folego quando viu aquilo, e ainda mais, começou a entender o que Saron fazia.

Sobre a mulher estava escrito MAMÃE, só que em Hangul. O que fez com que Dove se emocionasse por completo. A caligrafia de sua filha, na sua língua natal.

— Eu... Eu escolho vocês.

A voz de Saron saiu um pouco quebrada, pelo choro que vinha acompanhado da mesma, e os outros dois pares de olhos encontraram os dela, que tinham o brilho dos olhos de Flávio. E ela tinha o sorriso de Dove. Mas na sua emoção, era a mistura dos dois.

Mesmo se segurando, algumas lágrimas desciam.

— Obrigado, filha.

Flávio falou, Saron veio para os seus braços, e foi como se tudo se concretizasse. Não que palavras fossem necessárias, mas ainda assim, aquele sonho, finalmente, acontecia. Saber que ela o considerava seu pai, foi a melhor sensação que ele experimentou.

A sensação que os Esteves sempre lhe entregaram. E que agora, os Kang também o faziam.

A junção perfeita de dois mundos opostos, que poderia ser resumido em uma pessoinha: sua filha, Saron. Que assim como eles, escolheu um dia *não específico*, para os escolher como seus.

BÔNUS

“E AGORA QUE SOU ADULTA

Tenho medo de fantasmas

As lembranças parecem armas

E agora que eu sei

Eu gostaria que você tivesse me deixado imaginando”^[49]

KALEL

— Ela tem uma filha...

Sua voz soou para o lugar vazio. Ele se parecia consigo. Lá no fundo, ele achou que não tinha sobrado nada. Porém, no momento em que a notícia chegou, de que Dove tinha construído sua própria família, foi como se uma parte morta em Kalel, revivesse.

Uma parte que ele achou que nunca mais encontraria.

Não era mais só vazio – existia dor.

Uma dor profunda.

Uma dor que o enraivecia.

Ele estava à espreita, próximo à fazenda que tinha Saron escrito à frente. Talvez ele conseguisse ter alguma visão da irmã, ou até mesmo, de alguns dos irmãos. Ou quem sabe, da própria sobrinha. Ele tinha uma sobrinha agora, e ela não sabia que ele existia.

Ele sequer existia, não era?

Foi então que um carro parou e ele o reconheceu.

Como não reconhecer o gosto estranho para carros de Hari Park?

Porém, a visão que ele teve quando ela desceu dele, não foi o que ele imaginou. Porque a voz dela soou antes.

— Cuidado!

Foi então que ele viu, um garotinho quase se jogando para fora do carro, e ficou estático.

— *Omma*^[50]! — o garotinho reclamou, e algo se remoeu dentro dele.

— O que eu disse sobre pular desse jeito, Kalel?

Ele tinha...

Ele tinha seu nome.

Tudo em Kalel paralisou naquele instante.

A última conversa que teve com Vincenzo vindo em sua mente,
como se confundindo-o, mas esclarecendo tudo.

Ele tinha um filho?

CONTINUA EM... **GRÁVIDA DO MAFIOSO QUE NÃO ME
AMA**



E chegamos ao fim de mais um livro e com ele, mais uma família: Os Esteves. Tenho que confessar, que escrevo essa nota, segurando o choro. Sempre me vi escrevendo sobre famílias e criando o próprio universo em cidades pequenas do interior de Minas, indo para a capital e até mesmo, fora daqui. E aqui estou eu hoje, compartilhando isso com você. Obrigada por acreditar nos Esteves, seja esse o seu primeiro contato com eles, seja esse o seu último.

É sempre difícil dizer adeus.

E acho que eu nunca vou conseguir. Não consegui fazer com os Torres, nem com os Reis, e agora, duvido que com os Esteves. Como se tornou uma tradição, nós teremos: FELIZ NATAL, ESTEVES nesse 2023. E quem sabe, de alguma forma, algo mais. Sempre penso em mais.

São personagens que pedem por mais, mesmo que eu já tenha tudo pronto. Mesmo que eu tenha que brigar com eles, que não é assim que funciona, eles fazem funcionar do seu jeito. Obrigada então, por dar chance a personagens reais e que tem por objetivo, levar um coração quentinho em meio a ficção para sua realidade.

Que Juan, Oscar, Franco e Flávio tenham conseguido chegar até seu coração, ao seu lar, e o feito mais feliz. E que agora, a partir de Dove, tenhamos um novo encontro, com os Kang. Uma família um pouco diferente do que estamos acostumados no Alineverso, mas ainda assim, que tem o principal: amor.

E amor foi o que me fez escrever.

E o amor é o que me faz continuar.

Mesmo no momento mais difícil que passei nos últimos dias, estar com Flávio, Dove e Saron, do meu lado, transformou tudo em um momento mais fácil de passar. E eu sou grata a eles. A cada personagem que me permite sonhar. Que me permite ser escritora.

E a você, que escolheu ler esse livro, e me permitiu fazer parte da sua vida.

Espero que possamos nos encontrar ao decorrer dos próximos livros. E que venham teorias e mais teorias... E os Kang, em? E Kalel não

tinha morrido? E como funciona de fato a família Kang?

Ai ai, vamo que vamo!

Todos os Kang, e principalmente Kalel, tem sua história para ser contada. Então, caso as queiram, não se esqueçam de me pedir na sua avaliação.

Caso desejem saber mais sobre os projetos futuros e a respeito de cada um deles, me sigam nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura (e por tudo),

Aline



REDES SOCIAIS

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

OUTROS LIVROS

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e

ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa.
Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa em que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o **completo oposto**. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, de quem ela não suporta a presença um segundo.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir, o tanto quanto, um dia fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: **Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém.** Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre.
Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada.

Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o

fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO

Família Fontes – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Nas voltas que a vida dá, Talita e Gael se encontram dizendo “sim” no altar.

A rejeição à frente de várias pessoas foi o que Talita Kang vivenciou aos dezessete anos, quando Gael Fontes a recusou e humilhou abertamente sobre o possível noivado dos dois.

Porém, como o carma nunca falha, tudo o que o herdeiro dos Fontes necessita quinze anos depois, quando retorna para recuperar a empresa da família, é justamente um casamento por contrato.

O que ele não esperava era que justamente a mulher que quebrou seu coração seria a candidata perfeita, e mais, que ela o escolheria novamente.

Ele a humilhou por um casamento por contrato.

Ele precisa dela agora, pelo mesmo motivo.

Talita se apegou a esse contrato pela sua família, e por uma promessa que apenas ela pode cumprir. Mas nada lhe impede de se divertir com a infelicidade do homem que estará preso nessa mentira com ela. Entre o carma, uma rede de mentiras e corações partidos, até que ponto um casamento por contrato significará apenas isso?

GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA

Família Esteves – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Ter um ditado como aquele sendo uma realidade, depois de tanto tempo, apenas fazia Guta duvidar se realmente queria tal casamento. Augusta que amava Juan, que amava Pâmela, que amava Franco, que amava Carolina, que felizmente, o amava de volta.

Deixada sozinha em casa, após finalmente ter o homem que amava da forma que sempre desejou, Guta parou de se questionar do que era necessário para que aquele casamento fosse real, e aceitou que o amor de Juan Esteves nunca seria seu.

Ela então o deixa para trás, e com ele, todo o sonho do primeiro amor que agora ela jurou que esqueceria. Contudo, o que ela não esperava, depois de tanto tempo, era que criaria algum laço real com ele.

Guta apenas quer os papéis do divórcio e distância, mas se descobre grávida do cowboy que não a ama.

UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO

Família Esteves – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Júlia Medeiros sempre pensou que para bom entendedor, meia palavra bastava. Entretanto, ela não sabia o que entender, quando o homem para o qual se declarou, a abandonou na cama, na companhia de um chapéu. Ela só não tinha ideia do que mais acabou ficando para si.

Oscar Esteves sempre lutou por sua família, e seus irmãos eram seu mundo, contudo, os olhos bonitos da mulher que o encantou desde que a encarou pela primeira vez, sempre vagavam em suas memórias.

Anos depois e uma coincidência do destino, Oscar descobre que aquele amor não resultou em apenas lembranças que ele não conseguia tirar da mente, mas também, em uma filha.

[1] Mastermind – Taylor Swift

[2] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[3] Gorgeous – Taylor Swift

[4] Typa Girl – Blackpink

[5] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[6] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

[7] I'm Only Me When I'm With You– Taylor Swift

[8] Mastermind – Taylor Swift

[9] Seu Perfil – Henrique e Juliano

[10] Seu Perfil – Henrique e Juliano

[11] gold rush – Taylor Swift

[12] Question? – Taylor Swift

- [13] gold rush – Taylor Swift
- [14] Dress – Taylor Swift
- [15] Gorgeous – Taylor Swift
- [16] King of My Heart – Taylor Swift
- [17] Easy – Camila Cabello
- [18] Hard To Love – Blackpink
- [19] august – Taylor Swift
- [20] ...Ready For It? – Taylor Swift
- [21] Don't Blame Me – Taylor Swift
- [22] the 1 – Taylor Swift
- [23] Afterglow – Taylor Swift

[24] Oppa e Unnie são usados pelas mulheres para se referir a homens e mulheres mais velhos, enquanto Hyung e Noona são utilizados com o mesmo propósito, mas pelos homens. Utilizado com pessoas que você tem intimidade, esses honoríficos coreanos podem ser usados para se referir à sua irmã ou irmão mais velho, assim como a um(a) amigo(a) ou namorado(a) mais velho(a). Fonte: <<https://hallyubrasil.com/blog/lingua-coreana/honorificos-coreanos>>

- [25] Midnight Rain – Taylor Swift
- [26] Death By A Thousand Cuts – Taylor Swift
- [27] I don't wanna live forever – Zayn feat. Taylor Swift
- [28] Labyrinth – Taylor Swift
- [29] Hits Different – Taylor Swift
- [30] Afterglow – Taylor Swift
- [31] right where you left me – Taylor Swift
- [32] No Body, No Crime – Taylor Swift feat. HAIM
- [33] Vigilante Shit – Taylor Swift
- [34] I Did Something Bad – Taylor Swift

- [\[35\]](#) Atlantis – Seafret
- [\[36\]](#) Labyrinth – Taylor Swift
- [\[37\]](#) DLMU – Stray Kids
- [\[38\]](#) peace – Taylor Swift
- [\[39\]](#) peace – Taylor Swift
- [\[40\]](#) Atlantis – Seafret
- [\[41\]](#) Vigilante Shit – Taylor Swift
- [\[42\]](#) King Of My Heart – Taylor Swift
- [\[43\]](#) invisible string – Taylor Swift
- [\[44\]](#) Sweet Nothing – Taylor Swift
- [\[45\]](#) invisible string – Taylor Swift
- [\[46\]](#) “Eu te amo” em coreano.
- [\[47\]](#) Sweet Nothing – Taylor Swift
- [\[48\]](#) Daylight – Taylor Swift
- [\[49\]](#) Would've, Could've, Should've – Taylor Swift
- [\[50\]](#) “Mãe” em coreano.